

Código: **272ProMUS** (Categoria **H**)

Nome: **Escola de Carcavelos**

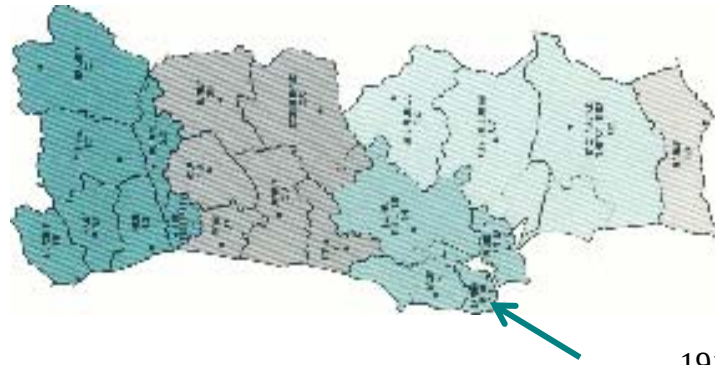
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 214530350

214531685 (Fax)

Endereço postal: **R. da Escola Secundária de Carcavelos**
2775-567 Carcavelos

Endereços electrónicos: ceesc@mail.telepac.pt
info@esec-carcavelos.rcts.pt
<http://www.malhatlantica.pt/escarcavelos>



Zona 3

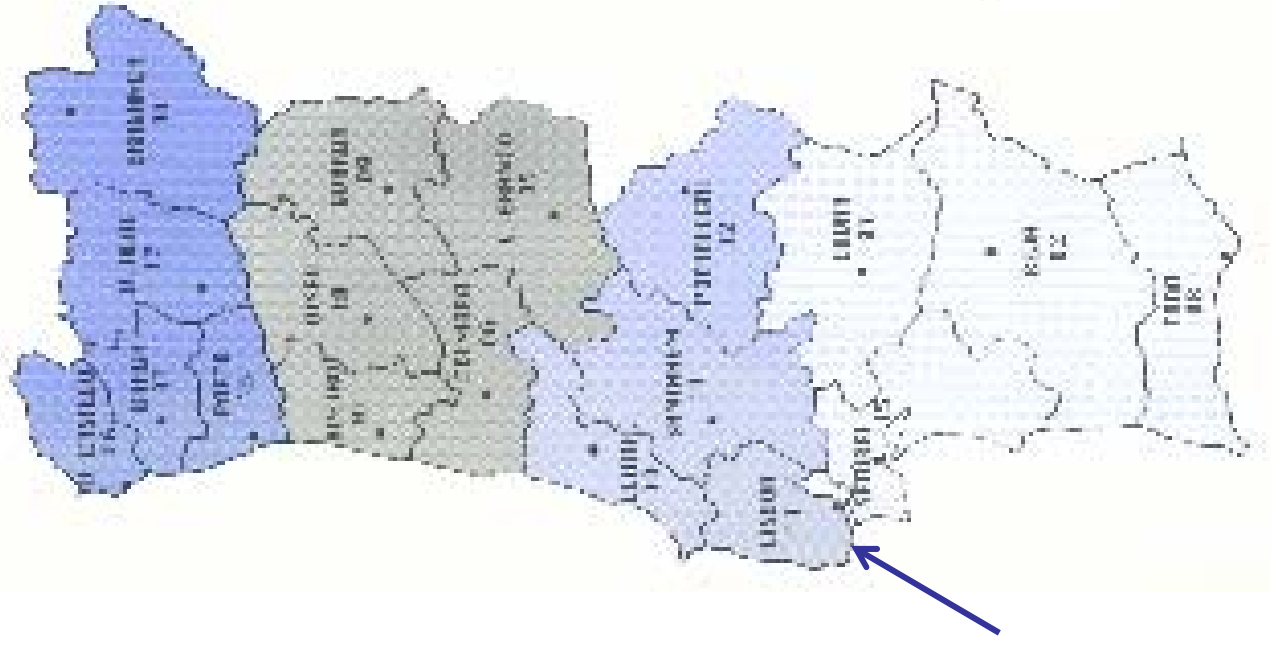
Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1105 - Cascais

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



Existe na escola, cuja origem remonta a 1975/76, um projecto em fase de arranque para a criação de um Museu de Ciências Físico-Químicas, cujo acervo incluirá equipamentos de raiz e trabalhos realizados por alunos.

Estão em desenvolvimento actividades de inventariação/catalogação das peças, bem como de recuperação de alguns aparelhos em mau estado de conservação.

Código: **277MUS** (Subcategoria **L/K**)

Nome: **Escola de Camões**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 213190380

213190381 (Fax)

Endereço postal: **Praça José Fontana**
1050-129 Lisboa

Endereços electrónicos: info@esec-camoes.rcts.pt
camoes@mail.telepac.pt
<http://www.esec-camoes.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



O actual Museu de História da escola, resultou da recuperação e transferência (da Galeria Sul) de uma parte do espólio do Museu de Ciências Naturais (inicialmente chamado Museu de Ciências Biológicas e Geológicas), criado no ano lectivo de 1909/1910, quando o Liceu de Camões, cuja origem remonta ao ano de 1902, foi instalado em edifício próprio, onde desde então permaneceu.

O espólio integral, para além do acervo original, peças adquiridas através de compra ou doação, abrangendo diversas áreas temáticas, nomeadamente Física, Biologia e Geologia (dominantes), e ainda Geografia e Artes Visuais.

As actuais instalações pretendem-se temporárias.

A recuperação do arquivo histórico corresponde a uma actividade de maior dinamismo no momento presente.



1

1: diferentes perspectivas da sala do Museu de História da escola, evidenciando a diversificação temática do espólio, resultante de uma selecção, abrangendo várias áreas disciplinares, de materiais historicamente integráveis

Código: **282MUS** (Subcategoria J/K)

Nome: **Escola Maria Amália Vaz de Carvalho**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 213841910

213863985 (Fax)

Endereço postal: **R. Rodrigo da Fonseca 115**
1070- Lisboa

Endereços electrónicos: ESMAV@mail.telepac.pt

esmavc@mail.telepac.pt

<http://www.rede-nonio.min-edu.pt/es/esamalia>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



Criada em 1885, com o objectivo de “emancipar a mulher pela instrução”, a escola (Maria Pia) ministrava 4 cursos: labores, tipografia, telegrafia e escrituração comercial. Em 1906 foi instituída como primeiro liceu feminino em Portugal (Liceu Maria Pia), passando mais tarde a denominar-se, sucessivamente, Liceu Central de Almeida Garrett e Liceu Feminino de Maria Amália Vaz de Carvalho.

Apenas no ano lectivo de 1933/34 é transferido para as instalações onde ainda hoje funciona.

O actual Museu de Ciências integra o espólio do Laboratório de Ciências original, e ainda vários legados, nomeadamente o de Seomara da Costa Primo, bem como peças adquiridas por compra.

Abrange as áreas temáticas de Ciências Físico-Químicas, Biologia (Zoologia e Botânica), Geologia e Mineralogia, incluindo colecções várias (ex: mapas, rochas, conchas).

O Museu ocupa várias salas e arrecadações.



1



1: o espólio, que inclui, entre outras peças, colecções de mapas, conchas, rochas, minerais e fósseis, encontra-se distribuído por várias salas e arrecadações

Código: **285IntMUS** (Categoria I)

Nome: **Escola de Afonso Domingues**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 218682274

218680342 (Fax)

Endereço postal: **R. Miguel de Oliveira (Quinta das Veigas – Marvila)**
1900-765 Lisboa

Endereços electrónicos:

<http://www.terravista.pt/meiapiaria/2049/>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



A escola, cuja origem remonta a 1884 (Escola de Desenho Industrial), funcionou em diferentes edifícios até ser transferida para as actuais instalações, em 1956.

No corpo oficial, constituído por vários laboratórios (Electricidade, Máquinas Eléctricas, Electrónica) e oficinas (Electrónica, Soldadura, Mecânica, Mecânica-Auto, Electricidade), é patente a riqueza do espólio, que para além dos equipamentos de raiz inclui um número significativo de trabalhos realizados pelos alunos dos antigos cursos.

Em relação ao arquivo morto, que inclui documentos de muito valor, é sentida a necessidade de um trabalho urgente de recuperação.



1



1: nas oficinas da escola encontra-se preservado um espólio muito rico associado aos antigos cursos, nomeadamente Mecânica

Código: **288MUS** (Categoria **L**)

Nome: **Escola de D. João de Castro**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 213616490

213616496 (Fax)

Endereço postal: **R. Jau (Alto de Santo Amaro)**
1300- Lisboa

Endereços electrónicos: info@esec-joao-castro.rcts.pt
esdjcastro@mail.telepac.pt
<http://www.esec-joao-castro.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)

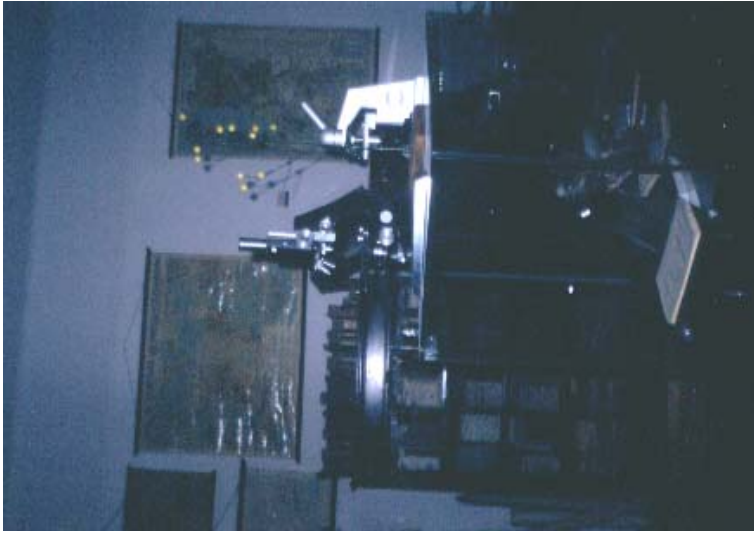


Criada em 1928, como Liceu da Quinta da Nazareth (ou Liceu do Rego), a escola mudou desde então várias vezes tanto de nome como de instalações, até ser transferida, em 1949, para o edifício que actualmente ocupa*.

A dinamização do Museu da Escola, criado em 1994 no âmbito de um projecto para a preservação do espólio acumulado ao longo de décadas, não é considerado actividade prioritária.

Visitado pelas turmas no primeiro dia de aulas, e por antigos alunos esporadicamente, o Museu, onde é retratada a história da escola, encontra-se encerrado há alguns anos.

* O Século XX no D.João de Castro, 1928-1999, edição da Associação dos Antigos Alunos do Liceu D.João de Castro / Escola Secundária D.João de Castro, Lisboa



1



1: a diversidade do espólio reunido no Museu da Escola, ilustra um percurso histórico de cerca de 70 anos

Código: **290** (Categoria **D**)

Nome: **Escola D. Luísa de Gusmão**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 218161160

218161165 (Fax)

Endereço postal: **R. Penha de França, 193**
1199-030 Lisboa

Endereços electrónicos: info@esec-luisa-gusmao.rcts.pt
<http://www.esec-luisa-gusmao.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



Por toda a escola (ex-escola industrial feminina, criada em 1958 em edifício próprio), com os seus amplos átrios e corredores, são visíveis peças, na sua maioria emolduradas, testemunhos do seu percurso histórico.

Nunca foi integrada no projecto da escola a organização do espólio a nível museológico. Embora não exista inventariação, é patente, também a nível da biblioteca e do arquivo, a atenção dispensada à preservação.

Decorrem trabalhos de recuperação/restauro de peças de mobiliário e vários equipamentos, como por exemplo teares, igualmente destinados a uma eventual integração em espaços da escola.

Código: **292IntMUS** (Categoria I)

Nome: **Escola de Ferreira Borges**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 213616060

213635604 (Fax)

Endereço postal: **R. Jau (Alto de Santo Amaro)**
1300-312 Lisboa

Endereços electrónicos: info@esec-ferreira-borges.rcts.pt
escola@mail.pt
<http://www.escolafferreiraborges.homestead.com>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



Fundada em 1893 como Escola Elementar de Comércio, apenas 70 anos mais tarde a escola ocupou o seu actual espaço.

A intenção de elaborar um projecto para a criação de um Museu onde se preservassem os testemunhos da sua história surgiu na sequência de uma exposição realizada com materiais existentes na escola.

Entretanto o espólio, até aqui disperso, vai sendo reunido, verificando-se que muitas peças (relacionadas com os cursos anteriormente leccionados na escola) necessitam de restauro.

Código: **296IntMUS** (Categoria I)

Nome: **Escola Josefa de Óbidos**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 213929000

21____ (Fax)

Endereço postal: **R. Coronel Ribeiro Viana**
1350-089 Lisboa

Endereços electrónicos: info@esec-josefa-obidos.rcts.pt

esjocd@mail.telepac.pt

<http://www.esec-josefa-obidos.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



A escola (ex-industrial), criada em 1952 já nas actuais instalações, possui um espólio predominantemente relacionado com as áreas disciplinares de Têxteis e Secretariado, e que inclui, entre outras peças, equipamentos diversos (teares, máquinas de escrever), mobiliário, e obras concluídas.

Existe a intenção de elaborar um projecto para a criação de um Museu da História da Escola, que ocupará uma área já definida mas ainda não disponível, decorrendo entretanto actividades de inventariação do espólio, disperso por vários locais da escola.

Código: **299MUS** (Categoria Q)

Nome: **Escola Marquês de Pombal**

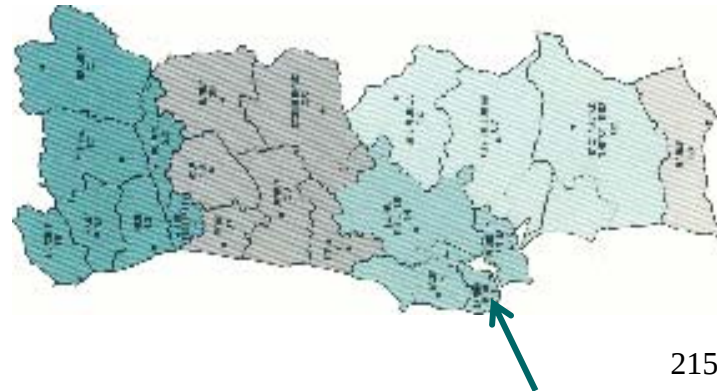
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 213616630

213637560 (Fax)

Endereço postal: **R. Alexandre Sá Pinto**
1349-003 Lisboa

Endereços electrónicos: espombal@mail.telepac.pt
cd12@mail.telepac.pt
info@esec-marques-pombal.rcts.pt
<http://www.malhatlantica.pt/esmarquespombal/>
<http://www.esec-marques-pombal.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



A Sala-Museu Leopoldo Battistini, inaugurada em 1969, encerra um espólio doado à escola (criada em 1884 como escola de desenho industrial, e transferida para as actuais instalações em 1963) por Maria de Portugal (pseudónimo de Albertina dos Santos Leirão), discípula do artista. Pintor e ceramista, a sua obra encontra-se espalhada por todo o país e pelo mundo*.

Do espólio presente no Museu, fazem parte livros e conjuntos de trabalhos de muitos dos seus discípulos, em pastas devidamente identificadas. Quanto às obras de Leopoldo Battistini, elas enquadram-se em diversas categorias, nomeadamente**:

- louças decorativas;
- reproduções;
- estudos diversos;
- obras a pastel, óleo, carvão e aguarela;
- obras em azulejo.

No centenário do nascimento do artista, comemorado a 12 de Janeiro de 1965, foram temporariamente cedidas algumas das suas obras para uma exposição realizada na sua terra de origem, Jesi, em Itália*.

* Pereira O. A., Urze M. A. V. (1989) Notícia sobre Leopoldo Battistini, Excertos da sua passagem por Portugal, 1888-1936, Plátano Editora, Lisboa

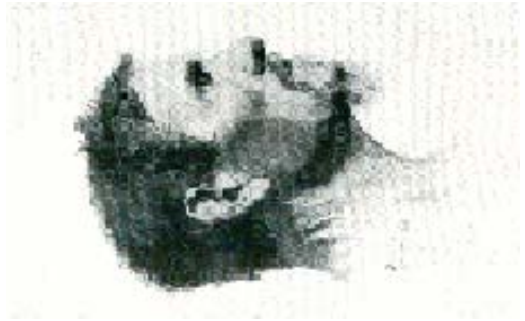
** Sala-Museu Leopoldo Battistini (1969) Escola Industrial Marquês de Pombal, Lisboa



1



2



4



3

- 1: existe um projecto para remodelação / recuperação / ampliação do Museu
- 2: as obras no Museu exigem a transferência temporária do espólio para outro local
- 3: na capela da escola é possível admirar duas obras em azulejo de Leopoldo Battistini: “Altar Três Arcanjos” e “Cristo na Cruz”
- 4: para além de várias peças em cerâmica, do espólio habitualmente exposto no Museu fazem parte obras de Leopoldo Battistini e de alguns dos seus discípulos, a óleo (fotografia da esquerda – Leopoldo Battistini, de Carlos Reis), a carvão (fotografia central – Camponês da Campanha Romana, de L. B.) e a pastel (fotografia da direita – Maria de Portugal, de L. B.)

Código: **300IntMUS** (Categoria I)

Nome: **Escola Padre António Vieira**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 218484111

218477143 (Fax)

Endereço postal: **R. Marquês de Soveral**
1700- Lisboa

Endereços electrónicos: espav@mail.telepac.pt
<http://www.esec-pde-antonio-vieira.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



Criada em 1965, como Liceu masculino, já nas instalações que ainda hoje ocupa, a escola foi acumulando um espólio adquirido maioritariamente por compra, e que se relaciona com as diferentes áreas temáticas correspondentes aos sucessivos cursos nela ministrados, nomeadamente Ciências Físico-Químicas (a maior parte das peças), Biologia, Geologia e Mineralogia, Educação Visual (escultura, serigrafia, fotografia).

Actualmente disperso por diversos laboratórios e salas, existe a intenção de elaborar um projecto para a criação de um Museu da História da Escola.

Código: **301** (Categoria **C**)

Nome: **Escola Passos Manuel**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 213955191

213976839 (Fax)

Endereço postal: **Travessa do Convento de Jesus**
1200- Lisboa

Endereços electrónicos: <http://www.esec-passos-manuel.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



A escola, ex-Liceu de Lisboa (primeiro e único Liceu da capital durante quase 70 anos), iniciou provavelmente a sua actividade em 1841, apesar de ter sido criado de direito em 1836. Após uma longa e acidentada história, com cerca de 30 anos, de alterações e interrupções na construção, o Liceu passou a funcionar nas actuais instalações em 1911*.

No parágrafo 7.2 do ponto 7 do actual Regulamento Interno, referente ao Património, pode ler-se: “É direito e dever de todo o membro da comunidade escolar preservar, defender e valorizar o Património”. E mais adiante: ...”A constituição de um Museu, em articulação com o Centro de Estudos do Património e outros organismos internos e externos à Escola, é um objectivo desejável como forma de preservar, divulgar e possibilitar a fruição do património, assumindo simultaneamente uma dimensão pedagógica”.

É constataável que a ideia de criação de um Museu, registada também num projecto já muito antigo, está a esmorecer.

O espólio, diversificado e disperso pelo espaço escolar, é constituído por peças adquiridas pelo liceu/escola ao longo dos anos, a que se juntou o acervo de um extinto colégio de Campolide.

* Passos 2000, Primavera (2000) Exposição de Artes Visuais, Escola Secundária Passos Manuel, Lisboa

Código: **302MUS** (Categoria **L**)

Nome: **Escola de Patrício Prazeres**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 218140564

218154669 (Fax)

Endereço postal: **Quinta das Comendadeiras – Alto Varejão**
1900-164 Lisboa

Endereços electrónicos: info@esec-patricio-prazeres.rcts.pt
<http://www.esec-patricio-prazeres.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



A escola, criada em 1925, como Escola Comercial Feminina, teve vários endereços e denominações, sendo transferida para o edifício actual em 1956.

Em 1984, foi criado o Museu da Escola, cujo acervo, contendo também inúmeros documentos (uma parte importante do arquivo da escola), abrangia já as áreas temáticas de Física, Química, Biologia, Geologia e Mineralogia. Em 1996 foi transferido para a sala 1.2, que ainda hoje ocupa. O seu nome foi entretanto alterado para Museu Vivo três anos mais tarde (1999), em relação com um projecto no âmbito do Programa Ciência Viva.

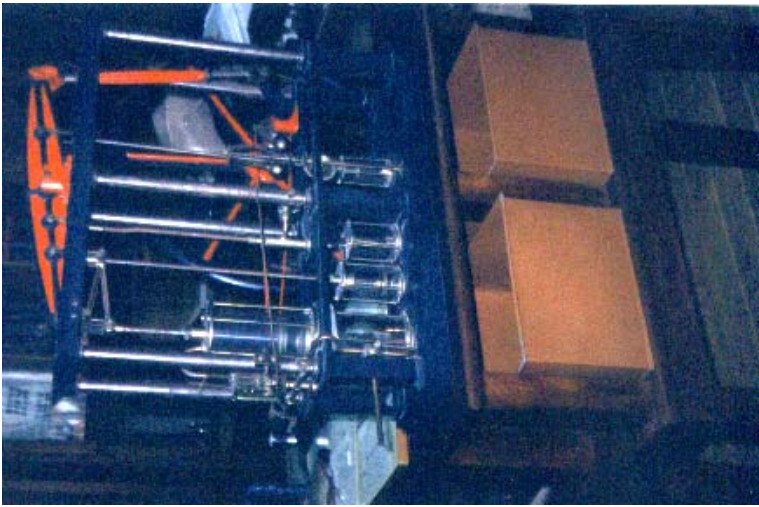
Uma parte do espólio é constituída por equipamentos de raiz, existindo ainda algumas doações (fundamentalmente livros), e um conjunto de peças proveniente do Palácio da Ajuda e que datam dos séculos XVIII e XIX.

Foi efectuada a cedência de algumas peças ao Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, onde se encontram expostas e devidamente identificadas.

Têm sido realizadas na escola actividades no âmbito de diversas disciplinas, como por exemplo História, usando como ponto de partida peças do Museu.



1



1: o Museu Vivo possui um espólio muito diversificado e rico, maioritariamente relacionado com a área disciplinar de Física

Código: **303MUS** (Subcategoria J/K)

Nome: **Escola de Pedro Nunes**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 213940090

213965269 (Fax)

Endereço postal: **Avenida Álvares Cabral
1250- Lisboa**

Endereços electrónicos: info@esec-pedro-nunes.rcts.pt
ce.espn@mail.telepac.pt
<http://www.esec-pedro-nunes.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1106 – Lisboa

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)

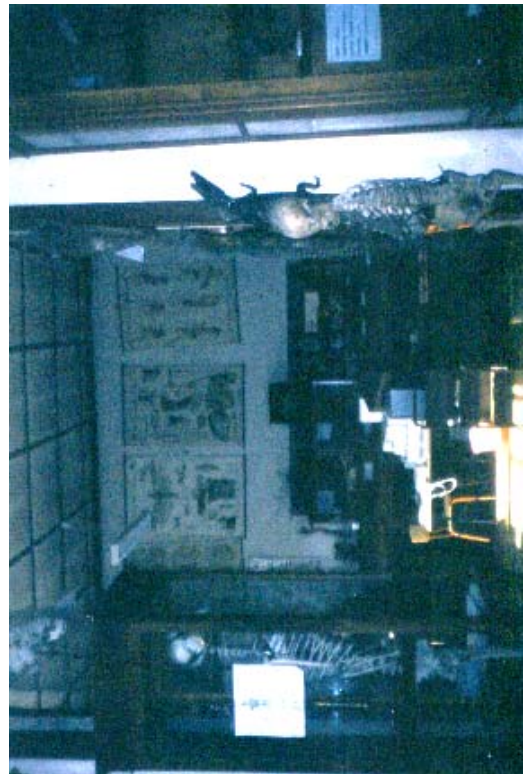


O Museu de Ciências da escola (ex-Liceu, criado em 1911 no edifício actual) existiu provavelmente desde a sua origem. Esteve no entanto encerrado durante muitos anos, e em 1988 (?) reabriu à comunidade escolar.

Possui um espólio relacionado com as áreas disciplinares de Biologia e Geologia, nomeadamente mapas, modelos, esqueletos, animais embalsamados e conservados em formol, rochas e minerais. Após a reabertura foi ainda enriquecido com algumas doações, em particular uma colecção de fósseis.



1



1: o Museu de Ciências (Biologia e Geologia) encerra um espólio diversificado e rico, constituído por peças de raiz e algumas doações

Código: 319 (Categoria **A**)

Nome: **Escola da Ramada**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 219340245

21____ (Fax)

Endereço postal: **Project. Estrada Nacional**
2675- Ramada

Endereços electrónicos: info@esec-ramada.rcts.pt
<http://www.esec-ramada.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1116 - Odivelas

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



No terreno onde a escola (inaugurada no ano lectivo de 1980/81) foi construída, existia um moinho em ruínas (Moinho das Covas), cuja origem remonta a 1884*.

A escola procedeu, com a participação da Junta de Freguesia da Ramada e da Câmara Municipal de Loures, à sua recuperação, tendo o empreendimento sido concluído em 1996.

No interior do moinho, com o seu espaço diminuto, está exposto um reduzido espólio ligado ao fabrico do pão, e obtido através de doações.

Por vezes o moinho funciona e fabrica-se pão, na casa de moleiro edificada perto dele. A iniciativa de o abrir ao público ao fim-de-semana não resultou, pois a afluência não compensava os gastos.

Por vezes realizam-se visitas guiadas, principalmente quando alunos de outras escolas visitam o moinho.

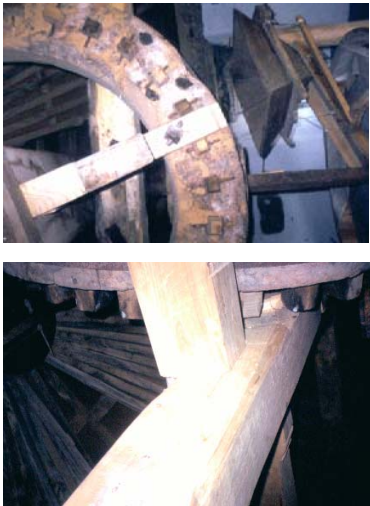
* Moinho das Covas, Ramada, Câmara Municipal de Loures, Divisão de Informação e Relações Públicas



1



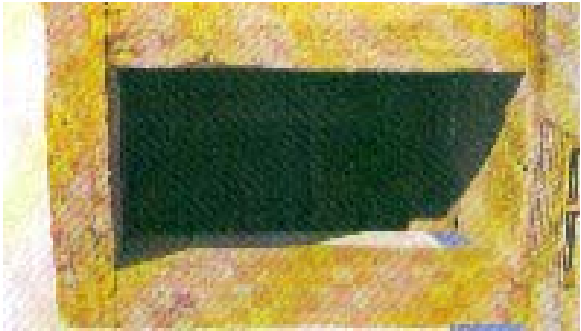
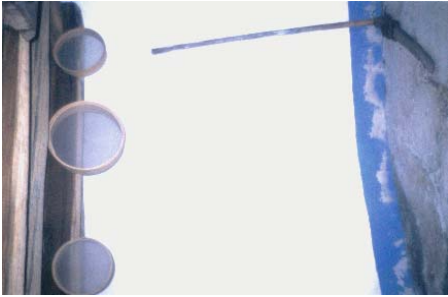
2



4



3



5

- 1: o Moinho das Covas, hoje totalmente recuperado, possui dois pisos e uma loja*
- 2: no piso superior do moinho, a mó (alueiro) serve para moer trigo*
- 3: no piso inferior, a mó (urgeiro) destina-se à moagem do milho e de outros cereais*
- 4: o moinho encontra-se numa zona verde e no seu espaço, para além da construção do chão com pedra de calçada antiga, foi edificada uma típica casa de moleiro, com um forno onde por vezes se coze pão saloio com a farinha fabricada no moinho*
- 5: na loja, onde tradicionalmente se processavam as tarefas relacionadas com o acondicionamento e venda das farinhas, encontra-se hoje exposto um espólio reduzido associado ao fabrico do pão

Código: **322ProMUS** (Categoria **H**)

Nome: **Escola Agrícola D. Dinis**

Tipo: **escola profissional (Profis.)**

Endereços telefónicos: **214788840**

214788849 (Fax)

Endereço postal: **R. Pedro Álvares Cabral - Paia**
1679-003 Pontinha

Endereços electrónicos: epapaia@mail.telepac.pt
<http://www.epadd-paia.pt>
<http://www.ep-agricola-d-dinis-paia.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1116 - Odivelas

DRE Lisboa (DREL)

CAE 11 – Lisboa

(Sede – Lisboa)



A escola, cuja origem remonta a 1919 (como Escola Profissional de Agricultura do Distrito de Lisboa), foi instalada num terreno com uma área aproximada de 220 (hoje reduzidos a 100) hectares.

A ideia antiga (projecto de 1995/96) de criar, na antiga vacaria da escola, em ruínas após um incêndio e já recuperada para esse efeito, um Museu que, com o espólio existente, permitisse preservar as referências rurais numa área em acelerado processo de urbanização, ganhou contornos mais definidos no ano lectivo de 1999/2000. Para tal contribuiu a assinatura de um protocolo com a Câmara Municipal de Odivelas, no sentido de criar um Núcleo Museológico (N. M. da Paiã), na vacaria recuperada (hoje também espaço de aulas).

O espólio, relacionado com a agricultura e actividades associadas, desenvolvendo predominantemente a temática da evolução das máquinas agrícolas, abrange ainda as vertentes de arquivo e biblioteca. Constituído maioritariamente por equipamento de raiz, prevê-se o seu enriquecimento através de doações.

O espaço encontra-se parcialmente preparado, a inventariação/catalogação das peças de maiores dimensões foi já concluída, e realizaram-se alguns trabalhos de restauro. A maior parte do espólio está concentrada no espaço do futuro Museu, embora alguns equipamentos de maiores dimensões se encontrem ainda dispersos pelos terrenos da escola.

Algumas peças têm sido cedidas temporariamente:

- para exposições relacionadas com o mundo rural, na Câmara Municipal de Loures;
- para a exposição “O voo do arado”, no Museu de Emologia..



1



2



1: o Museu será instalado na antiga vacaria da escola, já recuperada

2: a maior parte das peças do espólio encontram-se já reunidas no espaço do futuro Museu

Código: **325ProMUS** (Categoria **H**)

Nome: **Escola Amélia Rey Colaço**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

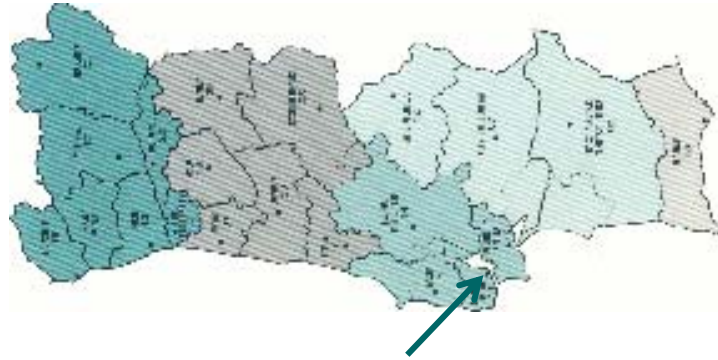
Endereços telefónicos: 214146240

214146245 (Fax)

Endereço postal: **R. Manuel Ferreira – Alto de Santa Catarina**
2795-999 Linda-a-Velha

Endereços electrónicos: ce.esarc@mail.telepac.pt

<http://www.esec-amelia-rey-colaco.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1110 – Oeiras

DRE Lisboa (DREL)

CAE 23 – Lisboa Ocidental

(Sede – Massamá)



Na escola, criada em 1980 (Escola Secundária de Belém-Algés) e transferida em 1999 para as actuais instalações, existe um projecto (iniciado em 2000/2001) para criação de um Museu de Ciências Naturais, que pressupõe a sua abertura à comunidade escolar no ano lectivo de 2002/2003.

Reunido no Actual Biotério (que se prevê venha a integrar a futura área do Museu), o espólio, inicialmente constituído por material de origem da própria escola, tem sido progressivamente enriquecido através de doações e de colheitas realizadas em visitas de estudo. A área temática dominante neste momento é Malacologia.

Decorrem actividades de catalogação, com vista à futura exposição das peças, e uma ampla pesquisa bibliográfica, particularmente orientada para técnicas de preparação de material e sua apresentação.

Pretende-se pôr em funcionamento áreas oficiais diversas no futuro Museu, que constituirá também um apoio precioso às aulas, tanto teóricas como práticas.

Código: **333** (Categoria **E**)

Nome: **Escola da Sarrazola**

Tipo: escola básica dos 2º e 3º ciclos com ensino secundário (B2,3+S)

Endereços telefónicos: 219288130

219290670 (Fax)

Endereço postal: **Avenida Dr. Brandão de Vasconcelos, 355**
2705-182 Colares

Endereços electrónicos: info@eps-sarrazola.rcts.pt
admin@galileu.sarrazola.org
<http://www.terravista.pt/mussulo/2453/>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1111 – Sintra

DRE Lisboa (DREL)

CAE 23 – Lisboa Ocidental

(Sede – Massamá)



As origens da escola remontam ao ano de 1975, em que é criada a Escola Preparatória de Colares, num terreno (Quinta da Sarrazola) contíguo ao das actuais instalações, ainda provisórias, e onde a escola funciona desde 1982.

Com a criação do Clube do Património, no ano lectivo de 1991/92, teve início a constituição de um acervo documental, associado à realização de um conjunto de actividades marcadas por referências cada vez mais orientadas para a recuperação da memória histórica e cultural da região, predominantemente do Concelho de Sintra / região de Colares.

Alguns dos projectos desenvolvidos pelo Clube nos anos seguintes foram particularmente importantes para o alargamento do acervo inicial e criação do arquivo documental:

- 1993/94 – reconstituição histórica da “Outorga do Foral Manuelino à vila de Colares”;
- 1995/96 – “Mostra de Cultura Saloia”;
- 1996/97 – “A vinha e o vinho na região de Colares”.

A partir do ano de 1997/98 o arquivo continuou a ser enriquecido e rentabilizado, em particular através de um levantamento efectuado a nível da Imprensa local.

O Clube do Património inclui em cada plano anual de actividades um item que passa pela actualização e enriquecimento de Núcleo Documental.

O espaço onde se encontra actualmente o acervo é a sala de Audiovisuais, de que se reconhecem as limitações tanto em termos de visualização como de consulta e trabalho.

Código: **351MUS** (Categoria **L**)

Nome: **Escola da Amadora**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 214996280

21____ (Fax)

Endereço postal: **Avenida Alexandre Salles - Reboleira**
2720-012 Amadora

Endereços electrónicos: info@esec-amadora.rcts.pt
<http://www.esec-amadora.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1115 – Amadora

DRE Lisboa (DREL)

CAE 24 – Lisboa Norte

(Sede – Lisboa)

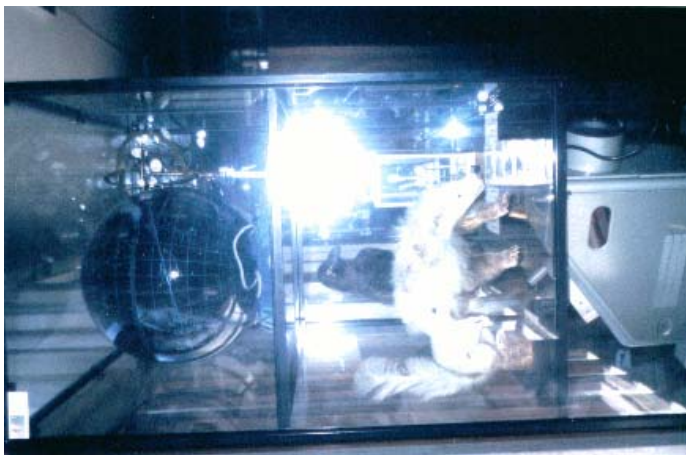


A escola, criada em 1972, no edifício actual, como Liceu Nacional da Amadora, possui desde 1997 um Museu alusivo à sua história (Museu da Escola), no qual o Desporto é a área temática dominante (na escola existe, desde 1984, um pavilhão gimnodesportivo).

Nem todo o espólio se encontra exposto, por limitações de espaço, existindo materiais em reserva na sala de Clubes.



1



1: o Museu da Escola, no pavilhão polivalente, possui um espólio fundamentalmente constituído por material proveniente da criação da escola (Ciências Naturais, Ciências Físico-Químicas, Geografia) e taças ganhas pela equipa federada da escola e por grupos de alunos

Código: **356MUS** (Categoria Q)

Nome: **Escola Seomara da Costa Primo**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 214985990

214985998 (Fax)

Endereço postal: **R. Elias Garcia 329**
2700-323 Amadora

Endereços electrónicos: info@esec-seomara-costa-primo.rcts.pt
<http://www.terravista.pt/enseada/5400>



Zona 3

Distrito 11 – Lisboa

Concelho 1115 – Amadora

DRE Lisboa (DREL)

CAE 24 – Lisboa Norte

(Sede – Lisboa)



Entre a escola (criada em 1980, como Escola Básica, nas instalações que ainda hoje ocupa) e a Câmara Municipal da Amadora, foi assinado um protocolo que conduziu à organização do “Espólio Seomara”, em 1989, instalado em espaço próprio dez anos mais tarde, e adoptando então a designação de “Núcleo Museológico Seomara da Costa Primo”.

O espólio é integralmente produto de doações:

- da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho;
- do Museu-Escola Jardim Botânico;
- da Dra. Maria Luísa Azevedo Neves.

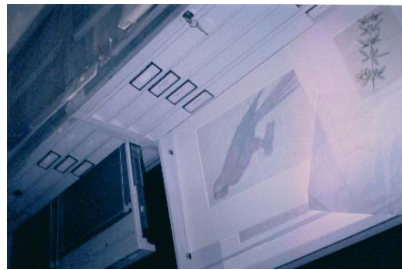
Os 600 espécimes que integram o acervo, abrangem aguarelas originais, manuais escolares, publicações e apontamentos, fotografias, objectos pessoais e livros diversos.

São objectivos do Núcleo Museológico:

- divulgar a figura e a obra da patrona;
- revalorizar a figura de Seomara da Costa Primo;
- contribuir para uma maior identificação dos alunos com a escola;
- promover a troca de informação entre a escola e a comunidade local.



1



3



2



4

- 1: três perspectivas da “área de reserva” do Núcleo Museológico
- 2: as condições de luminosidade e humidade da sala são controladas
- 3: o espólio é produto integral de doações
- 4: algumas aguarelas originais de Seomara da Costa Primo incluídas no espólio

Código: **360ProMUS** (Categoria **H**)

Nome: **Escola de Alcanena**

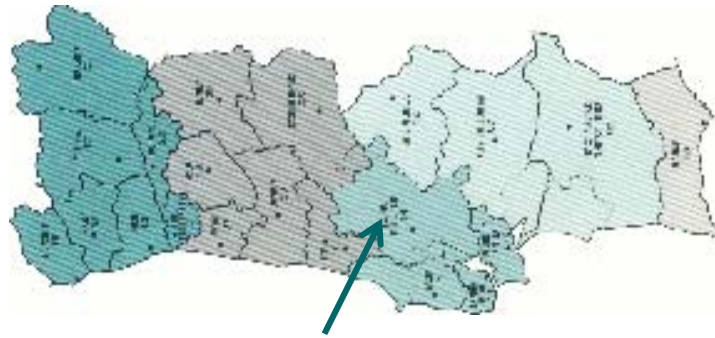
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 249887395

249887399 (Fax)

Endereço postal: **Avenida Marquês de Pombal (Apartado 58)**
2380- Alcanena

Endereços electrónicos: tesc1108@mail.telepac.pt
titosoff@netscape.net (autor da nova página)
<http://www.terravista.pt/nazare/2051/>
<http://www.esec-alcanena.rcts.pt>



Zona 3

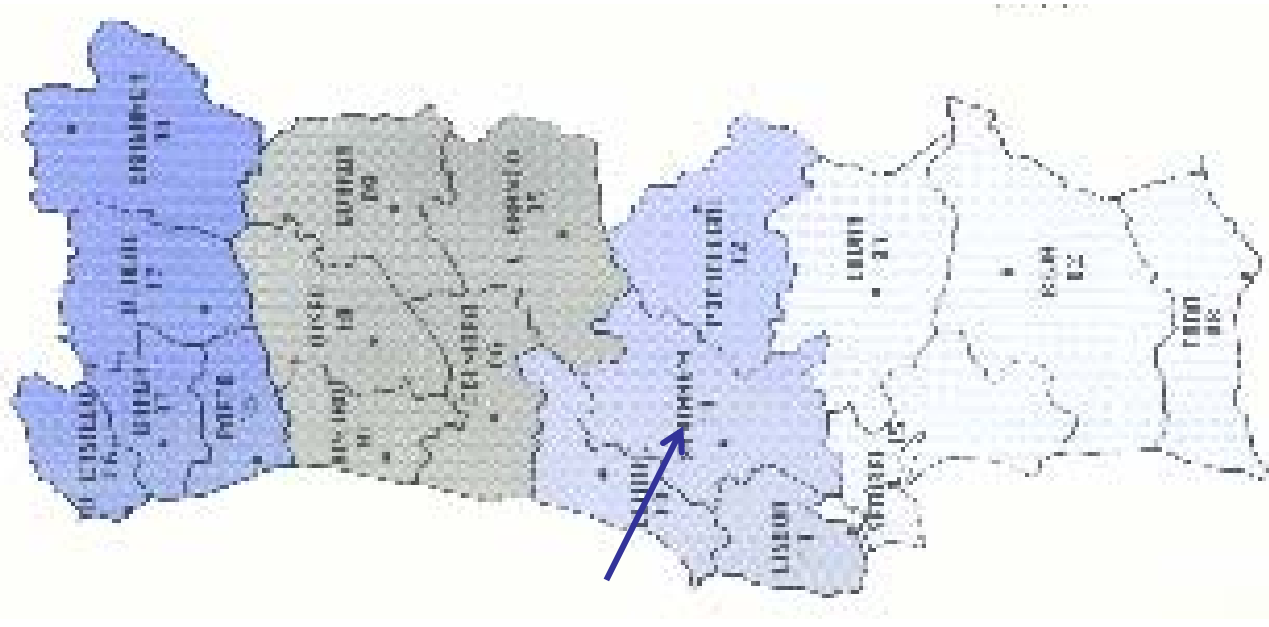
Distrito 14 – Santarém

Concelho 1402 – Alcanena

DRE Lisboa (DREL)

CAE 14 – Lezíria e Médio Tejo

(Sede – Santarém)



A escola foi criada em 1965 noutro edifício, como extensão da Escola Industrial de Torres Novas, tornada autónoma em 1971, e transferida para as instalações actuais no ano lectivo de 1986/87.

A ideia de criar um Museu que retratasse a história da escola, nasceu no “Clube do Património Local e Escolar”, que fez despertar a consciência da riqueza de um espólio (fundamentalmente constituído por máquinas) já muito desfalcado por venda de peças.

O projecto, já elaborado, integra também a criação de um Centro de Documentação, encontrando-se em vias de desenvolvimento diversas actividades, nomeadamente:

- pesquisa e recolha, no arquivo morto da escola;
- inventário;
- catalogação, para a qual foi elaborada uma ficha própria;
- recuperação/restauro, com o envolvimento de alunos sob a orientação de professores;
- pesquisa da memória oral;
- recolha de eventuais doações.

O espólio encontra-se ainda disperso por vários locais da escola, incluindo o espaço do futuro Museu, um antigo pavilhão para curtumes, que exige algumas obras de conservação.

Código: **372MUS** (Categoria J)

Nome: **Escola Dr. Augusto César da Silva Ferreira**

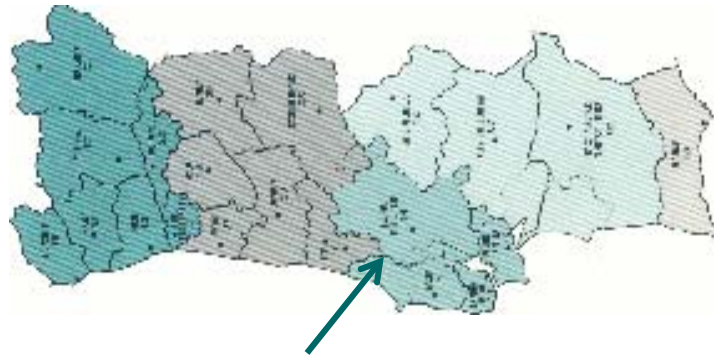
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 243999040

243999045 (Fax)

Endereço postal: **Largo da Pá da Ribeira**
2040-227 Rio Maior

Endereços electrónicos: serm9024@mail.telepac.pt
info@esec-dr-a-c-silva-ferreira.rcts.pt
<http://www.esec-dr-a-c-silva-ferreira.rcts.pt>



Zona 3

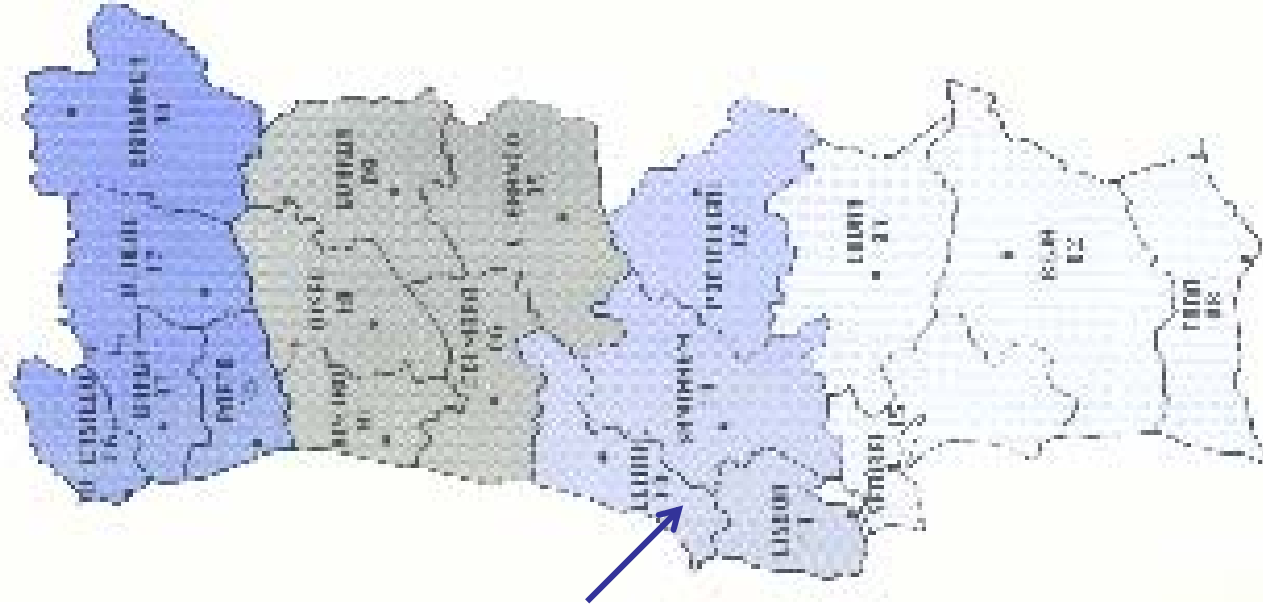
Distrito 14 – Santarém

Concelho 1414 – Rio Maior

DRE Lisboa (DREL)

CAE 14 – Lezíria e Médio Tejo

(Sede – Santarém)



A origem da escola remonta à criação do Curso Comercial em 1924, a funcionar inicialmente na Escola Primária da então Vila de Rio Maior. Mais tarde assegurado por uma secção da Escola Comercial e Industrial das Caldas da Rainha, o ensino secundário deu origem, em 1975, à Escola Secundária de Rio Maior, transferida para as instalações actuais entre 1984 e 1986.

Há cerca de vinte anos foi criado na escola um Museu Mecanográfico, cujo espólio abrange as áreas temáticas de Mecanografia (dominante), Contabilidade, Secretariado e Práticas Administrativas.

Hoje reunido na sala (actualmente também espaço de aulas) Professor António Machado Feliciano Júnior (impulsionador do projecto), o espólio é constituído por peças doadas por empresas e pessoas singulares da comunidade, para além do material de origem da própria escola. Algumas doações têm sido recusadas por falta de espaço para colocar novas peças.

Estão em curso actividades de catalogação, realizadas no contexto da área-escola.

Existe proposta para a cedência global do espólio à Biblioteca Municipal e à Casa Senhorial de El-Rei D. Miguel.



1



2



- 1:** o espólio, predominantemente ligado, como o indica o nome do Museu, à Mecanografia, encontra-se reunido na sala Professor Antônio Machado Feliciano Júnior, com exceção de uma máquina de impressão que, pelas suas dimensões, foi colocada no átrio do mesmo pavilhão
- 2:** diversos tipos de máquinas integram o espólio (computadores, máquinas de escrever, máquinas de calcular, máquinas de contabilidade, máquinas de impressão, etc.)

Código: 374 (Categoria D)

Nome: Escola Dr. Ginestal Machado

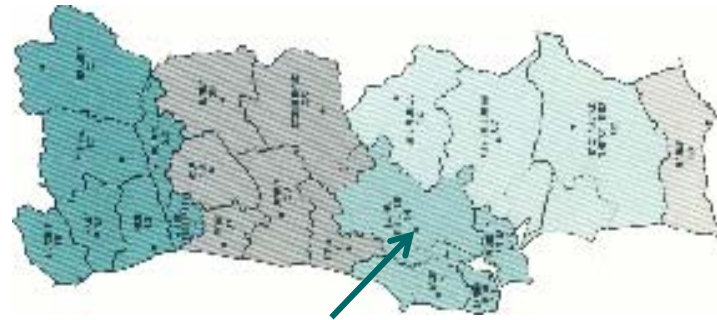
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 243309650

243309651 (Fax)

Endereço postal: Praça Bento de Jesus Caraça
2000-201 Santarém

Endereços electrónicos: escsec.gmachado@mail.telepac.pt
gmachado@mail.telepac.pt
<http://ginestal.santarém.org>
<http://www.esec-dr-ginestal-machado.rcts.pt>
<http://ginestal.pt.vu>



Zona 3

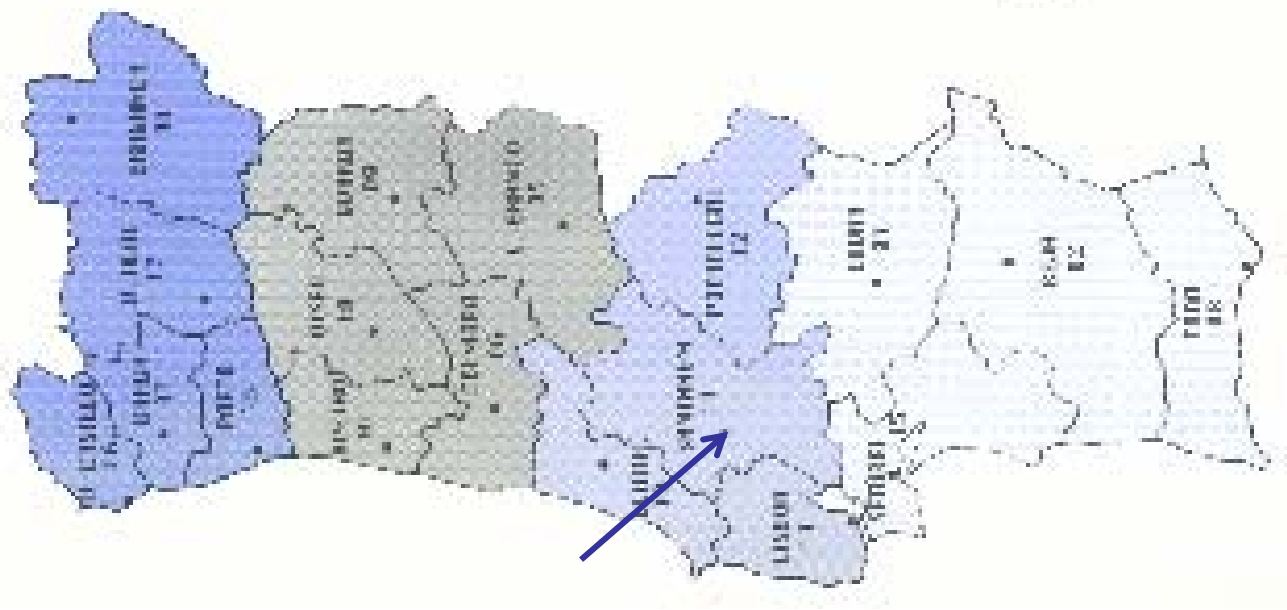
Distrito 14 – Santarém

Concelho 1416 – Santarém

DRE Lisboa (DREL)

CAE 14 – Lezíria e Médio Tejo

(Sede – Santarém)



A escola, criada em 1956 como Escola Industrial e Comercial de Santarém, a funcionar simultaneamente em vários edifícios, foi transferida para as actuais instalações em 1968.

Sem museu nem projecto para a sua criação, possui um espólio rico constituído por algumas doações e fundamentalmente por materiais e trabalhos dos antigos cursos, relacionados com diferentes áreas disciplinares.

Inventariado, preservado e exposto em armários nos corredores do rés-do-chão, é actualizado anualmente e permite, ao longo de uma visita que inclua também as oficinas, uma retrospectiva bastante clara da história da escola.



1

2

- 1: uma grande parte do espólio está exposta ao longo dos corredores da escola, geralmente no interior de armários envidraçados
- 2: as oficinas constituem, com os seus equipamentos e muitas peças construídas pelos alunos, um retrato significativo da história da escola

Código: **375MUS** (Subcategoria J/K)

Nome: **Escola de Sá da Bandeira**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 243323109

243328437 (Fax)

Endereço postal: **Praça Prof. Egas Moniz**
2000-136 Santarém

Endereços electrónicos: sa.bandeira@essb.pt
<http://www.11h.cjb.net/>
<http://www.essb.pt>



Zona 3

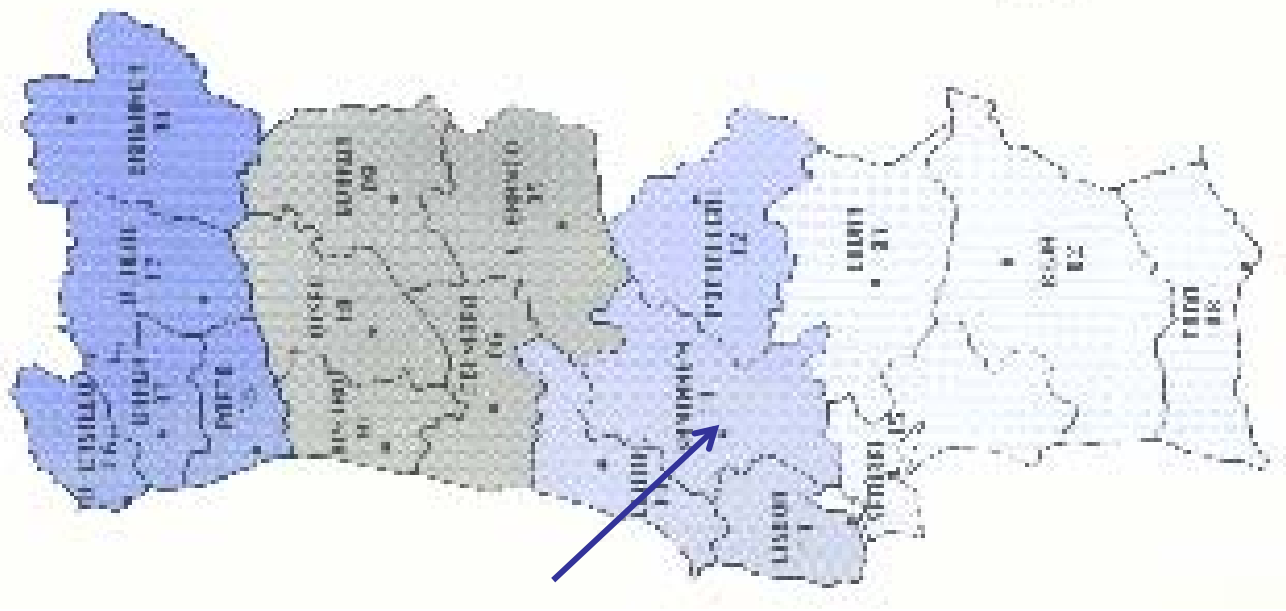
Distrito 14 – Santarém

Concelho 1416 – Santarém

DRE Lisboa (DREL)

CAE 14 – Lezíria e Médio Tejo

(Sede – Santarém)



A escola, ex-Liceu de Santarém, criado em 1843 e transferido para as actuais instalações 100 anos mais tarde (em 1943) possui, desde essa data, um Museu de Ciências Naturais, abrangendo as áreas disciplinares de Biologia, Geologia e Mineralogia.

O espólio, que para além das peças de raiz foi ampliado por doações (de colégios extintos e do Museu Real) e aquisições diversas, distribui-se por uma vasta área do edifício, que inclui:

- o átrio sul do 1º andar;
- o átrio norte do 1º andar;
- o corredor de ligação entre os dois átrios;
- o corredor de ligação entre a entrada e a reprografia, no rés-do-chão.

Totalmente inventariado, é objecto de actividades de conservação no final de cada ano lectivo, nomeadamente a desinfestação dos animais embalsamados, efectuada por uma empresa especializada.

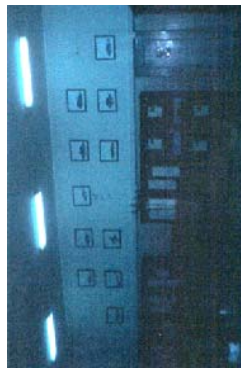
São por vezes organizadas exposições temáticas, e o Museu cumpre um papel importante de apoio às aulas.



3



1



2



- 1: uma parte do espólio (Mineralogia / Geologia) está exposta no corredor de ligação entre a entrada e a reprografia, no rés-do-chão
- 2: nos átrios sul e norte do 1º andar encontram-se também algumas peças do Museu e outros materiais que integram o património escolar
- 3: a área disciplinar de Biologia está representada, entre outras peças, por animais embalsamados, esqueletos, ovos e ninhos, maioritariamente expostos no corredor de ligação entre os átrios norte e sul, no 1º andar

Código: **377MUS** (Categoria **L**)

Nome: **Escola de Jácome Ratton**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 249310050

249323065 (Fax)

Endereço postal: **Avenida D. Maria II**
2300-435 Tomar

Endereços electrónicos: esjr@mail.telepac.pt (CE)
info@esec-jacome-ratton.rcts.pt (alunos)
<http://www.esec-jacome-ratton.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 14 – Santarém

Concelho 1418 – Tomar

DRE Lisboa (DREL)

CAE 14 – Lezíria e Médio Tejo

(Sede – Santarém)



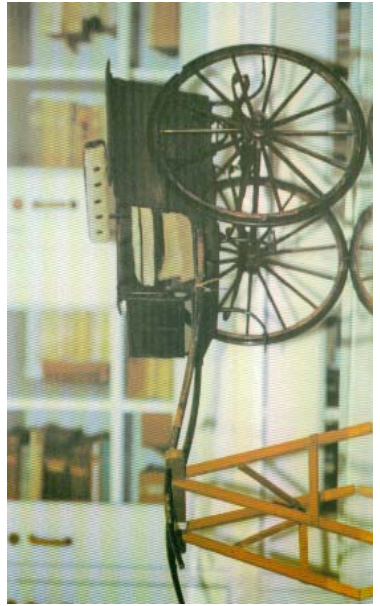
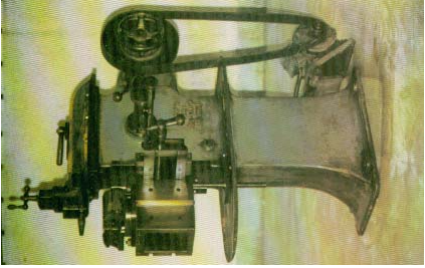
O Núcleo Museológico da escola (ex-Escola de Desenho Industrial criada em 1884), que foi inaugurado na data do seu 113º aniversário, a 16 de Maio de 1997, é responsável pela preservação e exposição de um espólio diversificado, acumulado ao longo da vida da escola, e que permite a reconstituição da sua história.

Do acervo, que para além dos equipamentos de raiz (do edifício actual, para onde a escola foi transferida em 1958), integra ainda trabalhos relacionados com os antigos cursos, e também algumas doações, fazem parte, entre outras peças:

- documentação diversa, respeitante à gestão, contabilidade, arquivos bibliográfico e fotográfico;
- gessos decorativos e para execução de desenho à vista;
- bordados e tecelagem (cursos de formação feminina);
- trabalhos em madeira (área de marcenaria artística);
- material didáctico diverso;
- provas de caligrafia e de dactilografia;
- trabalhos em cerâmica, metal e vidro.

A maior parte das peças estão reunidas (e distribuídas por zonas temáticas) na antiga sala de têxteis, previamente preparada para o efeito com a colaboração da Câmara Municipal de Tomar.

O Instituto Politécnico de Tomar tem também contribuído com a sua participação em actividades de restauro.



2



1

1: Núcleo Museológico da escola – vista geral *

2: trabalhos diversos realizados por antigos alunos e expostos no Museu *

* as imagens correspondem a postais gentilmente cedidos durante a visita ao Núcleo Museológico

Código: **382MUS** (Categoria **N**)

Nome: **Escola D.Maria II**

Tipo: escola básica dos 2º e 3º ciclos com ensino secundário (B2,3+S)

Endereços telefónicos: 249720220

249720227 (Fax)

Endereço postal: **R. Estrada do Pedregoso**
2260-435 Vila Nova da Barquinha

Endereços electrónicos: info@eps-v-n-barquinha.rcts-pt
<http://www.eps-v-n-barquinha.rcts.pt>



Zona 3

Distrito 14 – Santarém

Concelho 1420 – Vila Nova da Barquinha

DRE Lisboa (DREL)

CAE 14 – Lezíria e Médio Tejo

(Sede – Santarém)



Existe na escola (com origem em 1971 como Escola Preparatória de Vila Nova da Barquinha e transferida para as actuais instalações em 1991) uma sala de exposições denominada Galeria/Museu, inaugurada, depois de concluído o seu adequado apetrechamento, no primeiro período do ano lectivo de 1999/2000.

O espólio acumulado (ou temporariamente cedido) no contexto das exposições e de outras actividades realizadas, é guardado no vestiário, sala anexa ao Museu.

Código: **388ProMUS** (Categoria **E**)

Nome: **Escola Emídio Navarro**

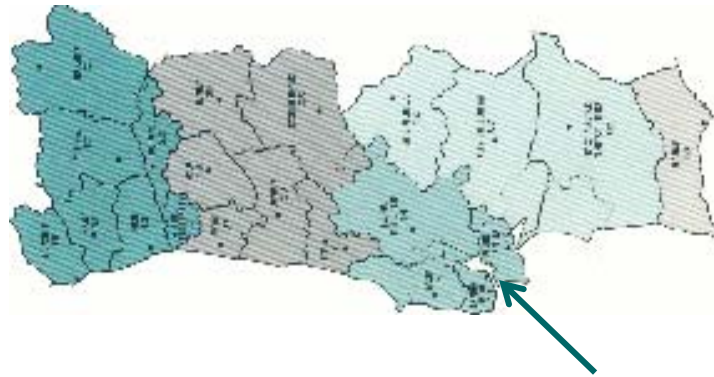
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 212721210

212763741 (Fax)

Endereço postal: **R. Luís de Queiroz**
2800- Almada

Endereços electrónicos: esen@mail.telepac.pt
<http://www.nonioxxi.pt/~hp23>
<http://www.esec-emidio-navarro-alm.rcts.pt>



Zona 4

Distrito 15 – Setúbal

Concelho 1503 – Almada

DRE Lisboa (DREL)

CAE 15 – Península de Setúbal
(Sede – Setúbal)



A origem da escola remonta à criação da primeira escola industrial e comercial de Almada, em 1955, tendo a transferência para as actuais instalações ocorrido no ano lectivo de 1958/59.

Existe desde 1998/99 um projecto, que tem sido periodicamente actualizado, para a criação de um Museu na escola que integre também as vertentes de Biblioteca e de Arquivo.

O espólio, por enquanto disperso, na sua maioria, por laboratórios, oficinas, corredores, e pelo sótão, inclui trabalhos realizados pelos alunos dos antigos cursos da escola, e os respectivos equipamentos, bem como algumas doações. Do Museu poderão também vir a fazer parte materiais de Ciências Físico-Químicas e Biologia, actualmente em fase de inventariação.

A catalogação referente à Biblioteca está já concluída, mas o trabalho associado ao Arquivo (que será instalado na ex-sala de Informática), está ainda muito atrasado.

O espaço do Museu/Biblioteca (correspondente à antiga biblioteca da escola), será também um local de trabalho para alunos e professores.

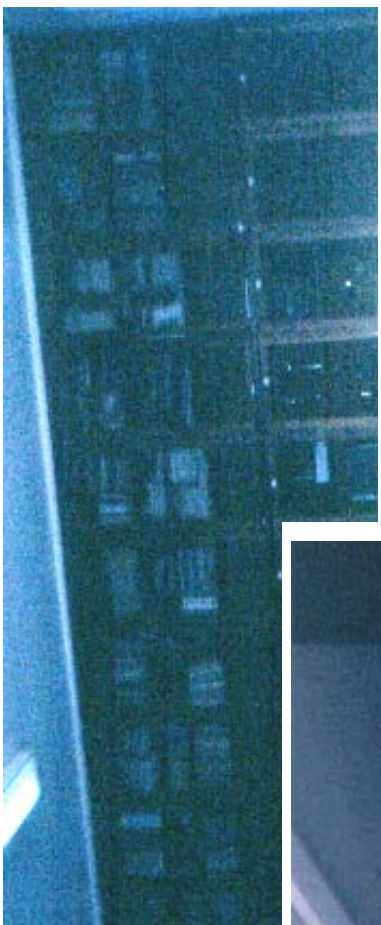
Prevê-se um funcionamento coordenado do futuro Museu com o Museu da Cidade de Almada.



2



1



1: na ex-biblioteca da escola será instalado o Museu/Biblioteca

2: na sala contígua ao futuro Museu, vão sendo progressivamente recolhidas diversas peças do espólio

Código: **394MUS** (Categoria J)

Nome: **Escola de Sobreda**

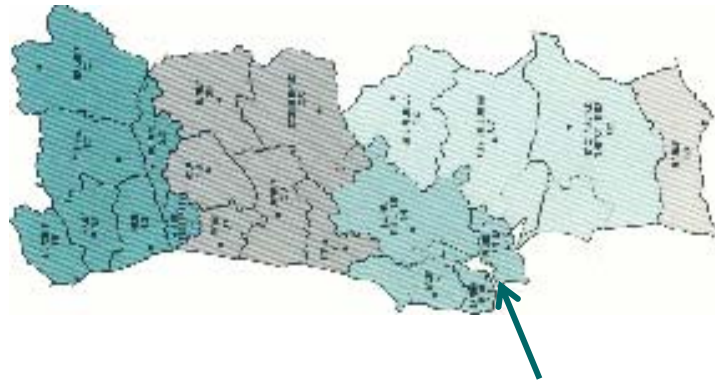
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 212955724

212953318 (Fax)

Endereço postal: **R. Dr. Alberto Araújo – Vale Figueira**
2815-811 Sobreda

Endereços electrónicos: info@esec-sobreda.rcts.pt
<http://www.esec-sobreda.rcts.pt>



Zona 4

Distrito 15 – Setúbal

Concelho 1503 – Almada

DRE Lisboa (DREL)

CAE 15 – Península de Setúbal

(Sede – Setúbal)



A escola foi construída e inaugurada em 1987, no edifício actual, já como Escola Secundária.

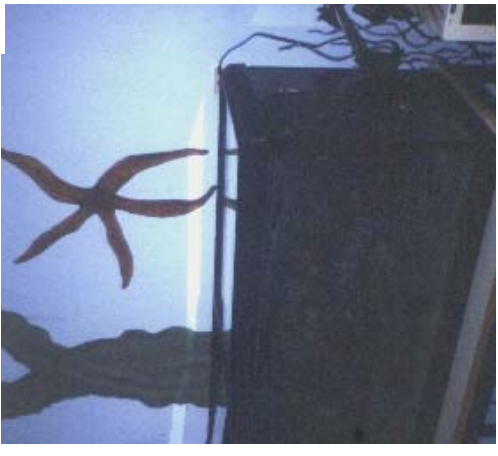
No ano lectivo de 1997/98 foi criado o Biomuseu, que abrange as áreas disciplinares de Biologia (Aquariorfilia) e Botânica (plantas aquáticas).

Totalmente equipado com o produto de doações e de aquisições pela escola, foi instalado numa sala previamente dotada da instalação eléctrica necessária à manutenção de aquários.

Inicialmente com um aquário de água salgada, hoje mantém cerca de uma dezena de aquários, de água doce, quente e fria, dotados de termostatos, sistemas de filtragem e bombas de ar.

O Biomuseu é local de realização de aulas práticas e desenvolve actividades de catalogação (que incluem a classificação científica de espécies) e de manutenção (limpeza e testes, alimentação).

Procura-se a diversificação/substituição de espécies, baseada num estudo permanente de compatibilidades no ecossistema.



1: no Biomuseu são actualmente mantidos em funcionamento cerca de uma dezena de aquários de água doce

Código: **411MUS** (Categoria **M**)

Nome: **Escola Moinho de Maré**

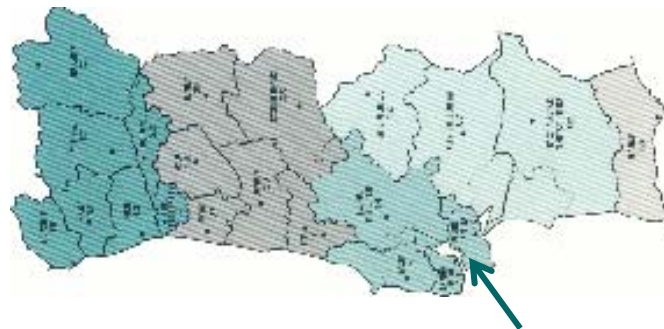
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 212538881

212539150 (Fax)

Endereço postal: **R. Sebastião da Gama – Urb. Quinta do Rouxinol**
2855-247 Corroios

Endereços electrónicos: info@esec-moinho-mare.rcts.pt
your@clix.pt
moinho.mare@mail.telepac.pt
<http://www.esec-moinho-mare.rcts.pt>
<http://www.wtterravista.pt/meco/1258/>
<http://azinheira.esepsipt/matematica/mmare>



Zona 4

Distrito 15 – Setúbal

Concelho 15\0 – Seixal

DRE Lisboa (DREL)

CAE 15 – Península de Setúbal

(Sede – Setúbal)



A origem da escola remonta à criação, em 1985, de uma secção da Escola Secundária do Laranjeiro, já nas actuais instalações, onde entrou em funcionamento em 1986.

Há cerca de 5 anos foi criado na escola o Clube dos Amigos do Museu, cujas actividades se relacionam com História, e que promove visitas de estudo e tem estabelecido intercâmbios com escolas de diversos países (relação com o projecto Comenius).

Destas actividades surgiu a ideia de criar um Museu na escola. Com essa finalidade, começou a reunir-se um espólio que abrange áreas temáticas como História de Arte, História local e artes decorativas. As peças que o compõem provêm de aquisições pelos alunos em visitas de estudo, doações (Câmara Municipal de Almada, Câmara Municipal do Seixal, escolas em intercâmbio) e trocas (presos da cadeia do Linhão), e ainda trabalhos dos alunos, realizados com o intuito de preservar a memória da escola.

Esse espólio, reunido na sala do Clube (ex-sala de Educação Moral e Religiosa), utilizada no ano lectivo de 2001/2002 também para outros fins, pretende-se exposto em diversos locais da escola no interior de vitrinas. Quanto ao material audiovisual que também integra o acervo, será transferido para o Centro de Recursos Educativos.

Decorrem actividades de inventariação/catalogação das peças, com a participação do Clube de Fotografia.

A divulgação é realizada pelo Jornal da Escola e pelo Clube de Teatro.

Por vezes define-se anualmente um tema a desenvolver, como por exemplo:

- ano lectivo de 2000/2001 – “A presença romana na Península Ibérica”;
- ano lectivo de 2002/2003 – “A presença muçulmana na Península Ibérica”.

É norma da escola a inscrição dos alunos, no acto da matrícula, nos diversos clubes existentes na escola, sendo habitual a escolha do Clube dos Amigos do Museu por 10 – 15 alunos.



1



1: quatro perspectivas da sala do Clube dos Amigos do Museu, onde se encontra exposto um espólio de natureza e origem muito diversificadas, incluindo, entre outras, um número elevado de peças de artesanato

Código: **423MUS** (Categoria **P**)

Nome: **Escola de Diogo de Gouveia**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 284324041

284328949 (Fax)

Endereço postal: **R. Luís de Camões**
7800-508 Beja

Endereços electrónicos:

<http://www.terravista.pt/enseada/5147>



Zona 4

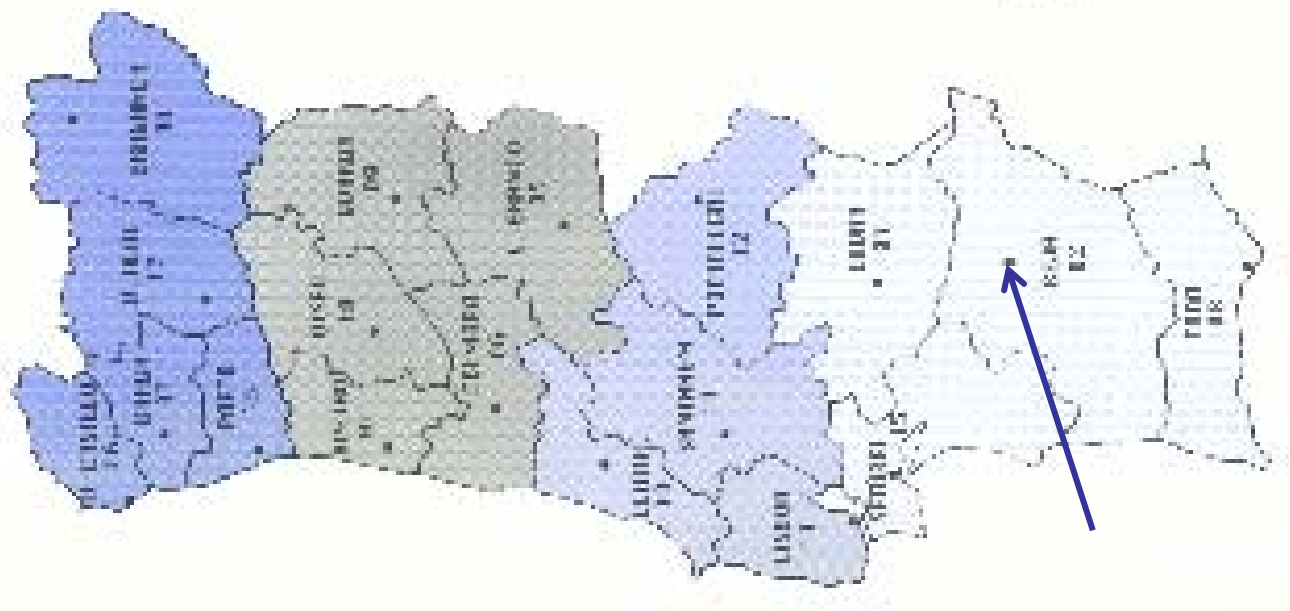
Distrito 02 – Beja

Concelho 205 – Beja

DRE Alentejo (DREAº)

CAE 02 – Baixo Alentejo e Alentejo Litoral

(Sede – Beja)



A escola (que parece ter iniciado o seu funcionamento, como Liceu de Beja, em 1852, e foi transferida para as actuais instalações em 1937)*, dispõe desde 1998, e no âmbito do Programa Ciência Viva, de um Centro de Ciência denominado *Lyceum*.

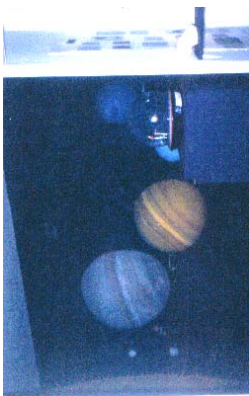
* A Fundação do Liceu de Beja (1997). In: *Tentativa*, Nova Série, nº10, Escola Secundária de Diogo Gouveia, Beja, p.4



1



2



3



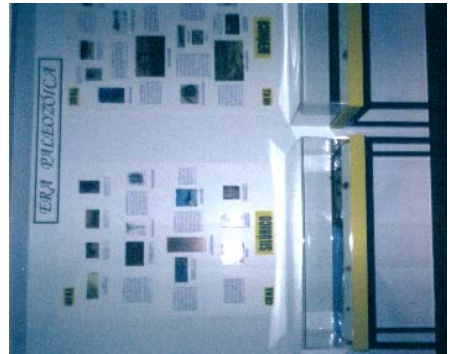
5



4



6



- 1: porta de entrada no Centro de Ciência *Lyceum*, estruturado em 4 módulos
- 2: o módulo “O Homem e o Universo” constitui uma área essencialmente interactiva, onde em cerca de 50 experiências se analisam as interpretações humanas (em particular através da Física) dos fenómenos do mundo
- 3: no módulo de entrada, “O Lugar do Homem”, é abordada a origem do Universo e do Sistema Solar
- 4: no módulo “O Homem” convergem todos os outros, e nele é analisado o tema da origem e evolução da espécie humana
- 5: no módulo “Da Célula ao Homem” existe um sismógrafo em registo permanente
- 6: a abordagem da terra e da vida é feita em termos evolutivos, no módulo “Da Célula ao Homem”

Código: **426MUS** (Categoria **Q**)

Nome: **Escola de S. Sebastião**

Tipo: escola básica dos 2º e 3º ciclos com ensino secundário (B2,3+S)

Endereços telefónicos: 286612802

286612805 (Fax)

Endereço postal: **Achada de S. Sebastião**
750-295 Mértola

Endereços electrónicos: escolaebmertola@mail.telepac.pt
<http://www.eb23-s-sebastiao-mertola.rcts.pt>



Zona 4

Distrito 02 – Beja

Concelho 209 – Mértola

DRE Alentejo (DREAº)

CAE 02 – Baixo Alentejo e Alentejo Litoral
(Sede – Beja)

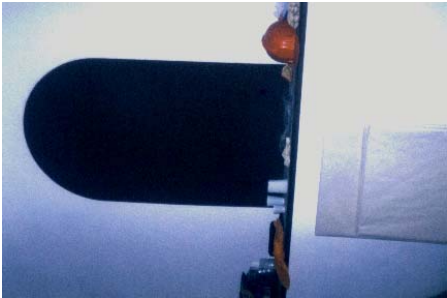


A escola resultou da fusão entre o Ciclo Preparatório, que funcionava no antigo Externato D. Sancho II, e a Escola Secundária de Mértola, e foi criada em 1991, iniciando o seu funcionamento em 1992.

A construção dos blocos onde então se instalou, em 1988, conduziu à descoberta de um elevado número de sepulturas, dispostas em redor da Ermida* em ruínas que existia no terreno da escola.

A Necrópole e a Ermida do “sítio arqueológico” denominado “Achada de S. Sebastião de Mértola”, constituem hoje um pequeno núcleo temático de Mértola – Vila Museu, representativo de diferentes momentos da sua história: 1º) utilização do espaço como local de enterramento (séculos II a V); 2º) construção de uma Ermida (séculos XV a XIX); 3º) arrasamento do local pela grande cheia do Guadiana (1876); 4º) escavação arqueológica do local que antecedeu a ampliação da escola.

* Lopes V., Boiça J. (1993) A Necrópole e Ermida da Achada de S. Sebastião de Mértola. In: *Dossier da Necrópole Romana da Achada de S. Sebastião*, Escola Profissional Bento de Jesus Caraça/Campo Arqueológico de Mértola.



2

3



1



1: diferentes perspectivas da Necrópole Romana

2: aspecto exterior da Ermida (actualmente em obras), observada de locais distintos do pátio da escola

3: no interior da Ermida estão habitualmente expostas peças do espólio associado às sepulturas, nomeadamente em metal (pregos, cavilhas), materiais cerâmicos pertencentes a diversos artefactos (geralmente fragmentos de terrinas, testos, potes, almofarizes, pratos, ânforas, tachos) ou às paredes das próprias caixas sepulcrais (tijolos, quadrantes de colunas), e mármore branco (eventualmente usado no revestimento do interior das sepulturas)*

Código: **427 (Categoria B)**

Nome: **Escola de Moura**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S + 3B)

Endereços telefónicos: 285250020

285254179 (Fax)

Endereço postal: **Avenida Poeta Joaquim Costa
7860-108 Moura**

Endereços electrónicos: info@esec-moura.rcts.pt

esmr@clix.pt

<http://www.esec-moura.rcts.pt>



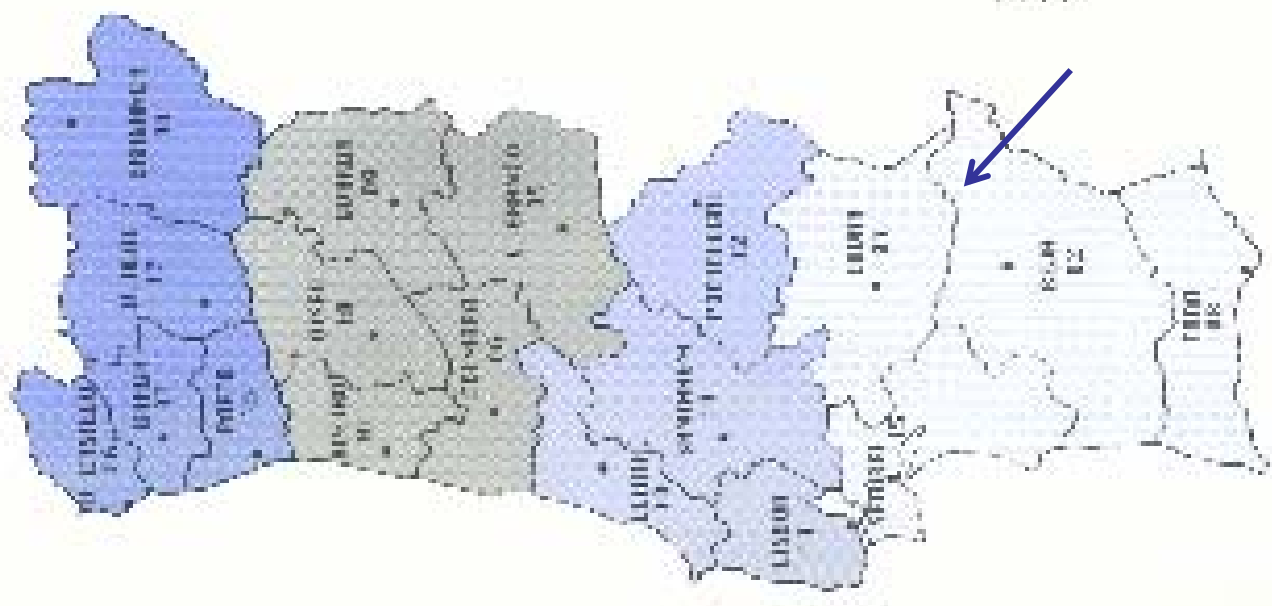
Zona 4

Distrito 02 – Beja

Concelho 210 – Moura

DRE Alentejo (DREAº)

CAE 02 – Baixo Alentejo e Alentejo Litoral
(Sede – Beja)



Na escola, criada em 1958, como Escola Industrial e Comercial de Moura, e transferida para o actual edifício em 1963, foi instalado dois anos mais tarde um Museu, por iniciativa do último director antes do 25 de Abril de 1974, José Fragoso de Lima, com o intuito de retratar a história local.

O espólio, totalmente resultante de doações, era bastante diversificado, incluindo, por exemplo:

- moedas;
- colunas;
- armas;
- peças etnográficas;
- azulejos;
- marcos.

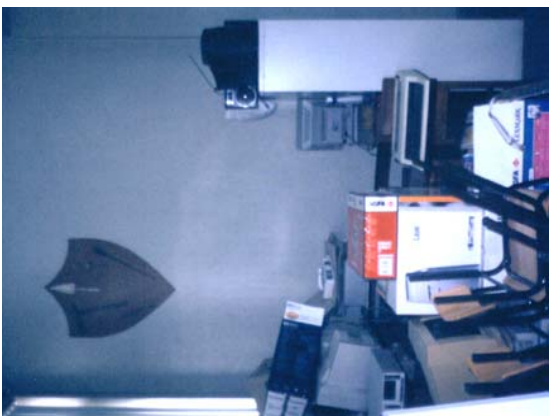
Actualmente o Museu está desactivado, e a sua reactivação exigiria o restauro, recuperação, inventariação e catalogação do espólio, que presentemente se encontra, quase na sua totalidade, armazenado numa sala que é simultaneamente arrecadação e sala de aulas.



2



1



- 1: entrada e interior da sala 39 (“sala do Museu”), evidenciando a sua utilização actual como arrecadação e sala de aulas
- 2: peças de natureza variada, que integram o espólio do antigo Museu

Código: **428MUS** (Categoria **M**)

Nome: **Escola Dr. Manuel Candeias Gonçalves**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 283322636

283327554 (Fax)

Endereço postal: **Horta dos Reis**
7630- Odemira

Endereços electrónicos: esod@mail.telepac.pt
info@esec-odemira.rcts.pt
<http://www.esec-odemira.rcts.pt>



Zona 4

Distrito 02 – Beja

Concelho 211 – Odemira

DRE Alentejo (DREA°)

CAE 02 – Baixo Alentejo e Alentejo Litoral

(Sede – Beja)



Na escola, criada em 1981, já como Escola Secundária, e transferida para as instalações actuais em 1986, existe um Museu de História Natural, produto das actividades do Clube de Ciências (Clube Bigeo) da escola, que funciona há 5 anos e que criou e ampliou o Museu.

Dos vários trabalhos desenvolvidos pelo Clube podem referir-se, a título de exemplo, o estudo das regurgitações da coruja das torres, montagem de esqueletos de animais, classificação de crânios, estudo de penas e caracterização de ninhos, e o projecto (em desenvolvimento no corrente ano lectivo) relativo à espécie ameaçada (endémica da Península Ibérica), *Microtus cabreræ* (rato de Cabrera)*.

* Escola Viva, Jornal Escolar da Escola Secundária Dr. Manuel Candeias Gonçalves, Ano VIII, nº 20, Fevereiro de 2002



1



2



3



1: Museu de História Natural – vista parcial

2: vitrina do Museu, com apresentação das conclusões referentes à caracterização de ninhos

3: vitrina do Museu, onde se apresentam os resultados do estudo de esqueletos e crânios de animais e de regurgitações da coruja das torres, de pegadas e de penas, entre outros temas

Código: **433MUS** (Categoria **L**)

Nome: **Escola Gabriel Pereira**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 266745600

266709898 (Fax)

Endereço postal: **R. Dr. Domingos Rosado**
7000-887 Évora

Endereços electrónicos: esgpev@mail.telepac.pt
<http://www.esec-gabriel-pereira.rcts.pt>



Zona 4

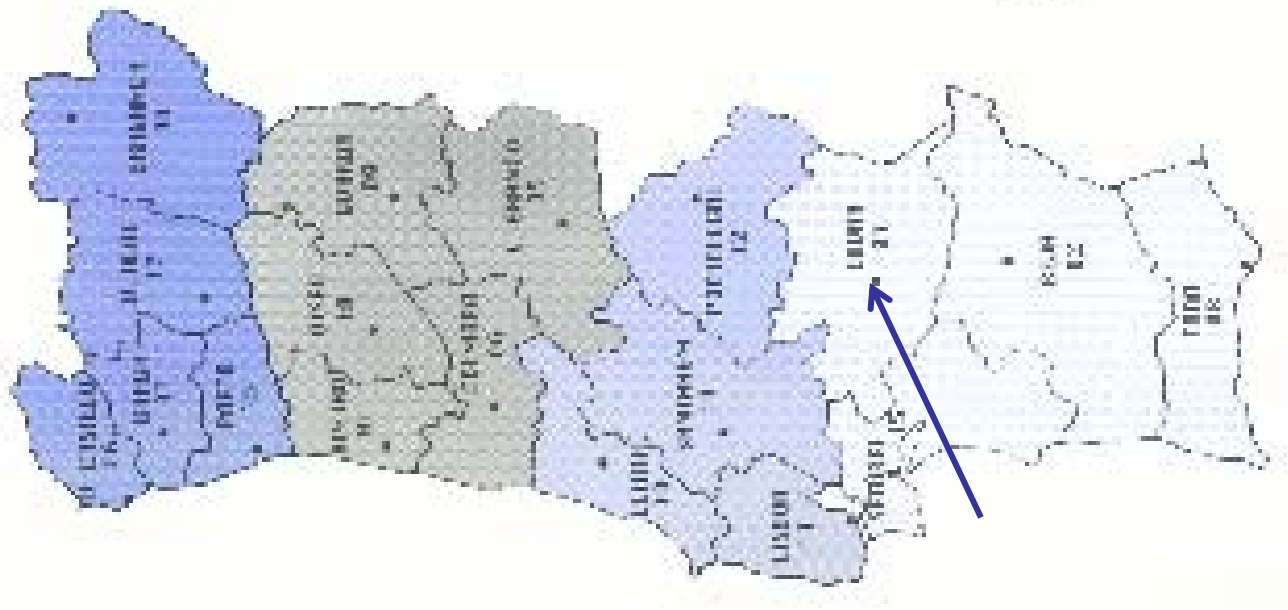
Distrito 07 – Évora

Concelho 705 – Évora

DRE Alentejo (DREA^o)

CAE 07 – Alentejo Central

(Sede – Évora)



Existe na escola, desde o ano lectivo de 1999/2000, um Museu que integra um espólio constituído pelos materiais de raiz da própria escola (com origem, em 1914, na Escola Industrial da Casa Pia de Évora, 5 anos mais tarde transformada em Escola Industrial e Comercial, e transferida para o edifício actual em 1970), e também por um significativo número de peças doadas. Inclui, entre outros exemplares:

- objectos africanos (correspondentes a doações);
- peças de arqueologia;
- trabalhos em ferro forjado;
- trabalhos em cerâmica;
- têxteis;
- obras de diversos pintores;
- artesanato local.

As peças dispõem-se na periferia da sala do Museu, que acumula a função de auditório, sendo utilizada para palestras e outras cerimónias.

- Museu da Escola Secundária Gabriel Pereira, Coleção de Artes Plásticas, Évora, 2000



1



3



2



4



- 1: diferentes perspectivas da sala do Museu evidenciando a sua função de auditório, e um número significativo de peças do espólio, em ferro forjado (antigos cursos de Serralharia)*
- 2: a sala do Museu segundo outras duas perspectivas, sendo visível (fotografia da direita) um busto em bronze de João Pereira da Rosa (escultor: Gabriel Silva)*, e um exemplar do género *Crocodylus*, bem como (fotografia da esquerda) diversas peças de origem africana
- 3: o conjunto de peças junto da porta do Museu (à direita na fotografia) é reveladora da diversidade do espólio; são visíveis documentos diversos, peças de mobiliário (antigos cursos de Carpintaria e Marcenaria)* e armas africanas, e ainda um exemplar de *Welwitchia mirabilis*
- 4: o espólio integra também trabalhos realizados na escola nos antigos cursos de Tapeçaria, Costura e Bordados, Formação Feminina (armário na fotografia da esquerda), assim como obras (pintura, serigrafia) de diversos autores*

Código: **434MUS** (Categoria **M**)

Nome: **Escola André de Gouveia**

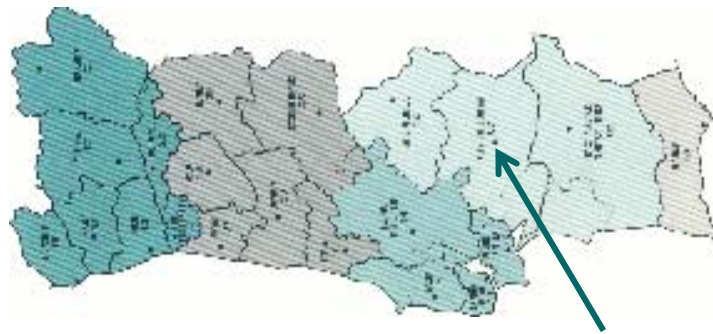
Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S + 3B)

Endereços telefónicos: 266758330

266735548

Endereço postal: **Praceta Cidade Angra do Heroísmo**
Bairro Santa Glória
7000-721 Évora

Endereços electrónicos: esagce@mail.telepac.pt
<http://www.alentejodigital.pt/esag/esag.htm>



Zona 4

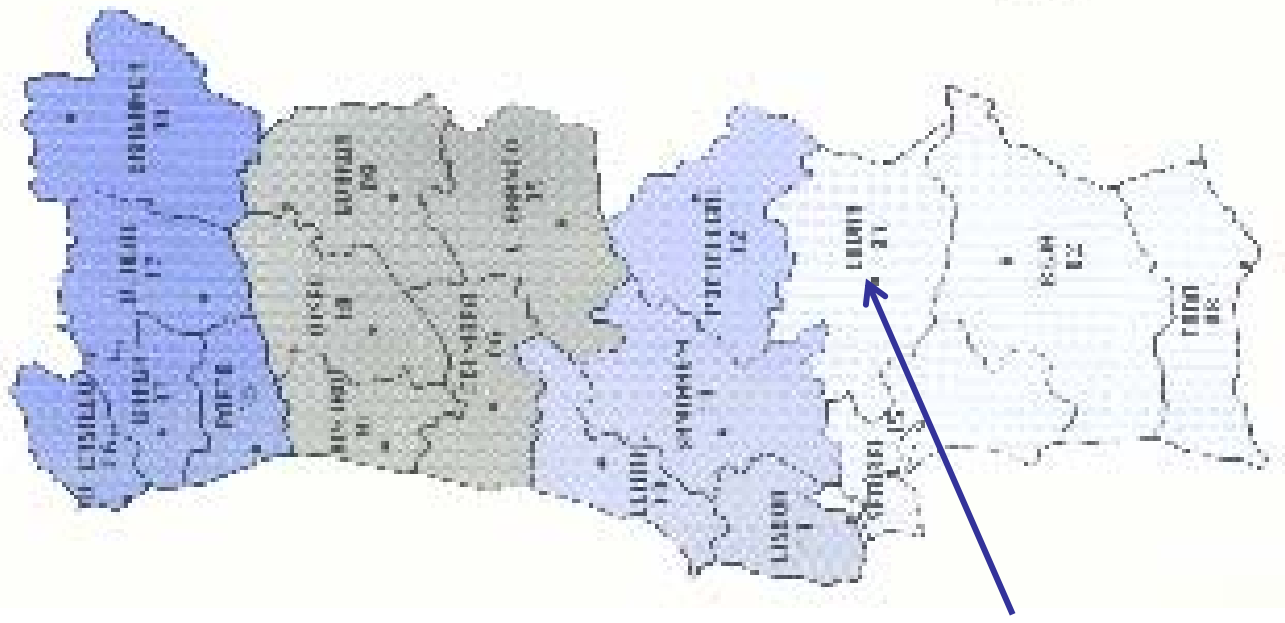
Distrito 07 – Évora

Concelho 705 – Évora

DRE Alentejo (DREAº)

CAE 07 – Alentejo Central

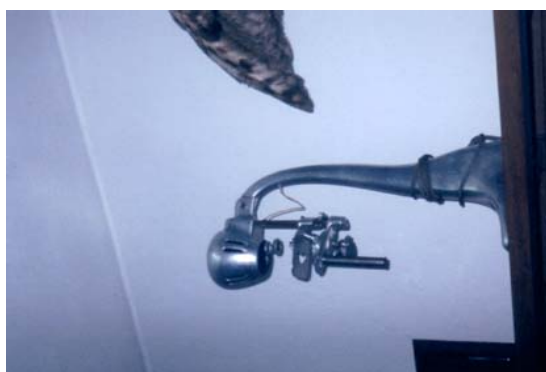
(Sede – Évora)



O Museu de Ciências funciona na sala do Clube de Ciências da escola.

O espólio abrange áreas temáticas diversas, nomeadamente Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geologia. Integra material de origem da escola (a maioria – Zoologia), algumas doações, e ainda peças adquiridas ao longo dos anos (Geologia e Mineralogia, fundamentalmente).

Entre alguns exemplares menos comuns, encontra-se o que pode ser considerado como o *ex-libris* do Museu: a dentadura (doação) do 4º reitor do Colégio do Espírito Santo (edifício da antiga Universidade de Évora), onde funcionou a escola, desde a sua fundação em 1841 até 1979 (data de transferência para as instalações actuais), com as sucessivas denominações de Liceu Nacional de Évora, Liceu Central André de Gouveia e Liceu Nacional André de Gouveia.



1: entrada do Museu de Ciências / Clube de Ciências

2: diferentes perspectivas do interior da sala do Museu, onde são visíveis peças de áreas temáticas como Botânica (quadros murais), Zoologia (animais embalsamados, esqueletos, conchas, espécimes em formol), Geologia e Mineralogia (rochas e minerais); o espólio inclui ainda um número significativo de aparelhos, nomeadamente microscópios

Código: **453MUS** (Categoria **P**)

Nome: **Escola Padre António Macedo**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S+3B)

Endereços telefónicos: 269708110

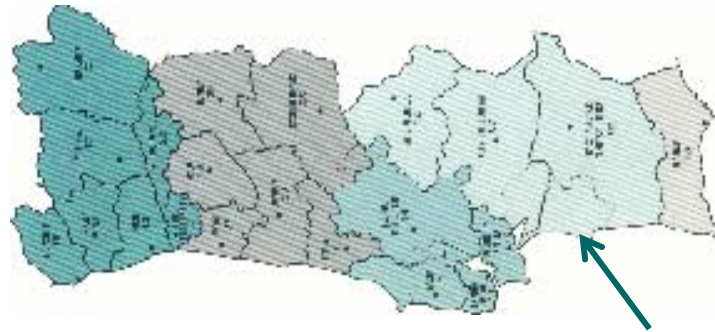
269708115 (Fax)

Endereço postal: **Bairro do Liceu**

7500-160 Vila Nova de Santo André

Endereços electrónicos: espam@mail.telepac.pt

<http://www.esec-pde-macedo.rcts.pt>



Zona 4

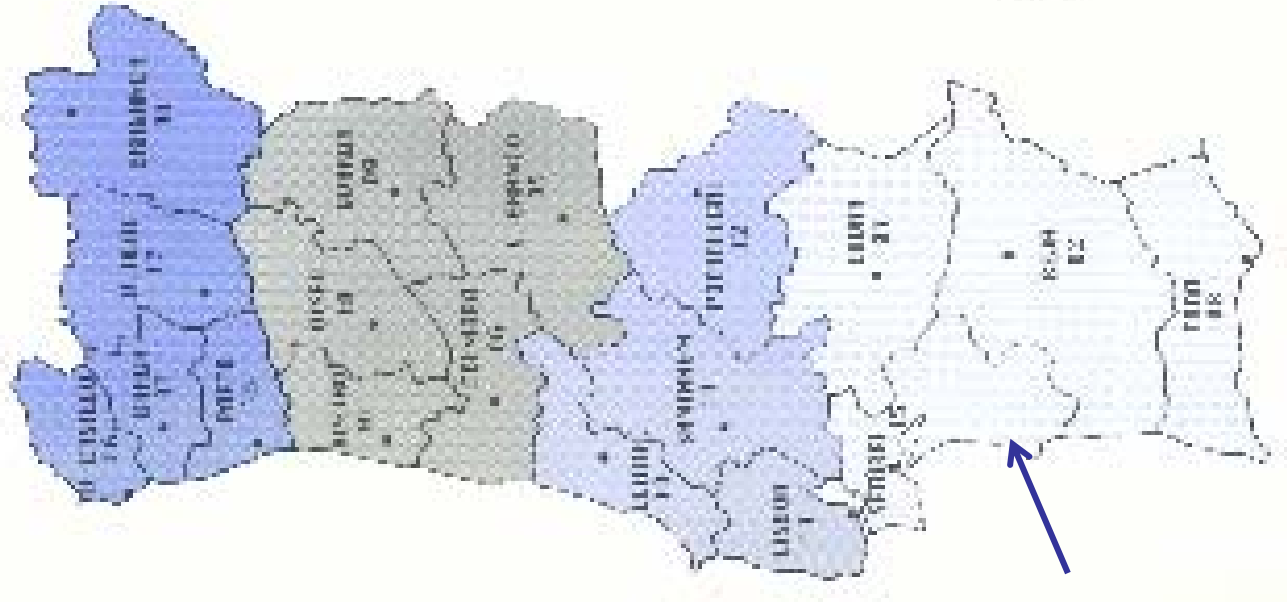
Distrito 15 – Setúbal

Concelho 1509 – Santiago do Cacém

DRE Alentejo (DREAº)

CAE 02 – Baixo Alentejo e Alentejo Litoral

(Sede – Beja)



A escola foi criada em 1983, já nas actuais instalações.

Existe um projecto, em desenvolvimento no Laboratório de Física há cerca de três anos, para a criação de um Museu abrangendo as áreas disciplinares de Física (dominante), Educação Tecnológica, e adicionalmente Artes.

O espólio, para além de equipamentos adquiridos no âmbito do Projecto Ciência Viva (telescópios, binóculos, calha de ar, computadores, entre outros), inclui também trabalhos realizados pelos alunos (como por exemplo circuitos eléctricos, microscópio rudimentar, giroscópio, periscópio, equipamento utilizado para o estudo do som).

Na Semana da Ciência o Museu abre ao público com uma exposição de trabalhos, e montagens interactivas diversas.

Algumas peças do espólio têm sido cedidas temporariamente para exposições no exterior da escola.

Estão em curso actividades de inventariação.



1

1: o espólio inclui um conjunto de trabalhos realizados pelos alunos, bem como um número significativo de peças maioritariamente expostas em vitrinas

Código: **455MUS** (Categoria J)

Nome: **Escola de Albufeira**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 289586779

28 _____ (Fax)

Endereço postal: **R. das Escolas (Quinta da Palmeira)**
8200-435 Guia - Albufeira

Endereços electrónicos: info@esec-albufeira.rcts.pt (Escola)
esecalb@mail.telepac.pt (Direcção)
museu_esa@sapo.pt (Museu)
<http://www.esec-albufeira.rcts.pt> (Escola)
http://pagina.de/museu_esa (Museu)



Zona 4

Distrito 08 – Faro

Concelho 801 – Albufeira

DRE Algarve (DREALG)

CAE 08 – Algarve

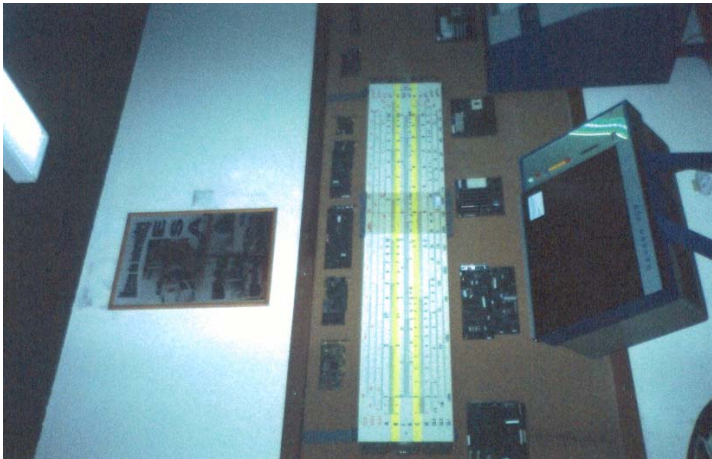
(Sede – Faro)



O Museu de Informática da escola (criada já como Escola Secundária e nas instalações actuais em 1985), cujo projecto começou a ser desenvolvido em 1990, abrange conteúdos programáticos como:

- a Evolução Histórica da Informática;
- a Evolução das Ferramentas de Cálculo;
- a Organização e Tratamento de Informação.

Permite visualizar e manipular equipamentos que no decorrer das aulas de Informática (Curso Tecnológico de Informática) são objecto de leccionação. As visitas ao Museu são destinadas à comunidade escolar e não só, e orientadas pelos alunos (<http://www.esec-albufeira.rcts.pt/projectos/index.htm>).



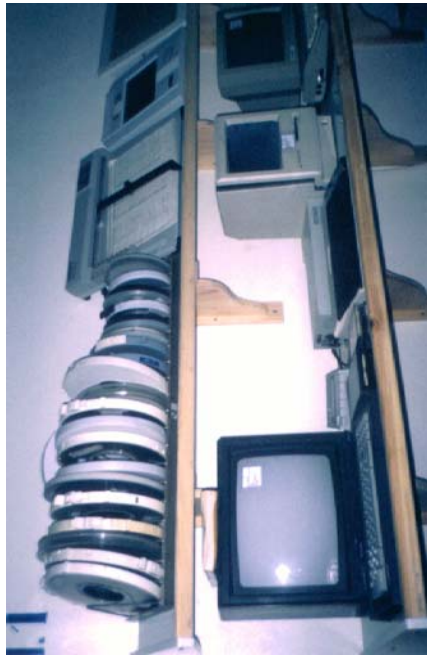
1



3



4



2



- 1: Área de Materiais / Centro de Cálculo do Museu de Informática - na fotografia da direita é visível um leitor de bandas magnéticas, considerado como peça emblemática do Museu, bem como uma régua de cálculo a que é atribuído elevado interesse histórico (http://planeta.clix.pt/museu_esa/visitas/materiais.htm; http://planeta.clix.pt/museu_esa/visitas/calculo/calculo.htm)
- 2: alguns periféricos – Área de Monitores do Museu (http://planeta.clix.pt/museu_esa/visitas/monitores/monitores.htm)
- 3: exemplares da Área de Impressoras do Museu (http://planeta.clix.pt/museu_esa/visitas/impressoras/impressoras.htm)
- 4: computadores antigos – Área de Materiais do Museu (http://planeta.clix.pt/museu_esa/visitas/materiais/materiais.htm)

Código: **461IntMUS** (Categoria I)

Nome: **Escola de Júlio Dantas**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 282770990

28_____ (Fax)

Endereço postal: **Largo Egas Moniz**
8600- Lagos

Endereços electrónicos: t00338@mail.telepac.pt
<http://www.cidadevirtual.pt/projroots/judantas.html>



Zona 4

Distrito 08 – Faro

Concelho 807 – Lagos

DRE Algarve (DREALG)

CAE 08 – Algarve

(Sede – Faro)



Existe na escola (criada já como Escola Secundária e nas instalações actuais em 1983) um projecto em embrião, com vista à preservação de um espólio referente à sua história, e relacionado com as áreas disciplinares de Informática e Serviços Comerciais, e menos significativamente com Geologia e Artes.

O projecto pretende aproveitar as próprias características arquitectónicas dos edifícios da escola, com excepção de uma estrutura central em vidro, a construir, e que poderá constituir um percurso de orientação autónoma.

Código: **465MUS** (Categoria **N**)

Nome: **Escola Dr. Francisco Fernandes Lopes**

Tipo: escola secundária pluricurricular (Splcur.)

Endereços telefónicos: 289700450

28 _____ (Fax)

Endereço postal: **Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro**
8700-313 Olhão

Endereços electrónicos: info@esec-dr-f-fernandes-lopes.rcts.pt

<http://www.esec-dr-f-fernandes-lopes.rcts.pt>



Zona 4

Distrito 08 – Faro

Concelho 810 – Olhão

DRE Algarve (DREALG)

CAE 08 – Algarve

(Sede – Faro)



Foi criada na escola (ex-Escola Industrial, criada em 1962 e transferida para as instalações que actualmente ocupa em 1977) a Expoteca, no início do ano lectivo de 1999/2000, com dois objectivos fundamentais:

- permitir a realização de exposições sobre temáticas diversas;
- acolher um Núcleo Museológico de Ciência Viva (objectivo ainda não concretizado, por não se encontrarem reunidas as condições necessárias).

A Expoteca não possui espólio próprio.



1



2



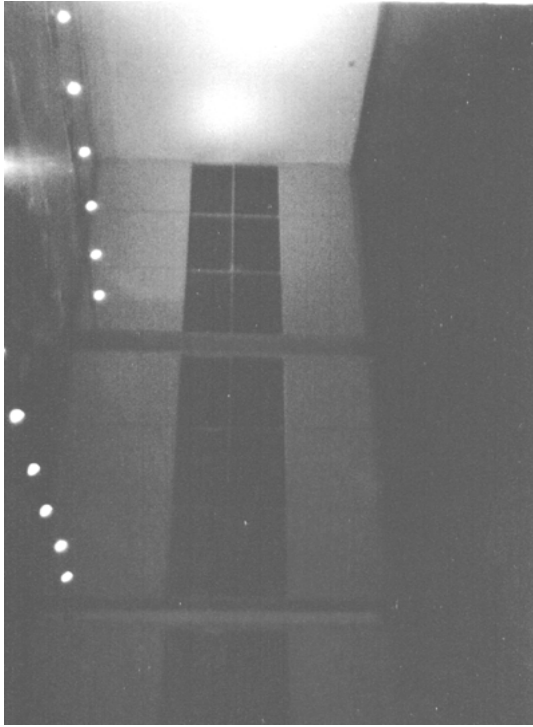
3



4



5



1: entrada da Expoteca

2: porta de comunicação entre a Expoteca e o CAR (Centro de Aprendizagem e Recursos)

3: duas perspectivas diferentes da Expoteca, onde são visíveis o sistema de iluminação e as vitrinas

4: folheto de divulgação da exposição “Visita ao Mundo da B. D.” (mostra de trabalhos do Núcleo de Banda Desenhada de Olhão), realizada na

Expoteca e organizada em colaboração com a Junta de Freguesia de Olhão, de 14 de Novembro a 5 de Dezembro de 2000

5: folheto de divulgação da exposição “25 de Abril de 1974 – Era uma vez um país...”, organizada em colaboração com o Instituto Português da

Juventude, e patente ao público na Expoteca, de 21 de Abril a 18 de Maio de 2001

Código: **467MUS** (Categoria **P**)

Nome: **Escola Poeta António Aleixo**

Tipo: escola secundária com 3º ciclo do ensino básico (S + 3B)

Endereços telefónicos: 282470140

282423803 (Fax)

Endereço postal: **Avenida 25 de Abril**
8501-951 Portimão

Endereços electrónicos: espaa@mail.telepac.pt

<http://www.espaa.pt>



Zona 4

Distrito 08 – Faro

Concelho 811 – Portimão

DRE Algarve (DREALG)

CAE 08 – Algarve

(Sede – Faro)



Existe na escola (ex-Liceu, criado em 1965 já nas instalações actuais), um Espaço Exploratório, correspondente à concretização de um dos três objectivos do projecto intitulado “Experimentando as Ciências”, concorrente ao Ciência Viva IV, aprovado, e iniciado em 2000.



1



1: diferentes perspectivas do Espaço Exploratório, cujo lema é “aprender a conhecer” e “aprender a fazer”, evidenciando montagens experimentais diversas de suporte a visitas

2.4.2 Análise por categoria

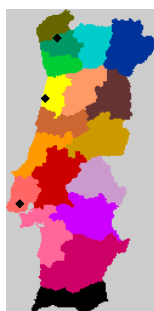
Na segunda etapa do tratamento dos dados foi utilizado o Quadro-síntese III como documento orientador, tendo sido efectuada uma análise comparativa das escolas dentro de cada uma das dezassete categorias consideradas. São frequentemente feitas, ao longo do texto, referências a dados já explicitados nas fichas individuais de caracterização das escolas.

2.4.2.1 Escolas sem Museu/Núcleo Museológico/Sala de Exposições

2.4.2.1.1 Categoria A

Neste grupo estão integradas três escolas que, apesar de afirmadamente não possuírem projecto ou intenção de o desenvolver, são detentoras, todas elas, de uma situação invulgar em meio escolar, e potencialmente enquadrável ou particularmente promissora em termos museológicos.

Quer geográfica quer historicamente, as três escolas referidas nada possuem em comum (Figura 8).



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
16	1966 Liceu (Secção Mista)	1985
173	1975 Escola Preparatória (?)	1998
319	1980 Escola Secundária	1980

Figura 8 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria A.

A primeira escola referida, com o código 16, corresponde à Escola Secundária de Barcelos. A sua inclusão nesta categoria deve-se à existência de um Arboreto (Arboreto da Flora Autóctone de Portugal Continental da Escola Secundária de Barcelos), cuja plantação teve início em 1987, e que foi inaugurado em 1992. Possui hoje cerca de um milhar de exemplares, correspondendo a 230-240 espécies e subespécies, o que lhe confere o estatuto de “maior colecção viva de lenhosas (árvores – já todas representadas, arbustos e subarbustos) autóctones do continente português”.

A criação do Arboreto pretendeu alcançar vários objectivos:

- embelezamento;
- apoio didáctico e pedagógico a matérias curriculares;
- realização, acompanhamento e aprofundamento de estudos científicos relacionados com a flora nacional;
- promoção e defesa do património florístico autóctone de Portugal Continental;
- defesa do meio ambiente.

Embora reconhecidamente nunca encarado do ponto de vista museológico, o conhecimento do Arboreto torna quase inevitável o assomar de conceitos como por exemplo o de “exomuseu”, e facilmente se transpõem para a situação observada fragmentos do discurso subjacente à proposta de criação de um “Exomuseu da Natureza” (Galopim de Carvalho, 1999), *ipsis verbis* (“... estrutura museológica dispersa...”; “... elementos considerados de interesse em termos de património natural...”; “... embora tendo sofrido maior ou menor intervenção humana...”; “... continuem a ter valor como documentos para a história da Terra e da Vida”), ou com a necessária reformulação (“... à escala nacional”; “... que pela sua estrutura só podem ser observados no exterior”).

A própria geografia do Arboreto (com as espécies/subespécies distribuídas segundo os 5 pólos de diferenciação ecológica ... para o território nacional continental) conduz à analogia com a estrutura de um exomuseu (“... constituído por vários pólos situados onde quer que ocorram sítios ou elementos considerados de interesse...”) (Galopim de Carvalho, 1999).

Inúmeras actividades têm sido desenvolvidas, muitas vezes em colaboração com o Clube do Arboreto, e que vão desde colocação de placas de identificação, sementeira, plantação e propagação de espécimes, obtidos na sua maioria por colheita no ambiente natural, até à realização de acções de formação e visitas guiadas, para as quais foi elaborado material de apoio diverso. Todas estas actividades exigem uma ampla pesquisa *a priori*, e em algumas delas existe o envolvimento de alunos.

A observação das espécies *in loco* pode ser complementada através de uma consulta à base de dados desenvolvida para esse efeito.

A segunda escola deste grupo, com o código 173, é a Escola Secundária de Vagos. Instalada ainda não há quatro anos em novas instalações, com características arquitectónicas inovadoras, em que sobressaem os amplos átrios e o percurso em rampa que liga os dois pisos do edifício, esta escola viu-se assim dotada de uma mais-valia invejável: espaço.

Factor limitante do florescer de iniciativas e do concretizar de ideias e projectos em muitas escolas, é também intensamente sentida a sua falta, na maior parte dos museus visitados, principalmente nos mais dinâmicos.

Aqui, no entanto, de tão recente, o valor da sua existência não parece ter sido ainda plenamente assimilado, e torna-se um pouco inquietante a visão de tanta nudez aparentemente desperdiçada, apesar da frequente realização de exposições temporárias de trabalhos de alunos.

Na terceira e última escola deste grupo, com o código 319 (Escola Secundária da Ramada), existe actualmente um moinho reconstruído (Moinho das Covas, datado de 1884), em cujo piso térreo,

a loja, se expõe permanentemente um reduzido espólio (produto de doações), relacionado com o fabrico do pão (que por vezes acontece, usando a farinha obtida no moinho, numa casa típica de moleiro também ali edificada).

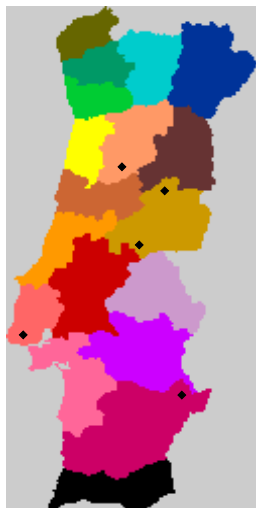
Toda a obra se insere na tipologia definida para a província da Estremadura, e o processo tecnológico original de moagem foi totalmente recuperado.

Não assumido como estrutura museológica, é inegável o seu possível enquadramento nesse contexto, bem como a atenção que lhe é devida, no seio do património cultural de um concelho (Loures) caracterizado por ter sido uma das áreas da zona saloia onde assumiu maior importância a transformação de cereais em moinhos de vento (num total de 32 recenseados, em 1941) (Moinho das Covas, Câmara Municipal de Loures).

Durante algum tempo aberto ao público durante os fins-de-semana, com actividades que incluíam a moagem de cereais e o fabrico de pão, não se verificou afluência de visitantes que compensasse os gastos da iniciativa, o que lamentavelmente resultou numa perda de dinamismo, que seria desejável ver de alguma forma rapidamente recuperado.

2.4.2.1.2 Categoria B

São cinco as escolas incluídas neste grupo, e tal como no caso anterior é nítido o contraste entre elas, mas apenas em termos de origem ([Figura 9](#)).



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
174	1973 Escola Preparatória	1975
221	1939 Colégio / Externato Liceal 1969 Escola Industrial e Comercial (Secção)	1989
256	1898 Escola de Desenho Industrial	1898 1938 (exclusividade)
270	1968 Liceu Nacional	1968
427	1958 Escola Industrial e Comercial	1963

Figura 9– distribuição geográfica e origem das escolas da categoria B.

Em todas, no entanto, se encontra uma de duas situações:

- ou uma ideia que nunca chegou a desenvolver-se, por contingências várias, permanecendo num estado dormente e embrionário;

- ou uma ideia, concretizada num projecto dotado até, por vezes, de notável pujança, que se viu subitamente interrompido.

No primeiro caso encontram-se as escolas 256 (Escola Secundária de Emídio Navarro – Viseu) e 270 (Escola Secundária de São João do Estoril).

Em ambas existia, desde data não especificada para nenhuma delas, uma sala denominada “Museu”, na qual se reunia parte do espólio, mas onde nunca chegou a ser instalado um museu propriamente dito.

Na primeira escola referida, não surgiu sequer nunca a iniciativa de reestruturação do espaço, ao contrário da segunda onde, no entanto, um projecto orientado nesse sentido, surgido há alguns anos, não chegou a desenvolver-se.

Usada entretanto para diversos fins, a sala do “Museu” acabou por mudar o seu estatuto teórico para outro mais real, transformando-se, em cada uma das escolas referidas, respectivamente:

- numa sala de trabalho destinada aos alunos (nela funciona também o Cantinho das Línguas), onde é ainda mantida uma exposição permanente de materiais relativos às áreas de Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais, e se encontram também expostas fotografias alusivas à história da escola;

- num auditório, cuja função já cumpria de certa forma anteriormente, agora mais funcional uma vez que o espólio, fundamentalmente constituído por equipamentos vários associados às ciências experimentais, foi entretanto transferido para as respectivas áreas laboratoriais.

Na Escola de Emídio Navarro, e seguindo ainda a tendência de actuação já delineada, a antiga oficina de Serralharia foi transformada na chamada “sala multi-usos”, onde se encontram expostos alguns trabalhos em ferro. Um grande número de peças foi transferido para uma sala (“das reservas”), onde permanecem no interior dos armários retirados da antiga sala do “Museu”, encontrando-se outras expostas em vários locais da escola.

A análise acima apresentada, baseada exclusivamente nos dados recolhidos durante o processo de pesquisa tal como foi descrito nos pontos 1.3 e 1.4.1, deve ser complementada, para o caso da Escola Secundária de São João do Estoril, com informações nunca referidas na resposta ao inquérito, e que alteram substancialmente o perfil delineado. Essas informações relacionam-se com a pesquisa bibliográfica também efectuada, em cujos resultados se incluem duas comunicações cuja autora era, pelo menos à data de uma delas, professora na referida escola. Ora, nesta comunicação, apresentada nas VII Jornadas sobre a função social do Museu e intitulada “O Museu nas Escolas”, descreve-se o desenvolvimento de um projecto de Museu Escolar, e refere-se que “Ao longo dos anos lectivos de 1990/94, o Museu Escolar de São João do Estoril e o Clube de Acção Museal, dinamizaram e puseram em marcha a modernização do seu anterior e na verdade desactivado Museu Escolar”. É ainda afirmado que “várias iniciativas vieram diversificar as actividades do

Museu: programa de visitas a museus de Lisboa, acampamento e descoberta do mundo rural e exposições sobre diversos assuntos, das quais destacamos a exposição dos Anos 90 e a exposição das Coleções dos Alunos, participação em conferências e reuniões do foro museológico e acolhimento de exposições”.

O contraste notório entre a imagem assim transmitida sobre o passado da escola no contexto deste estudo e a ideia anteriormente definida após a informação recolhida no local, desperta obviamente a necessidade de uma interpretação. Seis anos de desfasamento terão bastado para que um conjunto de actividades com forte impacto no domínio da Museologia tenha aparentemente caído no esquecimento. É flagrante e preocupante a diferença de valor atribuído a essas actividades, descritas com empolgação por alguém que nelas esteve envolvida, e agora diluídas numa alusão vaga a “um projecto que se tentou desenvolver há alguns anos, para reestruturação do Museu”. Muitas razões estarão subjacentes a esta diferença de sentir, mas não parece restar qualquer dúvida relativamente à importância fundamental do envolvimento pessoal, íntimo até, numa iniciativa desta natureza, marcada como quase sempre acontece por uma pesada componente de “solidão”.

No segundo caso desta categoria, em que se enquadram as escolas 174 (Escola Básica com Ensino Secundário Pedro Álvares Cabral – Belmonte), 221 (Escola Secundária de Pinhel) e 427 (Escola Secundária de Moura) (e onde pode também considerar-se incluída a Escola Secundária de São João do Estoril, com base no exposto acima), chegou a verificar-se a existência de um Museu, que na primeira escola referida se revestia de um forte dinamismo. Criado para combater o insucesso escolar, estabeleceu, através dos alunos, ao procurar desenvolver a sua cultura de origem, uma forte ligação à comunidade local.

Os seus dinamizadores promoviam estratégias diversas de motivação de estudantes, professores e famílias, existindo registo de interessantes exposições temporárias temáticas e outros eventos culturais.

A constatação desta vitalidade torna mais difícil a aceitação das causas que conduziram à sua desactivação, em 1998, após sete anos de funcionamento, e que foram:

- obras de reestruturação da cantina da escola, por iniciativa da DREC (indisponibilização do espaço);
- inexistência de uma solução alternativa por parte da direcção da escola então vigente.

Na segunda escola, a desactivação do museu criado nas instalações anteriores, a partir de doações obtidas após solicitação à comunidade, pelos órgãos dirigentes da escola, e cuja temática se relacionava também com a cultura local, afigura-se menos dramática, pelo grau comparativamente

muito inferior de dinamismo que caracterizou a iniciativa. Também a causa apontada (falta de espaço no actual edifício) contribui, pela impessoalidade, para uma mais fácil aceitação dos factos.

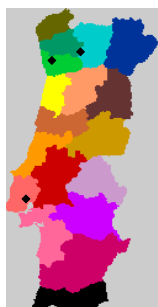
Encontram-se muitas semelhanças entre a problemática referente ao Museu da escola acabada de referir, e a da terceira escola do conjunto, resumida nos seguintes pontos:

- existiu um Museu hoje desactivado;
- o Museu foi criado, por iniciativa do então director da escola, no ano lectivo de 1965/66;
- o espólio foi produto de doações;
- o Museu era alusivo à história local;
- o encerramento do Museu ficou a dever-se à necessidade de utilizar o espaço para aulas.

Para além da causa acabada de referir (falta de espaço), a alusão ao factor humano como condição fundamental para a revitalização do Museu surge nesta escola de forma bastante clara, uma vez que o abandono do espólio durante um longo período, em condições de reserva inadequadas, conduziu a uma franca deterioração, o que implicaria, para além da inventariação e catalogação, ainda inexistentes, um moroso e exigente trabalho de restauro, para o qual não existe a disponibilidade necessária entre os membros da comunidade escolar.

2.4.2.1.3 Categoria C

Neste grupo, onde o processo museológico, se assim pode ser denominado, parou ainda na fase do projecto (cujo produto final retrataria sempre a história da escola), incluem-se três escolas (Figura 10).



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
91	1946 Liceu Feminino	1964
146	1888 Escola de Desenho Industrial	1961
301	1836 Liceu	1911

Figura 10 - distribuição geográfica e origem das escolas da categoria C.

Em qualquer das escolas referidas, respectivamente Escola Secundária da Rainha Santa Isabel (Porto), Escola Secundária de S. Pedro (Vila Real) e Escola Secundária Passos Manuel (Lisboa), o espólio, que inclui sempre uma quantidade significativa de peças de raiz e adquiridas ao longo da vida da escola (e no terceiro caso também o acervo de um colégio extinto de Campolide), encontra-se exposto de forma dispersa, no interior ou no exterior de vitrinas, consoante a sua natureza, um pouco por todo o espaço escolar.

No caso da segunda escola em análise, há a referir também especificamente a área oficial e muito material construído no âmbito dos antigos cursos nela leccionados, verificando-se ainda actualmente a recolha de peças dispersas pela escola.

Já no que concerne às razões conducentes ao não desenvolvimento dos respectivos projectos, existem aqui três situações claramente distinguíveis.

Na primeira escola do grupo, é referida apenas a falta de espaço adequado como razão fundamental para a ausência de concretização do projecto (que nasceu no seio do 4º grupo – A e B).

Na segunda escola, verifica-se a alusão adicional à falta de disponibilidade, em particular dentro do 10º grupo (História), onde surgiu o projecto, com preocupações actuais (não explicitadas) mais prementes, e também à existência de outras prioridades na orgânica da escola.

Finalmente, na terceira escola, as razões ultrapassam a própria fronteira escolar, e encontram raízes no processo que conduziu à criação do Instituto Histórico da Educação (Decreto-Lei nº 206/98, de 13 de Julho, publicado em DR – I Série A, nº159), a que foram cometidas as atribuições do Arquivo Histórico do Ministério da Educação (criado pelo Despacho 97/ME/89), na dependência da Secretaria-Geral do mesmo. Tinham essas atribuições como objectivo a recolha e conservação da documentação relativa à área da educação e ensino, desde o último quartel do século XIX. De forma mais específica, pode ler-se, no Decreto-Lei referido, como objectivo justificativo da criação do Instituto Histórico da Educação: “Salvaguardar e valorizar, de forma sistemática e integrada, o património gerado pelas diversas entidades do Ministério da Educação, bem como por outras entidades do sistema educativo, entendendo-se por património não só o de natureza arquivística e bibliográfica mas também o de carácter museológico e arquitectónico”.

Tendo entrado, à data da sua criação, em regime de instalação, com um prazo de dois anos para a apresentação, pela comissão instaladora, do seu projecto de organização e funcionamento, viu esse regime prorrogado pelo Decreto-Lei nº246/2001, de 11 de Setembro.

Finalmente extinto pelo nº2 do artigo 2º da Lei nº16 – A/2002, de 31 de Maio, as suas funções passam a ser exercidas, como é definido na Lei Orgânica do Ministério da Educação, aprovada a 6/Agosto/2002, pela Secretaria-Geral do Ministério da Educação (nos termos do nº1 e das alíneas b) e e) do nº3 do artigo 13º).

Ao longo deste estudo, raras foram as referências ao Instituto Histórico da Educação como estrutura de apoio e dinamizadora de projectos em curso. Constatou-se mesmo, em muitas das escolas que tinham sido visitadas pelo grupo de trabalho criado pelos despachos nº 137/ME/96 de 17 de Julho e nº 218/ME/96 de 25 de Setembro, com a missão de “estudar as características de instalação e

funcionamento de um arquivo histórico do Ministério da Educação, em articulação com um centro de estudos em história da educação, com um museu (ou uma rede de museus) da educação e uma biblioteca de apoio a estas várias actividades”, que dessa passagem não ficara memória, e em algumas delas era até desconhecido o produto final desse trabalho preliminar onde, naturalmente, são citadas (Nóvoa *et al.*, 1997).

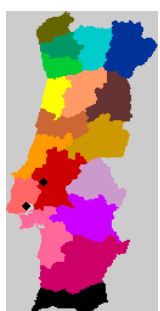
O facto de, durante a sua existência, o Instituto Histórico da Educação não ter sequer saído do regime de instalação, se por um lado denota algum tipo de fraqueza que não cabe aqui analisar, por outro lado, e principalmente nos raros casos das escolas em que o processo que conduziu à sua criação foi efectivamente registado (e de tal é exemplo a Escola Secundária Passos Manuel), terá defraudado a expectativa lógica de um efectivo apoio a projectos ou iniciativas.

Talvez a vã esperança no nivelamento desejado entre os objectivos teóricos e a real capacidade de resposta por parte do Instituto, tenha nesta escola conduzido ao lento esmorecimento do entusiasmo inicial que parece ter um dia existido.

2.4.2.1.4 Categoria D

Nas duas escolas deste grupo (290 e 374) ([Figura 11](#)), e apesar da ausência de qualquer projecto ou museu propriamente dito, verifica-se uma preocupação permanente e conseguida orientada para a preservação e divulgação do espólio.

Com origens e estatutos semelhantes, ao contrário do verificado para as categorias anteriores, foi nos sucessivos cursos leccionados nestas escolas que se gerou a maior parte dos seus espólios. Mas não obstante todas essas referências comuns, em cada uma delas existe uma individualidade bem marcada.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
290	1958 Escola Industrial Feminina	1958
374	1956 Escola Industrial e Comercial	1968

Figura 11 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria D.

Na escola 290 (Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão – Lisboa), a preservação do património cultural abrange também a vertente do Arquivo (morto), conservado porém este de forma dispersa, e a da Biblioteca, relativamente à qual se considera a possibilidade de cedência à Biblioteca Nacional. Quanto às peças do espólio correspondentes a doações, e aos trabalhos realizados

pelos alunos no âmbito dos antigos cursos, sobressaem as tapeçarias e bordados emoldurados, bem como interessantes painéis em azulejo, que quebram ao longo dos corredores e átrios enormes a monotonia das paredes. Fica-se com a sensação de uma conjugação harmoniosa entre o “velho” e o “novo”. Esta integração do passado material da escola no dia-a-dia do presente é um processo em curso, uma vez que existem ainda peças em reserva, e algumas em processo de restauro, nomeadamente mobiliário e equipamentos diversos, que por certo virão oportunamente a ocupar um lugar próprio no amplo espaço ainda disponível. Todos estes procedimentos parecem desenrolar-se aqui discreta e tranquilamente, embora deles exista perfeita consciência. A inexistência de um inventário parece constituir um testemunho curioso desta postura.

Na escola 374 (Escola Secundária Ginestal Machado – Santarém), um processo equivalente ao referido revela-se muito mais enérgico, sendo quase impossível ignorá-lo numa visita a este estabelecimento de ensino. Integradas em cada Plano Anual, as actividades desenvolvidas incluem a actualização do espólio já exposto (e cujo inventário se encontra informatizado), e que permite, ao longo de um percurso pelos corredores do rés-do-chão, deliberadamente escolhidos pela maior acessibilidade, uma retrospectiva da história da escola. Para uma visualização ainda mais clara do seu passado, é possível uma visita guiada às três oficinas (de Mecânica, de Electricidade e de Design), que perfeitamente conservadas, parecem ter resistido incólumes à passagem do tempo. Comparativamente com o caso anterior, o espólio, integrando um grande número de peças, revela maior diversidade, e a sua conservação em vitrinas, cuja manutenção em cada período escolar está assegurada, facilita uma percepção mais imediata e simultaneamente metódica.

2.4.2.1.5 Categoria E

São também apenas duas as escolas deste grupo (94IntMUS e 333) ([Figura 12](#)), caracterizadas pela existência de um projecto de preservação relacionado com a área de Arquivo, mas apresentando entre si duas diferenças fundamentais.

Em primeiro lugar, há que referir que na escola 94IntMUS (Escola Secundária Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim), é considerada desde já a hipótese de vir a integrar, conjuntamente, a longo prazo (uma vez finalizado o trabalho de inventariação do arquivo, que se prevê venha a prolongar-se pelo menos por dez anos), num espaço de museu (talvez o sótão depois de recuperado), o arquivo e o espólio, hoje disperso, constituído por material de raiz, trabalhos de alunos e equipamentos diversos.

Na escola 333 (Escola Básica com Ensino Secundário da Sarrazola – Colares), tal eventualidade não está prevista.

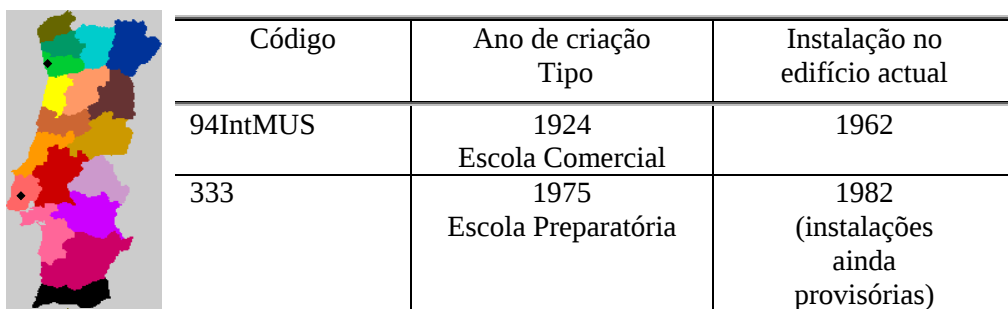


Figura 12 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria E.

Em segundo lugar, a natureza do arquivo a que se refere o projecto de cada uma é perfeitamente distinta:

- na Escola Rocha Peixoto, trata-se do arquivo administrativo morto do próprio estabelecimento, que como era previsível se considerarmos a sua antiguidade, é extremamente rico, englobando 650 volumes do Diário da República (desde 1919), 123 pastas de processos do pessoal (alguns ainda da década de criação da escola), para além de um número indeterminado de processos de alunos;

- na Escola da Sarrazola, a origem do arquivo radica na criação do Clube do Património, órgão promotor de diversas iniciativas (anos noventa) norteadas pela recuperação da memória histórica e cultural do concelho de Sintra/região de Colares, e como tal geradoras do correspondente acervo documental ([Figura 13](#)).

Em ambos os casos, os projectos foram desenvolvidos por professores de História. Os entrevistados referiram, como principais factores limitantes, os seguintes:

- Escola Rocha Peixoto – a diversidade de elementos e a complexidade do processo de estruturação, aliadas à necessidade de movimentação das pastas, algumas em estado de avançada degradação, do local onde se encontram armazenadas para a sala onde o trabalho de inventariação vai sendo efectuado, torna ainda mais notória a morosidade da tarefa;

- Escola da Sarrazola - o espaço actualmente disponível para albergar o arquivo (sala de Audiovisuais), para além de exíguo é pouco adequado como local de visualização, consulta e trabalho.

2.4.2.1.6 Categoria F

Este grupo, caracterizado pela existência de um projecto ou de uma ideia antigos, porém sem prazo definido para a sua concretização, engloba um conjunto bastante heterogéneo de escolas, em número de seis ([Figura 14](#)).

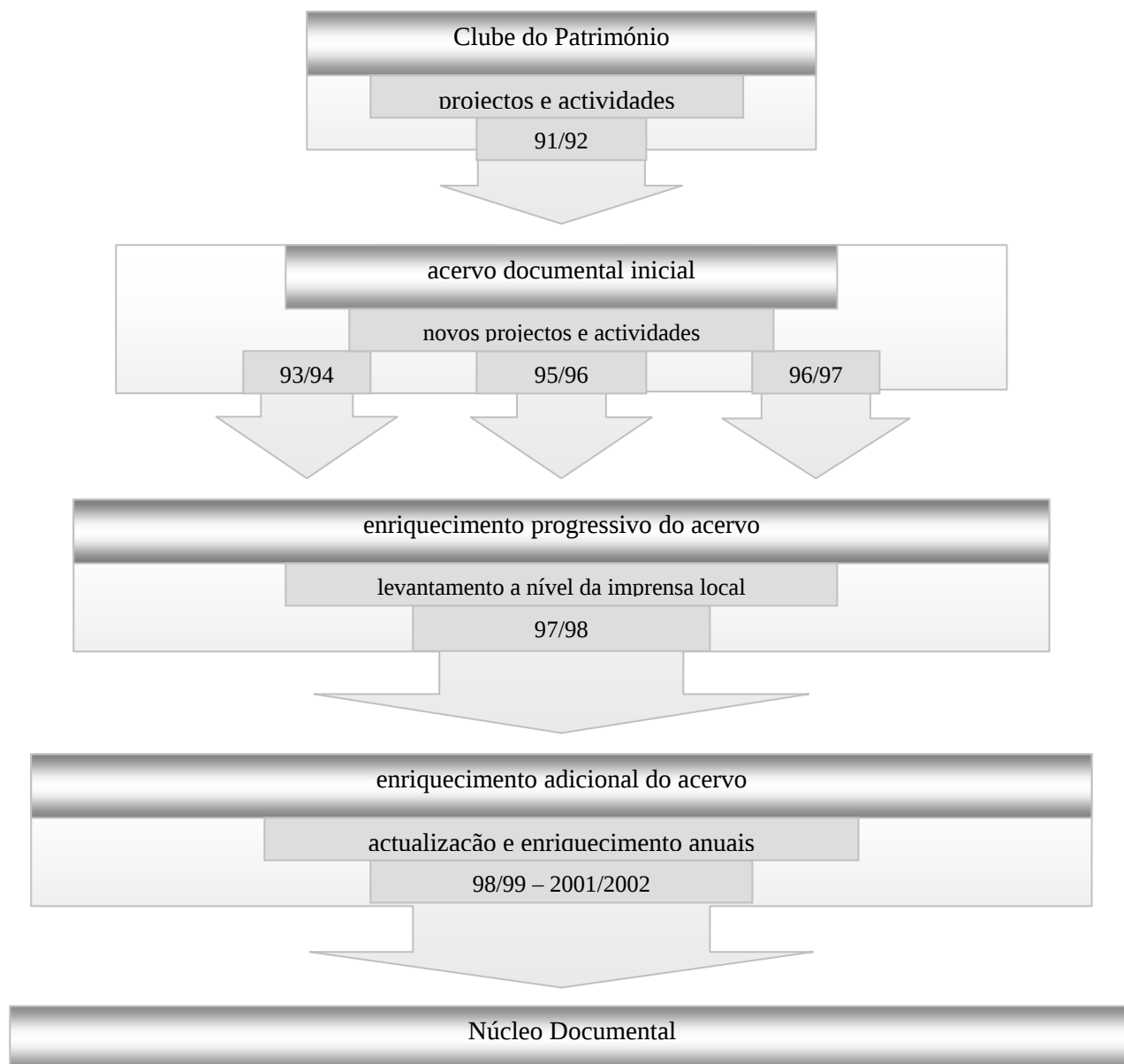
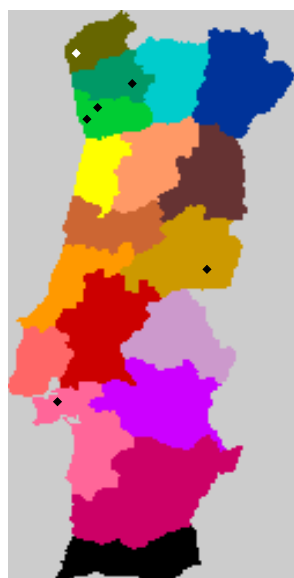


Figura 13 – do Clube do Património ao Núcleo Documental da Escola da Sarrazola.

Essa heterogeneidade convida a uma interpretação dos perfis encontrados segundo diferentes perspectivas (Tabela IV). Dessa análise sobressai, pela inexistência de qualquer actividade em desenvolvimento actualmente, a escola 175IntMUS (Escola Secundária de Alcains). Curiosamente, verifica-se que é também a única do grupo em que existiu uma fase de pré-projecto (da autoria de um professor de História) dotada de uma dinâmica significativa (recolha, após adequada sensibilização da comunidade escolar e local, de doações, em particular junto de alunos, encarregados de educação e funcionários; inventariação e catalogação das peças; definição de um espaço possível para a instalação do museu), mas em relação ao qual foi sentido, desde o início, como limitante fundamental, o factor humano. A falta de disponibilidade no corpo docente, aliada ao facto de o Conselho Executivo não se assumir como dinamizador do projecto, conduziu ao actual estado de latência:



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
24IntMUS	1972 Escola Técnica	1972
81IntMUS	1958 Escola “Mãe” ↓ Escola Industrial Feminina	1958
97IntMUS	1954 Escola Industrial e Comercial	1959
126ProMUS	1853 Liceu	1946
175IntMUS	1986 Escola Secundária	1986
388ProMUS	1955 Escola Industrial e Comercial	1958

Figura 14 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria F.

- suspendeu-se a aceitação de doações;
- transferiram-se as peças (maioritariamente alusivas à agricultura - alfaías agrícolas, e incluindo também artesanato) para reserva, na Biblioteca e na sala do Conselho Executivo;
- a colocação de vitrinas para exposição do espólio no local já definido (átrio do piso superior do Pavilhão Administrativo) ficou adiada, tal como qualquer outra iniciativa, por tempo indeterminado.

No perfil da escola 24IntMUS faz-se notar com particular ênfase o tipo de museu que se pretende criar, o que imediatamente se torna compreensível se considerarmos que se trata da Escola Agrícola de Fermil de Basto - Molares, onde a ideia nascida no Conselho Executivo encontrou na disciplina de Área de Diversificação e Desenvolvimento Rural o instrumento ideal e lógico para, no contexto de trabalhos de projecto (um dos projectos desenvolvidos anualmente é sempre o do museu), ampliar um acervo de raiz, relativo ao trabalho do solo em geral e à enologia em particular, através de doações solicitadas junto das comunidades regionais. Progressivamente restauradas pelos alunos no mesmo âmbito, as peças vão sendo armazenadas numa antiga casa de habitação, típica da região, com um lagar no piso inferior, que faz parte do património da escola, e se pretende transformar no futuro museu.

As restantes quatro escolas desta categoria têm, à partida, em comum, o facto de em todas elas se pretender criar um museu que retrate o respectivo percurso histórico. Para além disso, partilham também a semelhança na natureza dos seus espólios, com a seguinte constituição:

Tabela IV - tipos de museu previsto (■), actividades em desenvolvimento (●) e principais limitações (◆), nas escolas da categoria F.

TIPO DE MUSEU				ATIVIDADES EM DESENVOLVIMENTO							PRINCIPAIS LIMITAÇÕES					
	“História da Escola”	“Rural”	“Etnográfico” (?)	Cedência de peças para exposições na escola	Cedência de peças para exposições fora da escola	Restauro na escola	Restauro por firmas especializadas	Recolha de peças “perdidas”	Recolha de peças doadas	Catálogo / inventariação	Verbas (recuperação do espaço)	Espaço reduzido	Espaço ocupado	Espaço não definido	Factor humano	Morosidade do trabalho
24IntMUS		■				●			●		◆					
81IntMUS	■			●	●						◆					
97IntMUS	■			●	●			●					◆			
126ProMUS	■			●	●		●	●		●				◆		
175IntMUS			■												◆	
388ProMUS	■							●		●						◆

- equipamentos de raiz;
- trabalhos realizados pelos alunos no âmbito dos antigos cursos (excepto na escola 126ProMUS, actual Escola Secundária de Santa Maria Maior - Viana do Castelo, e único ex-liceu deste grupo);
- algumas doações (apenas não referidas para a escola 81IntMUS, Escola Secundária Aurélia de Sousa - Porto).

É no entanto a escola 388ProMUS (Escola Secundária Emídio Navarro - Almada) que, neste conjunto, mais parece distanciar-se das restantes. Esta primeira suposição confirma-se e é justificada após uma análise mais profunda da sua situação. Com um projecto para recuperação do património (da autoria de uma professora de História), que pretende desenvolver também as vertentes de Biblioteca e Arquivo, tal constitui aqui, à semelhança do que já foi referido para a categoria anterior (ponto 2.4.2.1.5 - Escola Rocha Peixoto), a causa principal da lentidão do processo, como se torna claro pelo “ponto” da situação:

- a inventariação do espólio está a ser executada parcelarmente nos grupos disciplinares correspondentes;
- a catalogação da Biblioteca está concluída;
- a catalogação do Arquivo está em curso, mas numa fase ainda embrionária.

O espaço não constitui, neste caso, ao contrário das restantes três escolas, factor limitante, estando prevista uma instalação repartida:

- o Arquivo ficará na ex-sala de Informática, já equipada com armários adequados a esse fim;
- a Biblioteca e o restante espólio (equipamentos, trabalhos, peças doadas) ficarão na antiga Biblioteca, que passará a denominar-se Museu/Biblioteca, e onde já se encontra uma reserva parcial.

É de referir ainda, relativamente a esta escola, e na sequência do que foi discutido no ponto 2.4.2.1.3 (categoria C), que foi sentida como entrave a um mais rápido e eficiente andamento dos trabalhos, a inexistência do apoio solicitado ao Instituto Histórico da Educação em termos de formação, embora se tenha verificado o aconselhamento por um técnico de arquivo disponibilizado para o efeito.

Por último, é de assinalar que se prevê e deseja o funcionamento coordenado do Museu da Escola e do Museu da Cidade de Almada.

Esta mesma procura, para além dos limites da escola, através de protocolos ou associações de vários tipos, de apoio e solução para os múltiplos entraves que projectos desta índole sempre enfrentam, com especial relevo para os de natureza financeira, é encontrada também nas escolas 81IntMUS e 126ProMUS:

- na Escola Secundária Aurélia de Sousa, onde uma iniciativa com origem no Conselho Executivo e num grupo de professores mais antigos enfrenta o impasse inevitável que as obras avultadas que é necessário realizar na antiga biblioteca (e espaço do futuro museu) implicam, existe a expectativa de que o Grupo de Amigos de Aurélia de Sousa (cuja criação está prevista) venha a ser um potencial impulsionador do projecto;

- na Escola Secundária de Santa Maria Maior, assim que se verifique a libertação da ala (equivalente a seis salas) que o Centro de Área Educativa local ocupa, permitindo a concretização da ideia antiga de um professor, hoje aposentado e responsável pelo Museu Municipal, de criar um museu na escola, pretende-se pôr em prática uma estreita colaboração entre ambos.

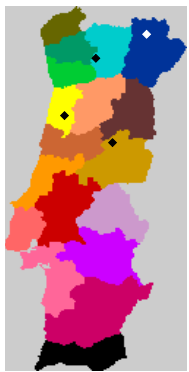
Entretanto, na primeira das duas escolas referidas, o espólio (que inclui também os equipamentos de um antigo Núcleo Museológico de Informática que em tempos existiu), já catalogado, aguarda a chegada de melhores dias, encerrado em armários num gabinete ou armazenado em zona restrita de uma sala de aulas, ou no espaço já do futuro museu, tendo como “guardiões” um pequeno grupo de professores de diferentes áreas disciplinares. Por vezes, o “exílio” é quebrado quando ocorre a cedência de peças para exposições temporárias realizadas na escola ou noutros locais.

Na segunda escola, também disperso por salas e arrecadações, enquanto se vai efectuando o seu inventário por uma equipa de trabalho constituída por um professor de História, um professor de Educação Moral e Religiosa, e dois professores de Geografia (área temática dominante), o espólio vai sendo ampliado (com novas peças que se vão descobrindo ainda “perdidas” no interior da escola), conservado (quando necessário são entregues peças, principalmente de mobiliário, a firmas especializadas em restauro) e divulgado, dentro e fora da escola, tal como no caso anterior, em exposições temporárias.

Na última escola deste grupo, com o código 97IntMUS (Escola Secundária de Tomaz Pelayo - Santo Tirso), repete-se o mesmo quadro de cedência temporária de peças (inventariadas e parcialmente catalogadas, em reserva em vários locais da escola), mas todo o processo se encontra numa fase mais primitiva, embora corresponda a uma ideia (emanada do Conselho Executivo) com cerca de oito anos. Uma antiga oficina da escola (tinturaria) foi o local eleito para a instalação do museu. No entanto, para que possa ser preparado, necessita de ser temporariamente (porque se pretende que o espaço do museu acumule as funções actuais) liberto das aulas que ali funcionam. Enquanto tal não é possível, resta uma tarefa ainda muito absorvente, que consiste na recolha de peças “perdidas”, que se presume existam ainda em quantidade significativa.

2.4.2.1.7 Categoria G

As quatro escolas deste grupo (Figura 15), encontram-se um passo à frente das da anterior categoria, uma vez que em qualquer delas existe já um projecto em elaboração.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
53ProMUS	1984 Escola Secundária	1984
144ProMUS	1848 Liceu Nacional	1901
156ProMUS	1927 Escola Industrial e Comercial	1964
179ProMUS	1884 Escola Industrial	1912

Figura 15 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria G.

Relativamente à escola 53ProMUS (Escola Secundária de Vinhais), optou-se por incluí-la nesta categoria por ser aquela que, apesar de não coincidente, mais se aproxima da situação encontrada. A dificuldade de enquadramento exacto em qualquer das categorias estabelecidas que se verifica neste caso, fica a dever-se a diversas peculiaridades do respectivo perfil, nomeadamente:

- é assumido que existe um “projecto em fase de arranque”;
- é declarada a existência de um Núcleo de Documentação “mediática” dirigida à comunidade escolar;
- é referida a constituição de um espólio (já inventariado) reunido a partir de doações/aquisições, por iniciativa de professores de História, desde a criação da escola, e alusivo à história e cultura locais (artesanato, vestuário, recolhas arqueológicas, miniaturas de alfaías agrícolas);
- é também afirmado que actualmente, para além de actividades relacionadas com a catalogação, pelas quais é responsável uma professora de Educação Visual, apenas continua a efectuar-se, mas de forma não deliberada, a recolha de peças;
- pôde ser observado que o espólio se encontra exposto no interior de um pequeno número de vitrinas dotadas de iluminação própria, no pavilhão polivalente;
- é indicada, como limitação única ao desenvolvimento do projecto, o envolvimento da comunidade escolar (e em particular dos professores de História) noutras actividades consideradas prioritárias.

Deste conjunto de testemunhos algo discrepantes, fica a ideia de um projecto pouco dinâmico, que já terá atravessado talvez uma etapa de maior entusiasmo reflectido num mais forte envolvimento da comunidade escolar, e que parece revelar alguma fragilidade de estruturação.

Sobressai no entanto a procura de identidade com o tema unificador das actividades de complemento curricular, “Ruralidade e Solidariedade na Era da Globalização”, que coloca a tónica na cultura local.

Quanto às restantes três escolas do grupo, constituem um conjunto bastante coerente, muito em especial no que respeita às motivações que conduziram aos projectos em elaboração (todos eles pretendendo criar um Museu da História da Escola), que têm nos três casos por base a constatação da riqueza de um espólio, e a consciência da necessidade de inverter o seu estado de degradação e/ou abandono. Curiosamente, porém, o impulso determinante da passagem da ideia ao acto é perfeitamente distinto nos três casos:

- na escola 144ProMUS (Escola Secundária Camilo Castelo Branco - Vila Real), corresponde à realização das comemorações dos 150 anos da escola e à integração desta no programa POLIS;
- na escola 156ProMUS (Escola Secundária Marques de Castilho - Águeda), resulta da articulação entre a ideia inicial e a área disciplinar (História) do professor dinamizador;
- na escola 179ProMUS (Escola Secundária de Campos Melo - Covilhã), consiste no apoio técnico disponibilizado pelo Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (com a qual se pensa assinar futuramente um protocolo de cooperação).

Outra distinção possível entre estas escolas corresponde às limitações ao desenvolvimento do projecto referidas por cada uma delas:

- Escola Camilo Castelo Branco - falta de meios humanos habilitados para a efectuação de restauro/recuperação de peças e restrições de ordem financeira;
- Escola Marques de Castilho - disponibilidade temporariamente limitada do dinamizador do projecto, em fase de conclusão de Mestrado;
- Escola de Campos Melo - falta de verbas para o arranjo do espaço destinado ao museu (antiga tecelagem).

Entre as semelhanças que aproximam estas três situações, pode referir-se a relação indiscutível entre os espólios e os cursos sucessivamente leccionados em cada escola, com dominância da área de Têxteis na Escola de Campos Melo, e da área de Mecânica na Escola Marques de Castilho. A Escola Camilo Castelo Branco é, neste contexto, mais invulgar, guardando ainda o espólio do Museu colonial nela instalado nos anos trinta, e uma biblioteca onde se incluem obras raras e valiosas, como por exemplo:

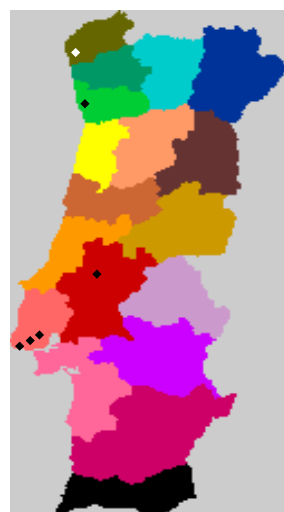
- dicionário bilingue publicado sob os auspícios de Vítor Hugo e prefaciado por Camilo Castelo Branco;
- obras completas de Corneille, em edição do século XIX;
- primeira edição da “Mensagem”, de Fernando Pessoa.

Esta escola tem procurado e obtido apoio técnico na área de arquivo junto da Câmara Municipal e do Arquivo Distrital de Vila Real.

A realização de exposições temporárias ocupa um espaço significativo entre as actividades em desenvolvimento nas escolas Camilo Castelo Branco e Marques de Castilho. Nesta última podem ser solicitadas visitas guiadas à escola, particularmente orientadas para as áreas oficinais. Já na Escola de Campos Melo as actividades de restauro de mobiliário e construção de painéis para o futuro espaço de museu são, presentemente, as mais significativas.

2.4.2.1.8 Categoria H

Verifica-se também um avanço relativamente à categoria anteriormente referida, nas seis escolas deste grupo ([Figura 16](#)), pois todas possuem projectos já elaborados.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
102ProMUS	1970 Escola Industrial e Comercial (Secção)	1980
125ProMUS	1888 Escola de Desenho Industrial	1964
272ProMUS	1975 Escola Secundária	1986
322ProMUS	1919 Escola Profissional de Agricultura	1919
325ProMUS	1980 Escola Secundária	1999
360ProMUS	1965 Escola Industrial (Extensão)	1986

Figura 16– distribuição geográfica e origem das escolas da categoria H.

Torna-se difícil tentar uma subdivisão desta categoria, devido à heterogeneidade revelada pelas escolas no contexto das diversas temáticas abordadas. No entanto, e considerando o tipo de Museu que em cada uma se pretende criar, verifica-se que os espólios incluem, em todos os casos, peças de raiz, correspondentes a equipamentos específicos dos diferentes cursos sucessivamente leccionados. Este acervo inicial foi sendo progressivamente ampliado de diferentes formas (doações, peças fabricadas pelos alunos, aquisições por colheita ou compra), pretendendo-se que o futuro Museu (Museu da História da Escola), abranja a totalidade do espólio em três dos casos considerados, respectivamente:

- 125ProMUS (Escola Secundária de Monserrate - Viana do Castelo);
- 322ProMUS (Escola Agrícola D. Dinis - Paiã);
- 360ProMUS (Escola Secundária de Alcanena).

Nos restantes casos, apenas se pretende integrar no futuro Museu o acervo referente a temáticas específicas, nomeadamente Informática (na Escola Secundária José Régio – Vila do Conde, 102ProMUS), Ciências Físico-Químicas (Escola Secundária de Carcavelos, 272ProMUS) e Ciências Naturais (Escola Secundária Amélia Rey Colaço - Linda-a-Velha, 325ProMUS).

Na Escola de Monserrate, em que o projecto para a criação do museu (de que é autor e coordenador um professor de História) o define como disperso, o espólio apenas teoricamente se encontra em reserva (em salas, arrecadações, armários e no cofre - o acervo documental). Na realidade tem sido objecto de numerosas actividades, com especial realce para o inventário, já concluído e relacionado com as etapas da escola desde a sua origem, e ainda a etiquetagem, a selecção, limpeza e restauro dos materiais a expor, realizados à medida que vai sendo efectuada a catalogação, em que é elaborada uma referência descritiva de cada uma das peças. Em alguns casos, o estado de deterioração destas (que incluem talhas, gessos, cerâmicas, têxteis, etc.) exige uma intervenção mais profunda, a realizar por pessoas especificamente habilitadas. O factor humano, associado à multiplicidade de tarefas que é necessário realizar, será talvez o único factor limitante no momento actual.

Na Escola Agrícola D. Dinis existe uma antiga vacaria, que ardida e em ruínas, foi recuperada no âmbito de um antigo projecto (ano lectivo de 1995/96), desenvolvido pelo Conselho Executivo. Sem capacidade financeira para ir mais além, ganhou um novo fôlego com a assinatura de um protocolo de cooperação entre a escola e o Município de Odivelas, em 1999/2000, transformando-se no projecto actual. Através dele pretende-se criar o Núcleo Museológico da Paiã, com forte ligação à comunidade, e que dinamizará a instalação, na vacaria recuperada, de um Museu alusivo à agricultura e actividades associadas e integrando as vertentes de Arquivo e Biblioteca de forma a retratar simultaneamente a história da instituição. Ao lado da vacaria prevê-se a construção de um edifício onde se concentrem as peças de maiores dimensões, ainda dispersas, nomeadamente máquinas agrícolas, de cuja evolução se pretende permitir uma perspectiva histórica. No espaço, inaugurado em 2001, com a apresentação de um vídeo do museu virtual, e que é e continuará a ser espaço de aulas, encontra-se em reserva um número já significativo de peças, algumas entretanto cedidas temporariamente para exposições fora da escola, como por exemplo no Museu de Etnologia (“O vôo do arado”) e na Câmara Municipal de Loures (diversas exposições relacionadas com o mundo rural). Enquanto as limitações financeiras, agudizadas pelas alterações municipais e governamentais, constituem um entrave à rápida concretização do projecto, vão sendo desenvolvidas actividades como recolha de peças (principalmente relacionadas com o arquivo), inventariação e catalogação, e restauro por firmas especializadas.

Na Escola de Alcanena, o espaço destinado ao futuro museu, antigo pavilhão para curtumes, aguarda uma recuperação indispensável e onerosa do telhado. A esta limitação junta-se a falta de tempo dos professores de História que, através do Clube do Património Local e Escolar, dinamizam o projecto. Entretanto o espólio, altamente desfalcado ao longo dos anos por extravio de peças, integrando muitas máquinas e manuais, vai sendo recolhido e amontoado, ainda sem organização, em vários locais, nomeadamente o referido pavilhão, e também em laboratórios e no arquivo morto (o museu integrará um Centro de Documentação). Efectua-se ainda a catalogação em ficha própria construída no Clube e a recuperação de peças por alunos. Outras actividades, por enquanto apenas previstas, são a pesquisa da memória oral junto da comunidade e a solicitação de doações. No futuro Museu os materiais serão provavelmente organizados em colecções, por disciplinas.

Na Escola José Régio, decorre continuamente a recolha de peças para o futuro Museu de Informática, com frequência obtidas através de doações, e a sua gradual inventariação e catalogação pelos professores de Informática. Colocadas em sala exclusivamente destinada ao armazenamento, aguardam a elaboração de um projecto por um professor de Educação Visual, para serem expostas nas salas de aulas de Informática e respectivos átrios, espaço que se começa a considerar insuficiente para albergar todo o espólio. O factor humano revela-se pois como o principal impedimento de uma mais rápida concretização do projecto do museu, que se prevê venha a desempenhar um papel primordial de apoio às aulas.

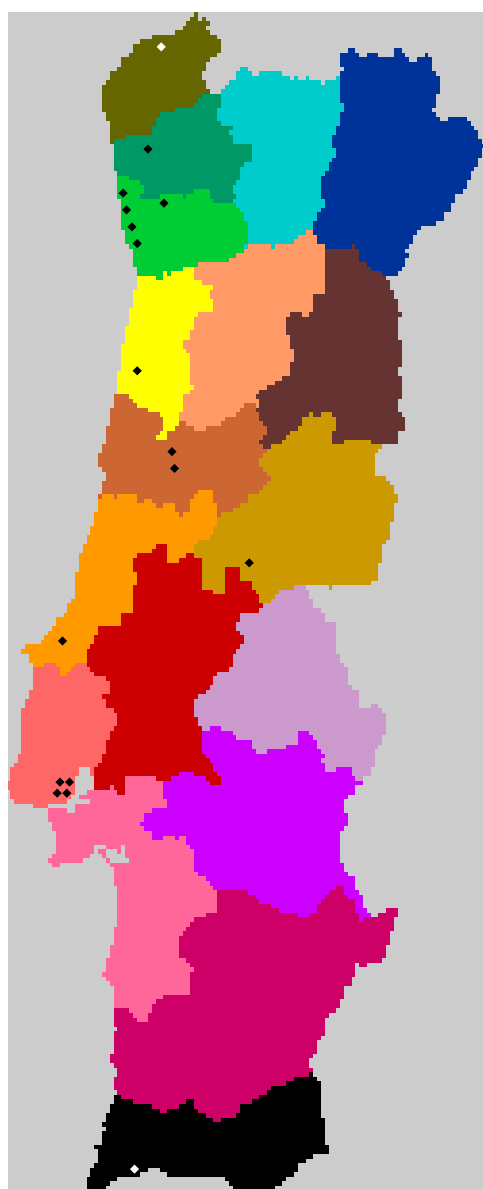
Na Escola de Carcavelos, o projecto inicialmente pensado para um Museu de Ciências viu-se reformulado, por limitações de espaço, pensando-se actualmente na criação de um Museu de Ciências Físico-Químicas, para cuja concretização se prevê o envolvimento do respectivo grupo disciplinar, com particular relevo para o papel dos dois professores dinamizadores. O espaço, ex-gabinete de Inglês, já liberto, carece ainda de ampliação, através do aproveitamento de espaços contíguos não necessários, tencionando a escola candidatar-se a um subsídio junto à Câmara Municipal de Cascais. O processo de inventariação e catalogação do espólio (equipamento de raiz, não actualizado e/ou desactualizado, e trabalhos de alunos), já todo reunido num anexo da sala de Ciências Físico-Químicas, encontra-se em fase inicial, sendo acompanhada pela recuperação de peças em mau estado de conservação.

Na Escola Amélia Rey Colaço, o projecto para a criação de um Museu de Ciências Naturais, da autoria de uma professora do grupo 11ºB, teve início no ano lectivo de 2000/2001, prevendo-se a abertura do museu ao público em 2002/2003. Este período alargado de concretização prende-se por um lado, a falta de tempo, e por outro à morosidade do trabalho de instalação num espaço onde ainda

decorrem aulas. As actividades em desenvolvimento são múltiplas, e vão da recolha de peças (o espólio era inicialmente muito reduzido), sua catalogação e etiquetagem para a exposição futura, à pesquisa bibliográfica com vista a todas essas tarefas. O espólio integra actualmente peças de origem, algumas doações, e material colhido em visitas de estudo, e encontra-se em reserva no actual Biotério. Pretende-se instalar no futuro museu áreas oficiais temáticas, nomeadamente uma área de Herbário e uma dedicada aos insectos. A articulação do museu com o Centro de Recursos da escola permitirá a produção de material didáctico de apoio.

2.4.2.1.9 Categoria I

Este grupo constitui o mais extenso de todos os definidos, englobando um conjunto de dezassete escolas (Figura 17).



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
102IntMUS	1970 Escola Industrial e Comercial (Secção)	1980
20IntMUS	1964 Liceu Feminino	1964
71IntMUS	1955 Escola Industrial e Comercial	1961
89IntMUS	1884 Escola de Desenho Industrial	1933
93IntMUS	1904 Liceu	1952
99IntMUS	1913 Escola Profissional de Agricultura	1913
115IntMUS	1972 Liceu (Secção = Escola Polivalente)	1974
166IntMUS	1988 Escola Secundária	1988
186IntMUS	1961 / 1975 Colégio Diocesano / Escola Preparatória e Escola Secundária	1992
195IntMUS	1836 Liceu	1936
207IntMUS	1973 Liceu (Secção)	1984
263IntMUS	1885 Escola de Desenho Industrial	1964
285IntMUS	1884 Escola de Desenho Industrial	1956
292IntMUS	1893 Escola Elementar de Comércio	1963
296IntMUS	1952 Escola Industrial	1952
300IntMUS	1965 Liceu Masculino	1965
461IntMUS	1983 Escola Secundária (Secção)	1983

Figura 17 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria I.

Em todas elas, a intenção de criar, a curto prazo, um Museu, não se materializou ainda em qualquer projecto. Inevitavelmente heterogénea devido à sua dimensão, é no entanto possível uma análise comparativa mais simplificada desta categoria, subdividindo-a com base no tipo de museu pretendido (Figura 18).

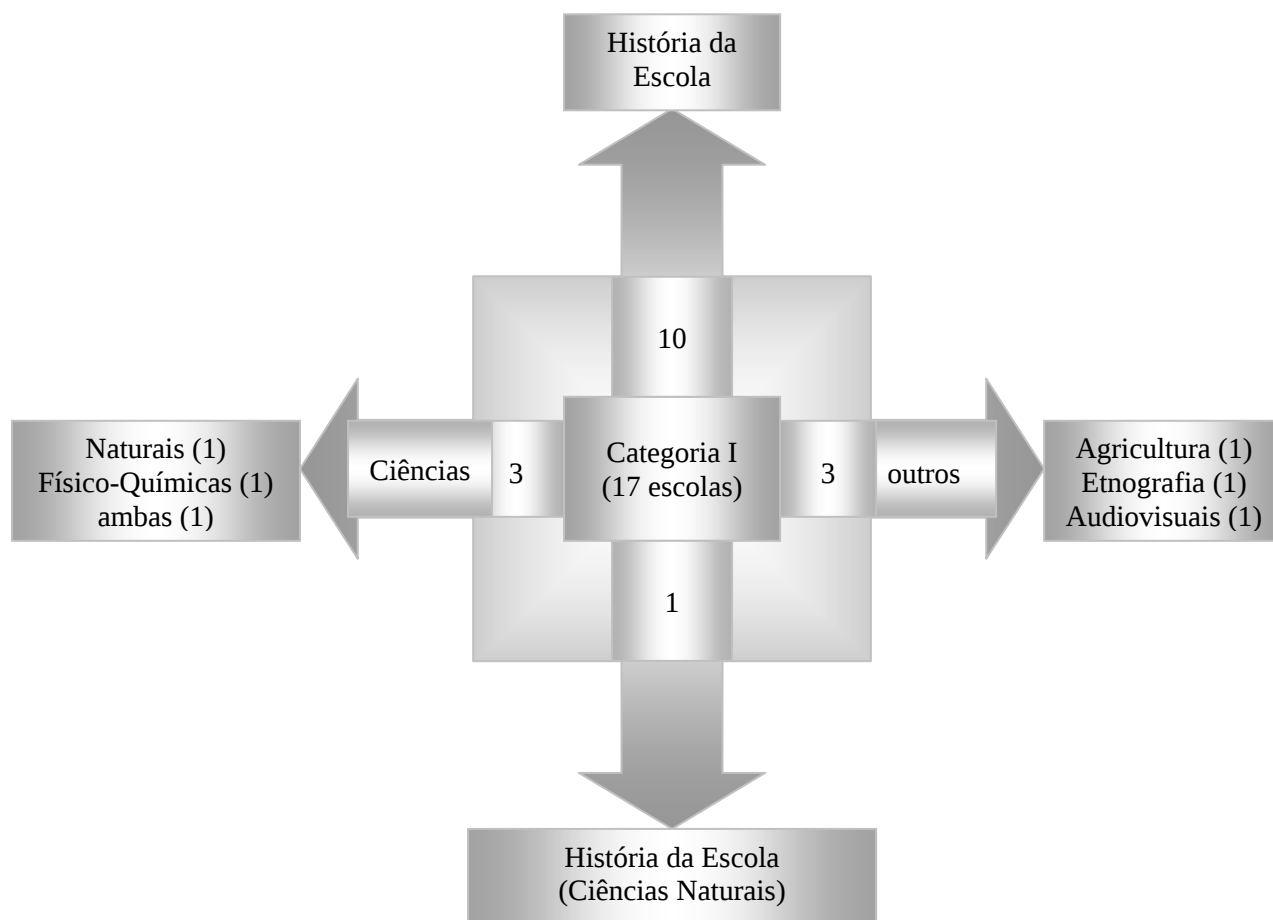


Figura 18 – subdivisão da categoria I com base no tipo de museu pretendido.

As dez escolas onde se pretende um museu que retrate a história da instituição são as seguintes:

- 71IntMUS - Escola Secundária João Gonçalves Zarco - Matosinhos;
- 89IntMUS - Escola Secundária do Infante D. Henrique - Porto;
- 166IntMUS - Escola Secundária da Gafanha da Nazaré;
- 207IntMUS - Escola Secundária de Penacova;
- 263IntMUS - Escola Secundária de Rafael Bordalo Pinheiro - Caldas da Rainha;
- 285IntMUS - Escola Secundária de Afonso Domingues - Lisboa;
- 292IntMUS - Escola Secundária de Ferreira Borges - Lisboa;
- 296IntMUS - Escola Secundária Josefa de Óbidos - Lisboa;
- 300IntMUS - Escola Secundária Padre António Vieira - Lisboa;
- 461IntMUS - Escola Secundária de Júlio Dantas - Lagos.

Nas escolas do Infante D. Henrique, de Rafael Bordalo Pinheiro e Afonso Domingues, todas com o mesmo estatuto de origem (Escolas de Desenho Industrial), criadas em 1884-1885, sobressai o estado de preservação das oficinas/parques de máquinas.

Na Escola do Infante D. Henrique, a ideia de criar um Núcleo Museológico surgiu por sugestão da responsável pelo Museu da Indústria (Freixo), face à riqueza e raridade do espólio existente, e logo ganhou contornos de inevitabilidade. O restante acervo, cuja recolha pode considerar-se praticamente concluída, em parte preservado numa pequena sala e em parte exposto no interior de armários em vários locais da escola, inclui equipamentos de raiz e trabalhos realizados pelos alunos no âmbito dos antigos cursos (Têxteis, Mecânica, Electrotecnia), livros e material diverso de laboratório, encontrando-se em fase de inventariação e restauro. O espaço do futuro Museu não está ainda definido, podendo ou não corresponder à actual sala das reservas. Relativamente ao parque de máquinas, as opiniões dividem-se entre duas correntes opostas: a que defende a sua manutenção e a que sugere o seu “desmantelamento” em prol de um aproveitamento do espaço para outros fins. Os partidários desta última alternativa viam na hipótese da sua transferência para o Museu da Indústria uma possível solução, que se revelou porém logo à partida difícil de concretizar, uma vez que o museu, ainda em fase de construção, se encontrava já superlotado. Permanece assim por definir a melhor forma de dar corpo à ideia do Museu nesta escola, onde o factor humano e a falta de verbas são apontados como principal entrave ao processo.

Na Escola de Rafael Bordalo Pinheiro, às peças de raiz juntam-se os trabalhos de Mecânica (Serralharia, guardados em armários na zona oficinal), e os de Têxteis (bordados regionais, em reserva no Conselho Executivo). São no entanto as peças de Cerâmica, expostas à vista em diversos locais da escola, que melhor parecem definir o carácter particular deste espólio. Foi aliás a sua riqueza que fez surgir o desejo de criar um Museu, e é a falta de espaço que compromete a sua concretização, vivendo-se um pouco na expectativa de que a construção, apenas prevista, de outra escola, destinada ao ensino básico, possa por fim libertar algumas salas, pela consequente transferência de uma parte da população escolar.

Na Escola de Afonso Domingues, há cerca de quinze anos que uma professora do 1º grupo recolhe o espólio disperso e o reúne numa sala, tendo em vista, numa primeira abordagem, a salvaguarda de peças, algumas de muito valor, em particular as que integram o arquivo morto: documentos, legislação e revistas. A maior parte dos equipamentos de raiz e trabalhos realizados pelos alunos estão arrecadados nas oficinas, cuidadosamente preservadas graças à dedicação dos professores

de Mecânica. Existe no entanto algum material disperso, especificamente no sótão, onde o seu abandono e degradação constituem ainda uma visão desoladora. A riqueza do arquivo suscita por vezes a solicitação da sua consulta, fundamentalmente por alunos de Mestrado ou de Doutoramento. A pedido do Conselho Executivo, no ano lectivo de 2000/2001, visitaram a escola representantes do Instituto Histórico da Educação, que “sugeriram a recuperação do arquivo”. Outra iniciativa, anterior, por parte do Conselho Executivo, junto da DREL, que chegou a envolver um projecto de reformulação das áreas oficinais (da autoria de um arquitecto inglês), acabou por quase cair no esquecimento, não se vislumbrando até hoje solução para o impasse, em que a falta de espaço vem agravar o principal factor limitante, o humano.

Também com origem ainda no século XIX, como Escola Elementar de Comércio, a Escola de Ferreira Borges viu nascer a ideia da criação de um Museu durante uma exposição realizada na escola, em que despertou a consciência do valor de um espólio que inclui, entre outras peças, equipamentos de raiz, livros e materiais diversos das disciplinas antigas, e fotografias. A vertente privilegiada é aqui a do Arquivo, que se pretende vir a concentrar no sótão. Apesar de não existir ainda um projecto elaborado, pensa-se, neste meio tempo, num Museu “disperso”, a divulgar no jornal da escola e também no jornal da Junta de Freguesia, em que se verifique uma rotatividade de peças e alteração de percursos. O restauro de algumas peças do acervo por técnicos especializados constitui uma necessidade reconhecidamente incontornável. Actualmente recolhem-se ainda materiais dispersos, considerando-se também aqui o factor humano como determinante de uma evolução progressiva de todo o processo.

Prosseguindo a análise destas dez escolas por ordem cronológica, surgem, já criadas no século XX, durante a década de 50, as escolas Josefa de Óbidos (ex-Industrial) e João Gonçalves Zarco (ex-Industrial e Comercial).

Na primeira, vive-se uma situação invulgar de optimismo, sendo referido, apesar da inexistência de um projecto elaborado, que na escola existem os meios necessários à concretização da ideia de criação do Museu, com abertura prevista ainda para o ano lectivo de 2001/2002. A instalar em duas salas transformadas numa só, o espólio inclui equipamentos de raiz e trabalhos de alunos referentes a duas áreas fundamentais e contrastantes - Têxteis e Secretariado - e está ainda disperso por vários locais da escola. Encontram-se também guardadas no cofre algumas peças de maior valor (as únicas de que já foi elaborado inventário). Não existe pois aqui factor limitante a referir no momento actual, uma vez que a falta de espaço está em vias de solução, decorrendo actividades de inventariação/catalogação

no seio dos diferentes departamentos disciplinares, enquanto é finalizado o orçamento respeitante às obras necessárias, a terem início brevemente.

Na segunda, está também já definido o espaço do futuro Museu - o sótão - onde se encontra reunida a maior parte do espólio: equipamentos de raiz e peças fabricadas na escola no âmbito dos sucessivos cursos, entre as quais o mobiliário, as tapeçarias e os teares ocupam um lugar significativo. O Museu é pensado como um centro de aprendizagens paralelas ao ensino curricular, objectivo que se pretende cumprir através de uma estruturação do espaço em áreas correspondentes aos antigos cursos ministrados na escola, funcionando em cada uma delas uma ou várias mini-oficinas. Até lá, há que reunir ou obter as verbas necessárias para as obras de reforço da placa e revestimento do tecto do sótão.

Criadas na década seguinte, com o estatuto de Liceu, as escolas de Penacova e Padre António Vieira revelam dois perfis marcadamente distintos.

Na primeira, para os sucessivos e frequentes eventos em que a escola participa (como por exemplo a comemoração do 15º aniversário da escola, a exposição anual da ProfArte, as Escolíadas), vão sendo construídos, muitas vezes no seio dos clubes nela existentes, adereços vários que enriquecem progressivamente o espólio de raiz, convertido dessa forma num acervo invulgar e multifacetado. Nele se incluem, entre outras peças, trajes diversos, uma bruxa, teares, material de electricidade, equipamentos de informática, fotografias antigas da região, um presépio em madeira, um sarcófago, e trabalhos oficinais de diferentes áreas. A falta de espaço é referida como único factor limitante, nesta escola que revela um grau acentuado de dinamismo, atestado pela actividade quase permanente de criação de peças.

Na segunda, foi a constatação da riqueza do acervo e sua disponibilização motivada pelo subaproveitamento do material, que fez nascer a ideia de criação de um Museu. A maior parte do espólio, ao contrário do que parece ser a situação mais comum nas escolas estudadas, foi obtido por aquisição, relacionando-se com as áreas temáticas de Ciências Naturais (Biologia, Geologia, Mineralogia), Educação Visual (escultura, serigrafia, fotografia, cerâmica) e fundamentalmente de Ciências Físico-Químicas. Disperso por diferentes laboratórios e zonas da escola, encontra-se presentemente sob a mais directa responsabilidade de um conjunto de professores dos grupos disciplinares 1º, 4º e 11ºB. Como prazo-limite para a elaboração do projecto considera-se o ano lectivo de 2001/2002. Desenrolam-se actividades como recolha de peças (por solicitação de doações),

definição do espaço (talvez duas salas e três anexos, após alterações mínimas, disponíveis em consequência de uma diminuição drástica da população escolar), catalogação/inventariação (o inventário existente encontra-se desactualizado) e montagem de exposições temporárias. É porém a selecção de uma equipa responsável pelo projecto, com base em critérios relacionados com o interesse pessoal e a experiência, que se afigura mais premente, assim como a procura de vias para a sua adequada formação.

Com origem na década de 80, já como secundárias, as escolas da Gafanha da Nazaré e de Júlio Dantas são as mais recentes deste subconjunto.

Na primeira, a ideia da criação de um Museu foi da autoria de um professor do 4º grupo, consciente do espólio, com várias origens, que vai sendo acumulado (equipamentos de raiz, muitos já ultrapassados, trabalhos realizados pelos alunos, doações pontuais) e da sua importância como factor de humanização da escola. A maior parte das peças (ainda não inventariadas) está reunida numa arrecadação, não sendo possível prever um prazo de concretização da ideia devido à falta de espaço. Paralelamente à recolha e reserva, processos já praticamente concluídos, vai sendo organizado o arquivo fotográfico para o futuro Museu, com a participação do laboratório de fotografia existente na escola.

Na segunda, na raiz da ideia, nascida no Conselho Executivo, está uma alternativa possível ao processo de “abate” de muito material existente na escola, ou seja, a sua salvaguarda. Esse material, também maioritariamente produto dos cursos leccionados desde a sua criação (Geologia, Informática, Serviços Comerciais, Artes), encontra-se reunido quase na totalidade em duas salas (sala de Serviços Comerciais e sala de Informática), procurando-se a colaboração dos Directores de Instalações dos diferentes grupos disciplinares para a sua investigação/interpretação, associadas ao processo de inventariação. Pretende-se também que os referidos grupos apresentem propostas relativas aos materiais a expor. Entre as tarefas prioritárias encontram-se o fabrico de vitrinas e ainda a construção de uma estrutura central em vidro, idealizada para a zona interior do Museu, que poderá vir a constituir um percurso dirigido. No exterior dos pavilhões, especificamente entre dois blocos (A e B), serão dispostas as peças do acervo relacionadas com o domínio das Artes. Torna-se óbvio que, atendendo ao carácter mais ambicioso desta ideia, as limitações de ordem financeira são inevitáveis. Há ainda a referir que existia uma parte do espólio, referente à área de Têxteis, que foi objecto de cedência a outras escolas, nomeadamente duas do ensino preparatório e uma destinada a alunos incapacitados.

Existe uma escola (Figura 18) em que o Museu que se pretende criar apresenta uma dualidade motivada pelo seu percurso histórico. Trata-se da Escola Secundária José Falcão – Coimbra (195IntMUS). Com o estatuto inicial de Liceu, na natureza do seu arquivo é patente a ligação primordial à Universidade de Coimbra. O restante espólio prende-se na totalidade às áreas disciplinares de Física e Biologia (maioritárias), e ainda de Geologia, Química e Geografia, o que permitirá considerar o futuro Museu da História da Escola simultaneamente como um Museu de Ciências. Para a sua criação, alterações na zona do ginásio (condicionadas pelas elevadas verbas exigidas) permitirão “criar” o espaço indispensável. Enquanto tal não é possível, o espólio, ainda distribuído pelos diferentes “territórios” disciplinares, é utilizado, quando necessário, em exposições temporárias, e a catalogação/inventariação, muito minuciosa, encontra-se parcialmente concluída.

Existe igualmente intenção de criar Museus de Ciências em outras três escolas desta categoria (Figura 18):

- 20IntMUS – Escola Secundária D. Maria II – Braga;
- 93IntMUS – Escola Secundária Eça de Queirós – Póvoa de Varzim;
- 186IntMUS – Escola Secundária Pedro da Fonseca – Proença-a-Nova.

Na Escola D. Maria II, o tipo de Museu idealizado, referente a um espólio quase integralmente constituído por materiais de raiz, aborda as áreas disciplinares das Ciências Naturais (Biologia, Geologia, Mineralogia) e das Ciências Físico-Químicas. A falta de espaço necessário apenas permitiu até ao momento a “arrumação organizada” de um número significativo de peças (inventariadas e catalogadas, no interior de vitrinas) em duas áreas distintas: a correspondente às Ciências Naturais, no átrio próximo da sala dos professores; e a respeitante às Ciências Físico-Químicas, no átrio do antigo anfiteatro de Física da escola. Da responsabilidade dos Directores de Instalações, o acervo aguarda assim as verbas necessárias ao envidraçamento e preparação adequada de uma área de recreio aberto pouco utilizada, que será mantida como sala polivalente (espaço de Museu e de convívio).

Na Escola Eça de Queirós é igualmente a falta de espaço que impede a organização do espólio de raiz, aqui exclusivamente relacionado com as áreas disciplinares das Ciências Naturais (Biologia – Zoologia, Geologia, Mineralogia, Paleontologia), no espaço de Museu imaginado. Entretanto distribuído por vários corredores e pelo laboratório de Ciências Naturais, o acervo vai sendo objecto de actividades de inventariação/catalogação, com a vertente implícita de classificação de exemplares, por parte da professora do grupo 11ºB autora da ideia, que simultaneamente procura uma solução para o problema dos animais embalsamados, a necessitarem urgentemente de recuperação por técnicos especializados.

Na Escola Pedro da Fonseca, a transferência, em 1992, para as actuais instalações, com amplas áreas disponíveis, colocou a descoberto um acervo significativo e subaproveitado, quase exclusivamente constituído por peças de raiz, e cuja área científica dominante é a Física. A recolha de peças dispersas persiste ainda, e pretende-se que a usual inventariação/catalogação conduza a uma reorganização das peças por temas, facilitadora de uma futura utilização pelos alunos, no contexto de aula. A autoria da ideia é devida a um professor do 4º grupo, que refere a falta de tempo para se dedicar mais intensamente a estas actividades como principal factor limitante do processo. A maior parte das peças reunidas encontra-se já preservada no interior de armários nos átrios e laboratórios do bloco E, onde funcionam as aulas de Ciências Físico-Químicas.

As ideias mais *sui generis* em termos de temática a abordar nos futuros museus, nesta categoria, são as correspondentes às três escolas ainda não analisadas (Figura 18):

- 99IntMUS – Escola Profissional Agrícola Conde S. Bento – Santo Tirso;
- 102IntMUS – Escola Secundária José Régio – Vila do Conde;
- 115IntMUS – Escola Secundária de Monção.

Na primeira, existira já, durante algum tempo, um mini-Museu, desactivado quando, há cerca de seis anos, e não existindo ninguém que por ele se responsabilizasse, o espaço que ocupava se tornou necessário para outros fins. Estes dois problemas passaram desde então a constituir o fulcro de uma situação de impasse que nem o interesse manifestado pela Câmara Municipal de Santo Tirso, no sentido de se encontrar uma solução, conseguiu até à data fazer ultrapassar. Surgiram, no entanto, no que ao espaço se refere, duas possíveis soluções alternativas para a instalação do futuro Museu da Agricultura: ou uma adega antiga, ou uma eira praticamente desaproveitada. A primeira solução parece ser a que reúne mais circunstâncias a seu favor, uma vez que a recuperação da eira exigiria obras complexas e de custo avultado. Em contrapartida, a adega foi já alvo de uma recuperação parcial, que definiu no espaço duas zonas distintas: - a de entrada, onde se realizam os eventos mais significativos (recepções, festas da escola, sessões de fado); - a interior, ainda por restaurar, e correspondendo à adega propriamente dita. Algumas peças do espólio, relacionado com diferentes temáticas da vida agrícola, encontram-se já expostas neste local, enquanto outras, incluindo mobiliário do antigo mosteiro, hoje parte integrante da escola, se encontram ainda dispersas. O inventário do espólio, em actualização, tem revelado lamentáveis e significativas perdas, por vendas efectuadas ao ferro-velho ou por extravio. É de assinalar a cedência temporária de peças para exposições fora da escola, em particular a organizada por iniciativa da Comissão dos Descobrimentos, na Alfândega do Porto, durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

Na segunda escola, já referida na categoria H, pela existência de um projecto elaborado e em vias de concretização, para a criação de um Museu de Informática, foi a impossibilidade, em termos de espaço, de instalar dois museus na escola, que tornou necessária a “relegação” para segundo plano do Museu de Audiovisuais também idealizado. O espólio, constituído por equipamento armazenado desde a origem da escola numa sala com esse fim exclusivo, e a transferir para a sala do arquivo quando o Museu de Informática for criado, aguarda uma solução, para a qual poderá vir a contribuir a Câmara Municipal de Vila do Conde.

Na terceira e última escola desta categoria, a motivação que despoletou a vontade de criar um Museu Etnográfico nasceu do próprio Projecto Educativo de Escola, com a sua vertente de ligação ao meio. A recolha de peças obtidas por doação e a sua interpretação, realizadas com a participação de alunos sob a orientação de professores do grupo de História (10º A), permite pôr a nu peculiaridades do quotidiano da região e do mundo agrícola. Uma vez mais a falta de espaço impede em absoluto a concretização destas iniciativas. As peças são armazenadas em dois locais distintos consoante a sua dimensão: - as menores, numa arrecadação; - as maiores, transportadas até à escola graças à colaboração da Câmara Municipal de Monção, na nave onde funcionavam as aulas de Construção Civil. Está prevista a demolição dos velhos pavilhões pré-fabricados da escola, aguardando-se com alguma expectativa que a construção de uma nova escola constitua o desfecho feliz de todo o processo.

2.4.2.2 Escolas com Museu/Núcleo Museológico/Sala de Exposições

2.4.2.2.1 Categorias J, K e L

Qualquer das escolas cuja situação museológica se relaciona com a recuperação e/ou conservação de um museu ou de um espólio original (Quadro-síntese III – categoria K), corresponde a uma de duas situações (Figura 19):

- ou o Museu se relaciona com cursos ou disciplinas específicos leccionados na escola (Categoria J);
- ou o Museu é alusivo à história da escola desde a sua criação (Categoria L).

Outros casos há que se enquadram também numa destas categorias, embora não correspondam ao perfil de recuperação/conservação acima referido.

2.4.2.2.1.1 Categoria J

Do conjunto de quinze escolas que constituem esta categoria (Figura 20), são sete (Figura 19) aquelas em que o Museu actual não é produto de um processo de recuperação/conservação tendo como alvo um espólio, já organizado, ou não, num museu original:

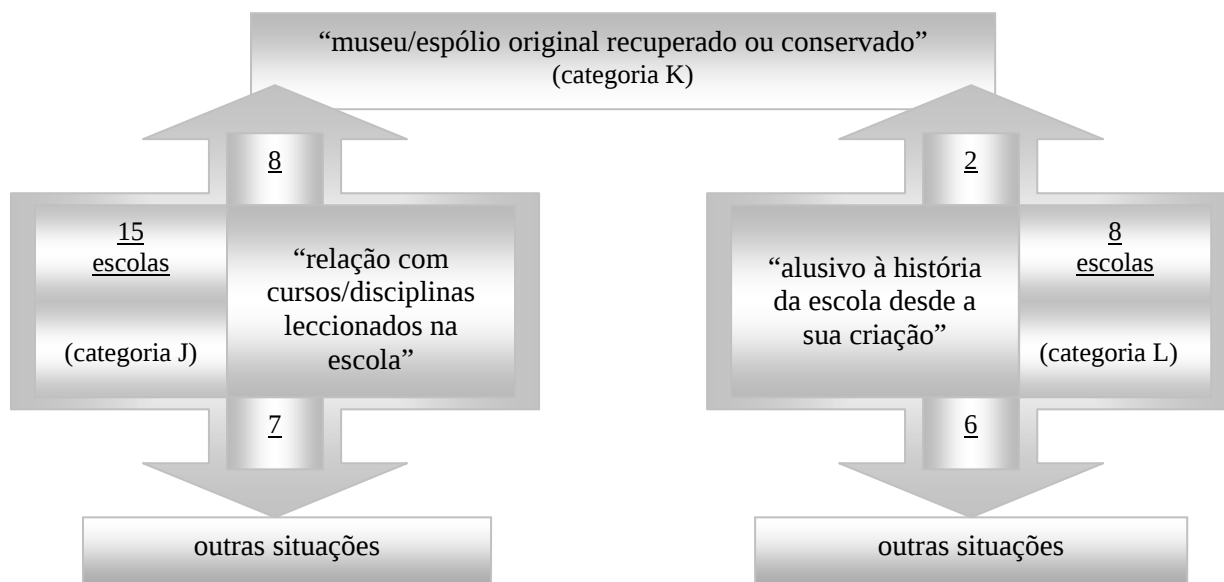


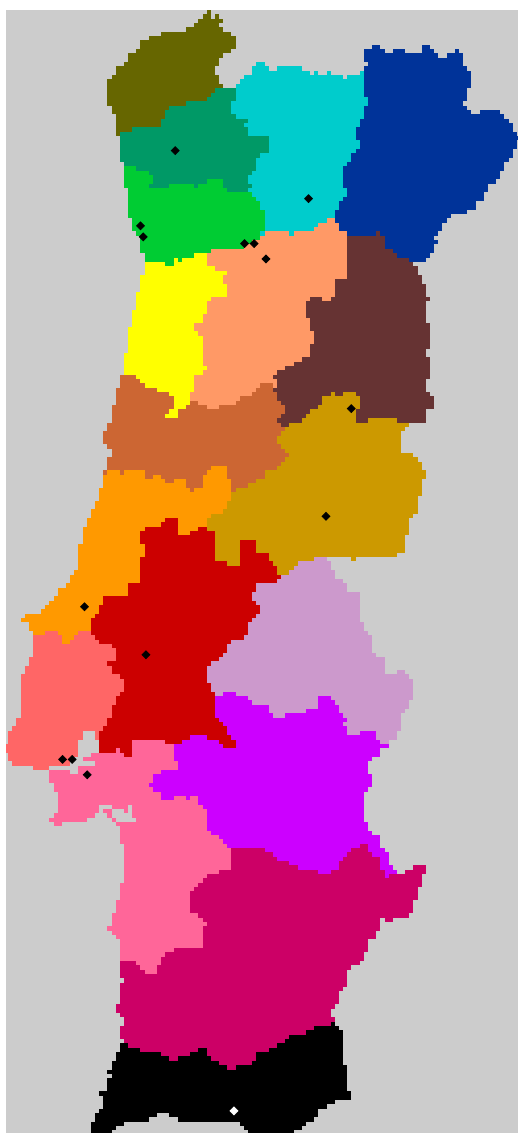
Figura 19 – relações entre as escolas das categorias J, K e L.

- 138MUS – Escola Secundária do Rodo – Peso da Régua;
- 139MUS – Escola Profissional Agrícola do Rodo – Peso da Régua;
- 141MUS – Escola Básica com Ensino Secundário Miguel Torga – Sabrosa;
- 181MUS – Escola Profissional Agrícola da Quinta da Lageosa – Belmonte;
- 372MUS – Escola Secundária Dr. Augusto César da Silva Ferreira – Rio Maior;
- 394MUS – Escola Secundária de Sobreda;
- 455MUS – Escola Secundária de Albufeira.

Este conjunto de escolas corresponde, no total da categoria, a todas as que nunca tiveram o estatuto de liceu ([Figura 20](#)), e todos os museus nelas encontrados se referem a temáticas distintas entre si. Num total de seis, constata-se que um é comum às escolas Secundária e Profissional Agrícola do Rodo, que juntas constituem o Complexo Escolar do Rodo, com um percurso histórico e institucional, de 40 anos, bastante complexo ([Figura 21](#)).

Se é possível, perante tanta heterogeneidade, encontrar semelhanças entre os perfis das escolas, tal acontece com as três escolas profissionais desta categoria.

No Complexo Escolar do Rodo, o Museu, em fase de criação (ano lectivo de 2001/2002), não possui ainda nome. O seu espaço corresponde a um lagar de azeite artesanal, considerado o melhor conservado da região do Douro na actualidade, e onde existe um moinho hidráulico, um moinho de tracção animal, e todo um conjunto de outras infra-estruturas relacionadas com o fabrico do azeite, incluindo uma roldana, que permite aventar a possibilidade de transformar o Museu apenas iniciado num Museu Vivo.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
22MUS	1836 Liceu	1921
79MUS	1836 Liceu	1921 / 1929 parcial / definitiva
92MUS	1836 Liceu	1932
138MUS	1980 Escola Secundária	1980
139MUS	1971 Escola Técnica (Secção Agrícola)	1971
141MUS	1982 Escola Preparatória e Secundária	1986
148MUS	1846 / 1880 “Aulas Secundárias” / Liceu	1936
177MUS	1836 Liceu	1946
181MUS	1958 / 1970 “Fundação-Escola” / Escola Comercial e Industrial (Secção)	1958
282MUS	1885 / 1906 “Escola Maria Pia” / Liceu Feminino	1933
303MUS	1836 / 1906 Liceu / Liceu	1911
372MUS	1924 / ? “Curso Comercial” / Escola Comercial e Industrial (Secção)	1984 / 1986 parcial / definitiva
375MUS	1843 Liceu (de Humanidades)	1943
394MUS	1987 Escola Secundária	1987
455MUS	1985 Escola Secundária	1985

Figura 20 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria J.

Dotado já de uma cobertura nova, no interior do edifício está concentrado todo o espólio, de raiz (da Quinta – [Figura 21](#)) e também produto de doações. Enquanto prossegue a preparação do espaço e a recolha e aquisição de peças, vai sendo já delineado todo um modelo de funcionamento, que deverá incluir um horário de abertura ao público da comunidade escolar e também do exterior, mediante solicitação. A imprescindível manutenção do Museu, e eventualmente o inventário e catalogação, ainda inexistentes, serão realizados por funcionários e alunos, enquadrados em actividades curriculares ou extra-curriculares, sob a orientação mais que provável de professores. Sendo as temáticas envolvidas muito específicas e perfeitamente identificadas com a formação profissional dos dinamizadores, a necessidade de formação no domínio da Museologia não se tem feito sentir. O Complexo dispõe também de uma galeria de arte onde estão representados vários artistas da região do Douro. A exposição inicial das obras de Graça Morais, hoje patentes na referida galeria, decorreu no espaço do Museu. Não admira, pois, que a equipa de quatro docentes responsável por este inclua professores da Área Agrícola, de História e de Artes.

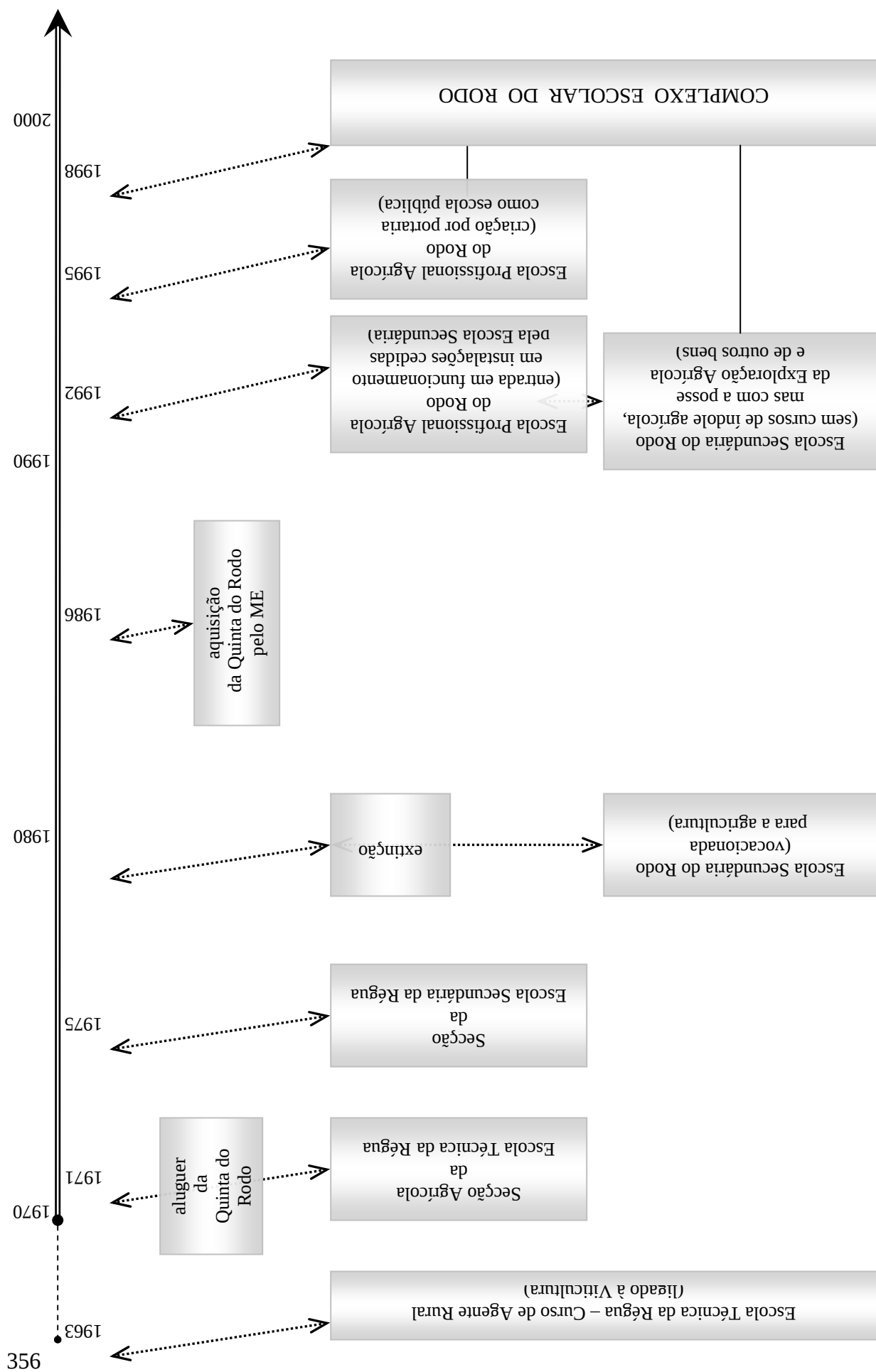


Figura 21 – da Secção Agrícola da Escola Técnica da Régua ao Complexo Escolar do Rodo.

Na Escola Profissional Agrícola da Quinta da Lageosa (pertença do Estado Português desde 1948), o Museu “Encontro com o Mundo Rural” foi inaugurado, a 30/Abril/2001, em instalações provisórias – o salão de convívio e de exposições – que albergam presentemente todo o espólio. Já inventariado, é objecto de actividades de manutenção e catalogação com a participação de alunos e professores. Aberto ao público em geral, o carácter polivalente do espaço que o Museu ocupa dispensa a definição de um horário específico, que certamente virá a existir quando se verificar a sua transferência para as instalações definitivas. Estas, já definidas, correspondendo a lagares de vinho, um celeiro e um alambique existentes na escola, exigem obras avultadas de recuperação, para as quais foi elaborado um projecto que aguarda aprovação. A maior parte das peças do acervo, associadas directa ou indirectamente à agricultura, foi obtida por aquisição, havendo ainda a referir um número significativo de doações e uma cedência temporária. Prossegue a recolha e aquisição de peças, esta limitada desde o início por falta de verbas. É possível solicitar uma visita guiada à exposição permanente, na qual a sequência lógica das peças facilita um percurso de orientação autónoma. Para visitantes mais jovens, produzem-se textos informativos. É reconhecida a importância de apoios no exterior, nomeadamente junto de Museus da região e também da Câmara Municipal da Covilhã, com a qual a escola se encontra em processo de negociação.

Das restantes quatro escolas da categoria, destaca-se a Escola Dr. Augusto César da Silva Ferreira, por ser a única em que a temática do Museu não corresponde a cursos leccionados na actualidade. De facto, o Museu Mecanográfico desta escola, criado em 1980, integra sobretudo o espólio remanescente dos antigos cursos do ensino comercial e industrial, nomeadamente Mecanografia (dominante como o nome do Museu indica), Secretariado, Contabilidade e Práticas Administrativas. Incluindo também algumas doações, tanto de empresas como de pessoas singulares, o acervo está reunido na sala do Museu e ex-sala de aulas práticas de Secretariado, intitulada Professor António Machado Feliciano Júnior em homenagem ao impulsionador do projecto. Apenas uma peça (máquina de impressão), devido às suas dimensões, se encontra no átrio do mesmo bloco. A exiguidade do espaço para tão vasto espólio, agravada pela impossibilidade de lhe ser atribuída utilização exclusiva pelo Museu por insuficiência de salas disponíveis para aulas, acarreta limitações evidentes tanto em termos da manutenção necessária como da própria exposição, tendo sido mesmo necessário declinar algumas doações. Mesmo assim, é possível solicitar visitas guiadas, a efectuar quando não estão a decorrer actividades lectivas no local. Os alunos, orientados por professores, realizam actividades de inventariação/catalogação de peças em fichas próprias, no contexto da área-escola. Devido às limitações referidas, a que acresce o factor humano, existe uma proposta (em negociação) de cedência global do espólio do Museu de Mecanografia à Biblioteca Municipal de Rio Maior e à Casa Senhorial de El-Rei D. Miguel.

O Museu de Informática da Escola Secundária de Albufeira, cuja criação teve início em 1990, surgiu para dar resposta ao problema do aproveitamento do acervo informático sujeito periodicamente, como é inevitável, a uma reconversão por modelos mais recentes. Às peças de raiz foram-se juntando assim muitas outras, progressivamente adquiridas e logo caídas em desuso. O principal objectivo, de apoio às aulas de Informática, como instrumento auxiliar do processo de ensino-aprendizagem, foi concretizado de forma particularmente eficaz através de um forte envolvimento dos alunos nas actividades do Museu, sob a orientação dos professores do grupo disciplinar. Essa participação é visível tanto no decurso das visitas guiadas, sob a sua exclusiva responsabilidade, e durante as quais são distribuídos aos visitantes diversos tipos de materiais de apoio, de que é exemplo o “Programa da Visita”, como na divulgação do Museu na Internet.

Nas Escolas Básica com Ensino Secundário de Sabrosa (Miguel Torga) e Secundária de Sobreda, os museus existentes atestam a criatividade e engenho dos autores dos projectos, e reforçam a certeza de que o problema do espaço nas escolas constitui infelizmente uma barreira muitas vezes inultrapassável e coertora de muitas realizações enriquecedoras para a instituição escolar.

Na primeira, o Museu “Da Alavanca até Hoje”, versando a problemática da evolução tecnológica e aberto desde 1999, sofre a pressão cada vez mais acentuada do problema referido. Com um espólio crescente, ainda não inventariado, maioritariamente constituído a partir de doações (e incluindo também peças adquiridas pela escola), concentrado numa sala exclusiva, encara actualmente o futuro segundo duas perspectivas diferentes:

- a curto prazo, a dispersão do espólio, em particular das alfaías agrícolas nele integradas, por espaços da escola onde serão construídas bases de cimento para a sua fixação;
- a médio/longo prazo, a transferência de todo o acervo para instalações autónomas, fora da escola, em parceria a definir com a Câmara Municipal local.

São por vezes efectuadas visitas guiadas de turmas acompanhadas pelos respectivos professores à exposição permanente. Pretende-se complementar a abordagem da vida agrícola, em especial no que se refere à produção do vinho do Porto, com outras profissões comuns no Concelho. É sentida a utilidade de formação específica em Museologia, mas referido o desconhecimento da realização de acções nessa área.

Na segunda, a origem do “Biomuseu”, relativo à aquariofilia, remonta ao ano lectivo de 1996/97. Dispondo actualmente, também, de sala própria, previamente dotada da instalação eléctrica adequada à manutenção de cerca de uma dezena de aquários de água doce, quente e fria, este museu

desenvolve, com a participação dos professores autores da ideia e actuais dinamizadores, de alunos e de funcionários, actividades de índole diversa:

- manutenção – alimentação dos peixes, limpeza dos aquários;
- pesquisa – realização de testes de controlo das condições físico-químicas, estudos de compatibilidade interespecífica, classificação.

Um projecto vencedor (Ciência Viva), intitulado “Cidade aquática sustentada”, da autoria da co-autora do projecto do Museu, permitirá adquirir equipamentos mais caros, como sensores e aquários de água salgada, que virão deste modo enriquecer um espólio (não inventariado) até aqui maioritariamente constituído a partir de doações.

Considera-se que, pela especificidade da temática abordada, a exigência de conhecimentos de Museologia é minimizada, promovendo-se a divulgação do “Biomuseu” a nível do jornal e da página da escola na Internet.

2.4.2.2.1.1 Subcategoria J/K

Todas as escolas deste subconjunto (Figura 19) tiveram origem ainda no século XIX, com o estatuto de Liceu (Figura 20):

- 22MUS – Escola Secundária de Sá de Miranda – Braga;
- 79MUS – Escola Secundária de Alexandre Herculano – Porto;
- 92MUS – Escola Secundária Rodrigues de Freitas – Porto;
- 148MUS – Escola Secundária de Latino Coelho – Lamego;
- 177MUS – Escola Secundária de Nuno Álvares – Castelo Branco;
- 282MUS – Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho – Lisboa;
- 303MUS - Escola Secundária de Pedro Nunes – Lisboa;
- 375MUS – Escola Secundária de Sá da Bandeira – Santarém.

Idêntica coerência é encontrada quando se analisam os tipos de museu nelas existentes. Em todos eles, indelével, persiste a marca de uma génese comum, expressa sob a forma de variações em torno de um mesmo tema:

- Museu de Ciências Naturais – escolas de Sá de Miranda, de Sá da Bandeira e de Latino Coelho;
- Museu de Ciências – escola de Alexandre Herculano (ex-Museu de Ciências Naturais, abrange hoje, para além destas, as Ciências Físico-Químicas);
- Museu da Ciência – escola Rodrigues de Freitas (pretende-se que o seu acervo e actividades, relacionadas com as áreas de Ciências Naturais e Físico-Químicas e também de Geografia, venha ainda a abordar temáticas no domínio da Matemática;

- Museu de Ciências – escolas Maria Amália Vaz de Carvalho e de Pedro Nunes (apesar da abrangência da sua denominação, os museus destas escolas estão predominantemente relacionados com áreas temáticas relativas às Ciências Naturais);

- Museu de História Natural – escola de Nuno Álvares (o acervo, abrangendo também as diferentes áreas temáticas das Ciências Naturais, reúne fundamentalmente as colecções de raiz do Liceu Velho, e do antigo Colégio dos Jesuítas de S. Fiel).

Em cada uma das escolas Maria Amália Vaz de Carvalho e de Sá da Bandeira, o Museu, existente desde sempre nos edifícios actuais, manteve-se conservado ao longo dos anos, pelo que nunca foi necessário um projecto de recuperação. Em comum no que se refere aos museus, estas duas escolas possuem ainda outros aspectos:

- para a grandeza dos espólios actuais, contribuíram em larga medida, para além dos materiais de raiz e de aquisições efectuadas ao longo dos anos, algumas doações, em particular a de Seomara da Costa Primo, na primeira escola referida, e as de diversos colégios extintos e do Museu Real, na segunda;

- em ambos os casos o acervo ocupa áreas amplas dos edifícios, quer deliberadamente (na segunda escola), com o intuito de possibilitar uma disposição organizada das peças e permitir uma mais imediata acessibilidade, quer naturalmente (na primeira), pelo enquadramento lógico (e portanto também organizado) no espaço dos laboratórios e salas de aula e arrecadações contíguas;

- o museu encontra-se, em ambas as escolas, sob a responsabilidade directa dos professores do grupo 11ºB, sob a coordenação do(a) respectivo(a) Director(a) de Instalações;

- para além do apoio às aulas, em qualquer dos casos tem também havido cedência temporária de peças dos espólios inventariados para exposições;

- os museus destas escolas apenas são visitados pelo público exterior à comunidade escolar mediante solicitação, não existindo em nenhuma delas um horário de abertura estabelecido.

Relativamente a estas duas escolas, sobressaem ainda alguns pormenores específicos:

- relacionados com o espólio – as peças mais invulgares são três microscópios de luz polarizada recentemente adquiridos (Escola Maria Amália Vaz de Carvalho) e um conjunto interessante de ninhos e ovos de aves (Escola de Sá da Bandeira);

- relacionados com a manutenção – incluindo limpeza e catalogação/inventariação integrada no processo de ensino-aprendizagem, não obedece a uma periodicidade definida (Escola Maria Amália Vaz de Carvalho), e é efectuada (Escola de Sá da Bandeira) quer progressivamente (catalogação) quer periodicamente (desinfestação dos animais embalsamados por uma empresa especializada, limpeza geral no final de cada ano lectivo).

As principais limitações a um mais amplo e diversificado aproveitamento das potencialidades do Museu são, em cada uma destas escolas, definidas nos seguintes termos:

- Escola Maria Amália Vaz de Carvalho – a passividade (?) / desmotivação (?) e falta de conhecimentos em termos de Museologia do corpo docente da escola, que tende assim a encarar o Museu sob a sua perspectiva laboratorial apenas, e a perda de dinamismo associada à transição da escola para o seu actual perfil curricular (exclusivamente secundário);
- Escola de Sá da Bandeira – as limitações de espaço (associadas à usual falta de verbas) inviabilizam a ampliação do Museu, e impedem uma exposição mais apelativa sobretudo da componente geológica do acervo.

Nas restantes seis escolas deste grupo, após um período mais ou menos prolongado de inactividade, o Museu foi reaberto, graças ao desenvolvimento de projectos específicos. Nas escolas Rodrigues de Freitas, de Latino Coelho e de Nuno Álvares, essa reabertura é claramente equacionada como sendo dirigida tanto à comunidade escolar como ao público em geral, existindo em qualquer dos casos um horário de abertura definido. Pelo contrário, os Museus das escolas de Sá de Miranda, de Alexandre Herculano e de Pedro Nunes, apenas servem a comunidade escolar, fundamentalmente em contexto de aula, embora por razões distintas:

- Escola de Sá de Miranda – o professor do grupo 11ºB autor e dinamizador do projecto, cujas actividades se iniciaram em 1999/2000, encontra-se desde o ano lectivo seguinte na Escola Secundária Alberto Sampaio, tendo a sua requisição à DREN sido indeferida, o que provocou a interrupção do processo numa fase ainda embrionária;
- Escola de Alexandre Herculano – de todas as escolas desta categoria, é aquela em que as actividades de recuperação foram menos desenvolvidas, encontrando-se o espaço actualmente em obras, com vista à sua reorganização, o que impede, pelo menos temporariamente (uma vez que o espaço, de carácter polivalente, funcionará também como auditório), que o Museu seja visitado;
- Escola de Pedro Nunes – o fraco envolvimento humano, associado à falta de verbas que impede, por exemplo, o restauro do mobiliário, muito antigo, que não oferece condições de segurança, serão as causas mais óbvias do menor dinamismo relativo encontrado neste Museu, a que o público apenas tem acesso no Dia da Escola.

Para além de todos os aspectos já referidos, são ainda dignas de referência algumas particularidades encontradas em algumas destas seis escolas.

Assim, na Escola de Sá de Miranda, a ampla sensibilização promovida junto dos órgãos de comunicação regionais e nacionais, através da divulgação da riqueza do espólio em causa (constituído

pelos acervos de raiz do Gabinete de Ciências do antigo Liceu e de um colégio particular que funcionava no edifício actual, e ainda por doações e aquisições diversas) e do envolvimento de diversas entidades no processo de recuperação do Museu, teria certamente conduzido a bom termo, num curto período de tempo, esta iniciativa, caso tivesse sido autorizada a permanência do autor/dinamizador do projecto na escola.

Na Escola Rodrigues de Freitas, entre o elevado número de peças do espólio, expostas no antigo Salão Nobre D. Manuel, actual Museu da Ciência da escola (depois de ter sofrido obras consideráveis), merece especial referência, à semelhança do que também acontece na escola de Sá de Miranda, um herbário com mais de uma centena de anos. As duas escolas têm também em comum o facto de terem recebido apoio técnico e financeiro de várias entidades, em particular do Museu Nacional de História Natural (Lisboa), do Museu dos Biscainhos (Braga) e da Universidade do Minho – Escola de Sá de Miranda – e da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto – Escola Rodrigues de Freitas. Foi autora do projecto de recuperação do Museu desta escola uma professora hoje aposentada do grupo 11ºB, a que pertence também a sua actual Directora. No espaço do Museu, de carácter polivalente, decorrem inúmeras actividades. Não obstante o dinamismo muito próprio de que este Museu parece ser dotado, a falta de recursos humanos (em particular a falta de formação em Museologia) e materiais, é referida como factor limitante e que conduz à necessidade da procura de apoio no exterior da comunidade escolar, felizmente até aqui conseguido.

Na Escola de Latino Coelho, a recuperação do museu original da escola, incluindo actualmente a vertente de Microscopia, inicialmente ausente, ficou a dever-se ao trabalho árduo e coordenado de uma equipa constituída por três professoras do grupo 11ºB (incluindo a autora do projecto) e dois funcionários. As actividades desenvolvidas nesse contexto, incluindo limpeza, pintura, recuperação de armários, instalação de aquecimento e climatização, instalação de tecto falso, culminaram na reabertura, a 8 de Novembro de 2000, de um espaço em que rapidamente se torna perceptível o cuidado dispensado a cada pormenor, o que contribui para valorizar e tornar ainda mais envolvente um espólio com algumas características invulgares. O conhecimento da desorganização que existia no espólio em reserva, que conduziu ao elevado estado de degradação de algumas peças e à perda da identificação original de muitos exemplares, torna lógico o extremo cuidado dispensado às actividades de manutenção (limpeza periódica geral - semanal - e dos animais - de dois em dois anos) e ainda mais clara a consciência do valor desta realização.

Na Escola de Nuno Álvares, o dinamizador do projecto e actual Director do Museu é também um professor do grupo 11ºB. Existem alguns aspectos em comum entre este museu e o da Escola de Latino Coelho, especificamente:

- ambos possuem instalações climatizadas, verificando-se na Escola de Nuno Álvares o registo das condições de temperatura e humidade (com que se relaciona, por exemplo, a quantidade de sílica-gel a colocar no interior das vitrinas) em três momentos diferentes do dia;
- em ambos se procurou o apoio da comunidade local (na Escola de Latino Coelho, a Associação do Douro Histórico patrocinou a desinfestação efectuada por uma empresa especializada antes da reabertura do Museu, e forneceu ajuda na catalogação; na Escola de Nuno Álvares, a Associação de Pais e Encarregados de Educação viabilizou a instalação do sistema de iluminação, e as vitrinas foram oferecidas por diversas firmas locais);
- o espaço constitui, em ambos os casos, um factor limitante, obrigando à manutenção em reserva de uma parte do acervo.

As actividades de recuperação que conduziram à inauguração do Museu desta escola, a 3 de Maio de 1996, prolongaram-se por toda uma década, o que permite considerá-la um exemplo de persistência digno de admiração.

Na Escola de Pedro Nunes não foi referida a autoria do projecto que conduziu à recuperação do Museu e à sua presumível reabertura em 1988. Também local de trabalho do Núcleo de Estágio do grupo 11ºB, a sua dinamização não consegue competir com outras solicitações profissionais, pelo que as actividades desenvolvidas nunca decorrem de forma sistemática. Delas são exemplo a catalogação/inventariação, que em contexto de aula e em associação com a investigação de exemplares vai sendo lentamente aperfeiçoada, a recolha esporádica de doações, e a realização de exposições temporárias em que são utilizadas peças específicas do acervo.

2.4.2.2.1.2 Categoria L

Das oito escolas visitadas em que existe Museu, ou Núcleo Museológico, que de alguma forma preserva a memória do passado histórico da instituição ([Figura 22](#)), apenas em três, à semelhança do que se verifica para a categoria J (ponto 2.4.2.2.1.1), existe correspondência com um espólio ou museu recuperado ou conservado ([Figura 19](#)).

As seis escolas em que não é possível identificar essa relação são as seguintes:

- 8MUS – Escola Secundária Soares Basto – Oliveira de Azeméis;
- 288MUS – Escola Secundária de D. João de Castro – Lisboa;
- 302MUS – Escola Secundária de Patrício Prazeres – Lisboa;
- 351MUS – Escola Secundária da Amadora;

- 377MUS – Escola Secundária de Jâcome Ratton – Tomar;

- 433MUS – Escola Secundária Gabriel Pereira – Évora.



Figura 22 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria L.

A heterogeneidade, no que respeita à situação geográfica, idade e natureza destas escolas, esbate-se quando se comparam as suas datas de instalação nos edifícios que ainda hoje ocupam (Tabela V).

Tabela V – comparação entre as escolas cujos museus ou núcleos museológicos preservam a memória do seu passado histórico, relativamente à data da sua instalação definitiva.

Escola	Idade / ano de ocorrência da ocupação definitiva	Relação entre o edifício original e o edifício actual	Intervalo entre a criação e a instalação definitiva	Ordenação por antiguidade
8MUS	40 anos / 1962	diferentes	35 anos	4
288MUS	53 anos / 1949	diferentes	21 anos	5
302MUS	46 anos / 1956	diferentes	31 anos	3
351MUS	30 anos / 1972	o mesmo	-----	6
377MUS	44 anos / 1958	diferentes	74 anos	1
433MUS	32 anos / 1970	diferentes	56 anos	2

Este tipo de análise coloca imediatamente em evidência a escola mais recente do grupo (351MUS – Escola Secundária da Amadora), única instalada, desde a sua criação, em edifício especificamente construído para o seu funcionamento. É também no Museu desta escola, com cinco anos apenas, que o espólio se revela mais modesto, integrando um número significativo de peças (fundamentalmente taças) ligadas à área do Desporto. Outras áreas temáticas abrangidas são as de

Ciências (Naturais e Físico-Químicas) e de Geografia, existindo doações pontuais e um número significativo de trabalhos realizados por alunos, muitos deles em reserva, por falta de espaço, na sala de Clubes da escola. A exposição permanente do acervo está patente no edifício principal da escola, em zona de passagem cujo espaço foi reformulado por colocação de mobiliário apropriado. Trimestralmente é efectuada uma limpeza geral, durante a qual todo o material é retirado das vitrinas e depois aí recolocado. O projecto de criação deste Museu da Escola nasceu no seio do então Conselho Directivo, e é o Conselho Executivo que detém ainda hoje a sua responsabilidade directa, sendo referida a falta de disponibilidade humana para uma maior dedicação ao Museu como limitação fundamental ao seu desenvolvimento.

Das cinco restantes escolas deste grupo (todas com estatutos diferentes à data da sua criação e com os distintos percursos históricos daí derivados) (Figura 22), destaca-se a Escola Soares Basto, pela génese peculiar do seu Museu da Escola relativamente às restantes quatro. Nestas, as motivações que conduziram à criação de um Museu ou de um Núcleo Museológico prenderam-se de uma ou de outra forma à consciencialização relativamente à existência de um acervo diversificado, na maior parte dos casos empobrecido pelo abandono ou reserva prolongada em condições inadequadas. Em contraste, na Escola Soares Basto, o despertar dessa consciência parece ter ocorrido quando a escola foi transferida, há quarenta anos, para as novas e definitivas instalações, o que terá facilitado a descoberta do valor do espólio, então obrigatoriamente manuseado. Assim, o Museu da Escola albergou desde logo um acervo herdado de 56 anos de história noutros locais, e englobando predominantemente trabalhos realizados por alunos no âmbito dos antigos cursos, em particular de Serralharia e Trabalhos Femininos. Dotado de fraco dinamismo, ainda hoje evidente e assumido, este Museu transmite a sensação de ser, de certa forma, intocável.

Por um lado, esse carácter terá constituído uma “mais-valia”, permitindo-lhe uma maior capacidade de sobrevivência à passagem do tempo que, em particular nos momentos de brusca viragem a que se chama revoluções pode ter, pela sua própria natureza, uma acção desorganizadora, desequilibrante, e mesmo destrutiva, sobre as situações estabelecidas até então com solidez. Tal foi o caso do 25 de Abril de 1974, que para além da benesse preciosa da destronização do fascismo, conturbou ao longo das décadas seguintes, como uma onda de choque, nas escolas, a calma ordenada dos espaços. Mais desprotegidos ao longo das inevitáveis alterações que se seguiram, tornaram vulneráveis os conteúdos, por vezes de grande valor, que albergavam, e que em muitos casos faziam parte integrante dos museus existentes. Por outro lado, a muitas peças foram então atribuídas conotações politicamente indesejáveis, e os sótãos e outros lugares recônditos das escolas passaram a constituir arrecadações ou armazéns de “tralha” onde, geralmente sem as mínimas condições físicas

adequadas a uma reserva, “o trigo e o joio” do património escolar em conjunto apodreciam. Se a este quadro deprimente se adicionar a degradação progressiva das próprias construções, naturalmente mais acentuada nos edifícios mais antigos, que ao longo das décadas seguintes não foram alvo das obras de manutenção que as conservariam com o grau de qualidade próximo do inicial, facilmente se visualizará o caos que se instalou nesses recantos onde o esquecimento e o abandono imperavam. E se tal nem sempre acontecia, e muitos exemplos há de tal ignomínia, por vezes, ou inconscientemente, com o objectivo de desocupar zonas das escolas necessárias a uma população escolar ainda crescente, ou noutros casos com a perfeita noção do elevado valor de algumas peças, por ganância e cobiça associadas a uma inequívoca ausência de escrúpulos, via-se o património irreversível e drasticamente espoliado e empobrecido.

Por outro lado, porém, fica de certa forma o Museu desta escola, apesar de visitável pelo público mediante solicitação, restringido à função exclusiva de salvaguarda de um património de elevado valor, mantido imaculado graças a uma limpeza quase diária. Mesmo para a comunidade escolar, o Museu da Escola mais não significará do que uma sala habitualmente fechada, desperdiçando-se desta forma todo um conjunto de potencialidades de natureza cultural que este tipo de acervo sempre materializa.

Em qualquer das restantes escolas deste grupo (de D. João de Castro, de Patrício Prazeres, de Jâcome Ratton e Gabriel Pereira), não existe coincidência nem é possível detectar uma relação objectiva causa-efeito, entre a transferência para as instalações actuais e a criação dos respectivos museus/núcleos museológicos (Tabela VI).

Tabela VI – comparação entre as datas de instalação definitiva e de criação do Museu/Núcleo Museológico, nas escolas de D. João de Castro, de Patrício Prazeres, de Jâcome Ratton e Gabriel Pereira.

Escola	Data da criação	Data da instalação definitiva (a)	Data da criação do Museu/ Núcleo Museológico (b)	Intervalo entre (a) e (b)
288MUS	1928	1949	1994	45 anos
302MUS	1925	1956	1984 (1996 - sala actual)	28 anos
377MUS	1884	1958	1997	39 anos
433MUS	1914	1970	1999	29 anos

Mais parece que o advento, nestas quatro escolas, deste tipo de iniciativa, ocorreu num “momento” histórico particular (décadas de oitenta e de noventa), determinado pelo amadurecimento do público em geral, revelado pelo envolvimento crescente e progressivo esclarecimento no que se refere à problemática do património, e por uma eventualmente mais refinada sensibilidade dos professores de certos grupos disciplinares (10º A – História – e 10º B – Filosofia) para o exercício de tais matérias.

A Escola de Patrício Prazeres constitui porém uma excepção a esta regra. O acervo, que esteve durante muito tempo abandonado, do que resultaram perdas e danos consideráveis, foi reunido e reorganizado graças à iniciativa de duas professoras dos dois grupos disciplinares com que mais se relaciona (4º A e 11º B). Incluindo peças valiosas e até únicas, quer de raiz quer resultantes de doações (fundamentalmente livros), ou ainda provenientes do Palácio da Ajuda (datadas dos séculos XVIII e XIX), este espólio invulgar, no qual a vertente do Arquivo ocupa também um lugar significativo, encontra-se desde 1996 na sala que actualmente ocupa, onde pode ser visitado pela comunidade escolar e, mediante solicitação, pelo público em geral, de preferência no horário de abertura.

Como característica peculiar deste Museu (inicialmente denominado Museu da Escola, mas posteriormente intitulado Museu Vivo, em relação com um projecto no âmbito do Programa Ciência Viva), o facto de uma parte do acervo se encontrar cedida definitivamente ao Museu da Ciência, onde muitas peças, de cuja etiquetagem consta naturalmente este carácter, se encontram em exposição.

O espaço limitado do Museu (que se procura melhorar a nível das condições de arejamento e luminosidade) não constitui impedimento à realização de diferentes actividades, como por exemplo experiências com a participação de grupos pequenos de alunos, em contexto de aula, e vários tipos de investigação (no domínio da História ou da Museologia, ou até de carácter interdisciplinar), tendo como ponto de partida uma ou outra peça em particular.

Na Escola de D. João de Castro, onde lamentavelmente o Museu da Escola se encontra há vários anos encerrado, por não ser considerado como prioridade no plano interno de actividades, a ideia da sua criação surgiu na sequência da descoberta de documentação diversa relativa à história da escola, por um professor de Filosofia empenhado na organização da Biblioteca, e que desencadeou, a partir de então, um conjunto de diligências que culminaram na preservação e divulgação do espólio entretanto reunido num espaço próprio.

À imagem do que foi referido relativamente ao Museu da Escola Soares Basto, também aqui é quase tangível a sensação de subaproveitamento cultural de um acervo diversificado e rico, situação que neste caso foi, aparentemente, despoletada também pela ausência da escola do autor e dinamizador do projecto.

Depois das considerações acabadas de tecer, torna-se extremamente reconfortante constatar, nas escolas de Jâcome Ratton e Gabriel Pereira, a atenção quase carinhosa de que são alvo, respectivamente, o Núcleo Museológico e o Museu. E não é este o único aspecto comum que os perfis destas duas escolas, também com algumas similitudes no próprio estatuto de origem (Figura 22), apresentam. Concretamente, em ambas podem verificar-se as seguintes situações:

- os autores dos projectos que conduziram à criação do Núcleo Museológico da Escola de Jâcome Ratton e ao Museu da Escola Gabriel Pereira são professores de História;

- o espólio inclui em qualquer delas equipamentos de raiz, doações, e trabalhos realizados pelos alunos dos antigos cursos, predominantemente em cerâmica e ferro forjado na primeira escola referida, e provenientes das áreas de Carpintaria Artística e Formação Feminina, na segunda;

- em ambas as escolas o espaço atribuído ao Núcleo Museológico e ao Museu não é suficiente para concentrar todo o acervo, existindo um número significativo de peças integradas de forma dispersa em vários locais do espaço escolar;

- o espólio encontra-se inventariado, totalmente na primeira e em parte na segunda escola;

- verifica-se a acessibilidade à comunidade escolar (e ao público exterior à escola mediante marcação) do Núcleo Museológico e do Museu, em horário de abertura definido.

Para além das características que ambas as escolas partilham, os responsáveis pelo Núcleo Museológico e pelo Museu referem, em cada uma delas, a atestar a sua individualidade, um conjunto próprio de actividades desenvolvidas e avaliam, segundo perspectivas também singulares, os principais factores limitantes com que se têm defrontado.

No Núcleo Museológico da Escola de Jâcome Ratton, para além da catalogação já citada, realizam-se habitualmente visitas guiadas, existindo produção de material didáctico de apoio, destinado a permitir uma mais fácil compreensão do acervo, cujas peças integram frequentemente exposições temporárias, tanto dentro como fora da escola. As actividades de restauro (com a colaboração do Instituto Politécnico de Tomar) fazem também parte da dinâmica do Núcleo Museológico. Procede-se periodicamente a uma redistribuição das peças pelo espaço, cuja manutenção é também assegurada por uma limpeza geral realizada semanalmente. E para além das limitações de espaço já atrás referidas, reconhece-se que a optimização das condições existentes exigiria verbas nem sempre disponíveis.

No Museu da Escola Gabriel Pereira, onde, tal como no caso anterior, a realização de actividades de restauro e a catalogação (aqui realizada com recurso a uma ficha especificamente elaborada para o efeito) constituem actividades habituais, alude-se com pesar à impossibilidade de reconstituir, durante a recolha de informação, todos os meandros da história que o acervo encerra. A sala onde se encontra o Museu, hoje de carácter polivalente, e que lhe era destinada de raiz, foi sendo ao longo de vários anos necessária para outras finalidades, e só por tal razão o Museu da Escola não “nasceu” mais cedo. Desde então, e compensando de certa forma esse período não desejado de inactividade forçada, a recolha tanto de doações como de novos trabalhos realizados e que vão progressivamente enriquecendo o espólio, constitui uma tarefa permanente do Museu.

2.4.2.2.1.2.1 Subcategoria L/K

Os museus actualmente existentes nas duas escolas deste grupo (37MUS – Escola Secundária D. Sancho I, Vila Nova de Famalicão; 277MUS – Escola Secundária de Camões, Lisboa), são o produto de uma reconversão dos respectivos museus “originais” (Tabela VII).

Tabela VII – origem dos museus actuais das escolas da subcategoria L/K.

Escola	Data da criação	Data da instalação definitiva	Origem do Museu “original” (a)	Origem do Museu actual (b)	Intervalo entre (a) e (b)
37MUS	1956	1956	1956	1997	41 anos
277MUS	1902	1909	1909	1977 (?)	68 anos

Na Escola D. Sancho I existiu desde sempre a sala do Museu, que para além de eventualmente ter constituído o local onde se encontrava armazenada uma parte do espólio, foi tendo ao longo dos anos outras utilizações.

Apenas há três anos, por iniciativa do Conselho Executivo, essa sala passou a destinar-se exclusivamente ao Museu da Escola. Desde então, inicialmente com a colaboração mais directa do grupo disciplinar 10º A, e a partir do ano lectivo de 2000/2001 também com a participação da responsável pela Biblioteca da escola, o investimento na revitalização do museu, entendida esta não só como uma recuperação mas, acima de tudo, como um enriquecimento do acervo existente e sua reorganização, com vista à utilização cabal de todo o seu potencial, não deixou de fazer parte da “ordem do dia”.

Incluindo equipamentos de raiz e, adicionalmente, muitas doações (entre as quais merecem referência diversas obras de arte africana) e um número elevado de trabalhos realizados pelos alunos dos antigos cursos (Cerâmicas, Têxteis, Madeiras), presume-se que tenha perdido, no período pós-25 de Abril, muitas das peças originais. Actualmente, destaca-se o desenvolvimento da vertente Biblioteca do Museu.

Não se pretende, neste caso, atribuir ao espaço da sala do Museu a missão de albergar todo o espólio. Pelo contrário, é explorada a função decorativa de muitas peças, inseridas aqui e ali, um pouco por todo o espaço escolar. Em reserva, encontram-se apenas as que aguardam um indispensável restauro, a realizar com a colaboração do Clube de Artes da escola.

Quanto às questões relacionadas com a dinâmica de um Museu da Escola em pleno funcionamento, aguardam o momento propício de definição, enquanto prosseguem incansavelmente todas as actividades de recuperação ainda em curso, e que incluem também a inventariação/catalogação do espólio. A lentidão do processo é atribuída, mas sem qualquer dramatismo, às limitações de

disponibilidade dos elementos da comunidade escolar envolvidos no projecto, em acumulação com as suas funções de docência específicas.

Na Escola de Camões, o Museu original (Museu de Ciências Biológicas e Geológicas) foi criado há noventa e três anos, à data da instalação no edifício actual, então estreado, após um “curto” período de apenas sete anos de funcionamento noutros locais. A sua finalidade não era a de preservar a memória de um passado, mas sim a de apetrechar um liceu com os equipamentos/peças de Museu que permitissem um ensino de disciplinas científicas como a Biologia e a Geologia, com o nível adequado de sofisticação.

Curiosamente, o caminho evolutivo que esta escola seguiu acabou por conduzir à transformação progressiva desse Museu, cujo espólio se foi tornando gradualmente mais diversificado e multidisciplinar, no actual Museu da Escola. Este encontra-se aberto pelo menos desde o ano lectivo de 1977/78, graças à iniciativa de um professor do grupo de História, e de outros professores de vários grupos disciplinares, que ao longo dos anos a ele se associaram num esforço conjunto de reunir, de forma coerente, um acervo cuja análise permitisse a leitura do passado da escola.

A deterioração extrema de muitas peças recolhidas pela escola durante a fase de instalação, conduziu à necessidade de proceder a uma selecção, tarefa nem sempre fácil de realizar. A exiguidade do espaço disponível relativamente à dimensão do acervo em causa, tornou imprescindível a fragmentação deste por laboratórios e salas, o que torna mais difícil a sua manutenção. Numa área recém-recuperada e equipada com as infra-estruturas apropriadas, o Arquivo Histórico é presentemente o objecto privilegiado de particular atenção e estudo, readquirindo aos poucos a organização perdida que poderá permitir uma mais fácil, embora controlada, consulta mediante solicitação.

Todos os professores envolvidos cumprem horários de trabalho determinados de apoio ao Museu, cujo conjunto abrange todos os dias da semana. As principais actividades desenvolvidas incluem maioritariamente a pesquisa bibliográfica relativa ao percurso histórico da escola, e a realização de exposições temporárias para as quais são por vezes elaborados roteiros específicos.

A dificuldade de sensibilização ao nível dos grupos disciplinares, que tem dificultado a organização de uma equipa interdisciplinar dedicada à interpretação do espólio e correspondente produção de material didáctico/instrumentos de consulta, é em parte atribuída à ausência de “formação histórica” dos docentes. A solução deste problema a médio/longo prazo, passaria por uma alteração curricular, em que a História deveria passar a constituir uma área de referência básica e não específica.

2.4.2.2.2 Categoria M

São seis os casos (**Figura 23**) em que se encontra uma relação de qualquer tipo entre o Museu e um Clube existente na escola.

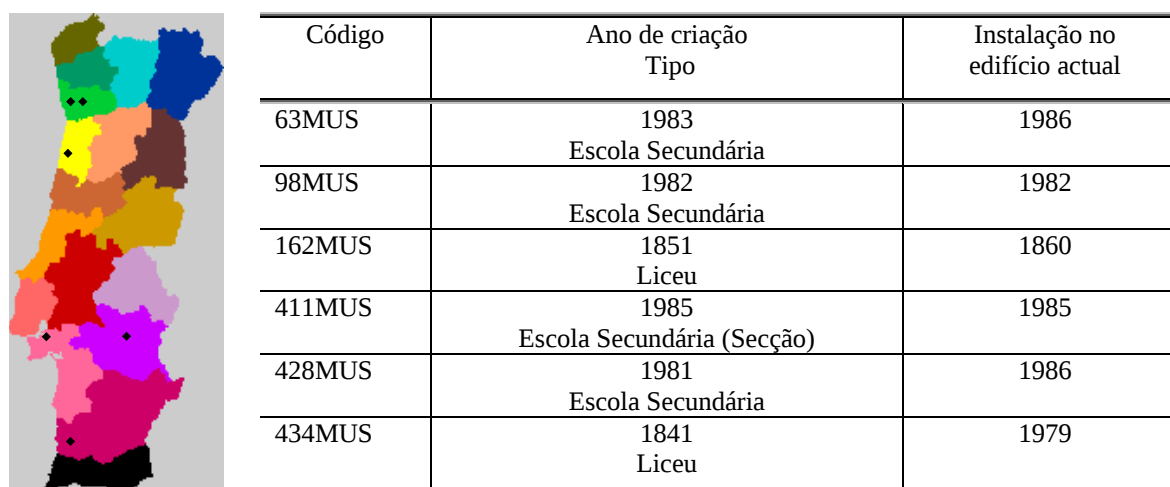


Figura 23 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria M.

Nesse conjunto, parecem destoar as escolas 162MUS (Escola Secundária de José Estêvão – Aveiro) e 434MUS (Escola Secundária André de Gouveia – Évora), com perfis comparáveis aos de outras escolas já analisadas. Realmente, não fosse o facto de a revitalização dos seus Museus ser estimulada e mantida por Clubes, e elas teriam sido incluídas na subcategoria J/K (ponto 2.4.2.2.1.1.1).

Na Escola de José Estêvão, o espólio de raiz, ainda reduzido, do “Gabinete de Ciências physico-naturaes” (existente até 1914, data da divisão daquela disciplina em duas distintas, Ciências Naturais e Física e Química), foi integrando sucessivamente o “Gabinete de Ciências Naturaes”, o “Gabinete de Ciências Biológicas e Geológicas”, e por último, já no edifício actual, o “Museu de Ciências Naturais”. Gradualmente enriquecido, ao longo de décadas, por aquisições e doações, o Museu acabou porém por mergulhar numa fase de estagnação que se prolongou até ao ano lectivo de 1990/91, e durante a qual se transformou praticamente num “armazém de peças”.

O primeiro impulso para a sua recuperação resultou do desenvolvimento, por iniciativa de um professor do grupo 8º B, de um projecto no domínio da conquiologia, durante o ano lectivo de 1991/92. Culminando com uma exposição, obrigou à reabertura do Museu (hoje apenas assim denominado) e início da recuperação da sua colecção de conchas, actualmente com 850 exemplares, e que prosseguiu nos anos seguintes.

Mas o estímulo determinante e definitivo, recebeu-o o Museu do Clube criado na escola, no ano lectivo de 1997/98, com o objectivo específico de o dinamizar (Clube do Museu). Desde então ambos

se interligam e complementam, daí resultando um dinamismo invulgarmente activo, que se evidencia nas múltiplas actividades desenvolvidas, e que geralmente se organizam, em cada ano, em torno de um tema aglutinador, como por exemplo:

- 1997/98 – “O Homem e a Pedra”;
- 1998/99 – “As quatro estações”;
- 1999/2000 – “O mar aqui tão perto...”.

Entre as peças do acervo sobressaem as conchas e as aves, às quais se juntam inúmeros outros animais, embalsamados e em formol.

Uma parte do êxito deste Museu residirá talvez na sua abertura ao exterior, que transparece nos diferentes tipos de colaboração que têm sido recebidos de várias entidades, nomeadamente da Câmara Municipal de Aveiro, dos Departamentos de Geociências e de Biologia da Universidade de Aveiro, do Hotel “As Américas” e de diversas empresas privadas locais.

A responsabilidade directa pelo Museu/Clube do Museu é da competência de uma professora do grupo 11º B, autora da publicação “Contributos para a História do Museu do Liceu Nacional de Aveiro [Escola Secundária José Estêvão]”, e igualmente responsável pela organização do Roteiro do Museu, que inclui uma planta da sala e referência aos exemplares contidos em cada uma das dezasseis vitrinas ali presentes, e constitui um auxiliar precioso durante qualquer visita.

A principal expectativa no momento presente, talvez seja a de se encontrarem os meios necessários para se proceder à instalação de iluminação própria nas vitrinas e à climatização do espaço. Constitui também uma fonte de preocupação significativa a necessidade de manutenção de peças exigindo conhecimentos técnicos específicos.

Na Escola André de Gouveia, é graças ao papel impulsionador do Clube de Ciências que o Museu de Ciências vai sendo mantido. Embora o impacto que exerce sobre o visitante seja marcadamente menos intenso que o do caso anterior, tal não corresponde a uma ausência de dinamismo, mas é o resultado da dispersão do espólio por vários locais da escola devido à exiguidade da sala do Museu/Clube. É essa razão, associada ainda à falta de meios humanos (a responsável pelo Museu, uma professora do grupo 11º B, dispõe apenas, no seu horário, de duas horas semanais destinadas às actividades com ele relacionadas), que impede a abertura do Museu ao público em geral, e limita as visitas efectuadas por alunos desta e de outras escolas a grupos com o número máximo de seis pessoas.

Não obstante estas dificuldades, verifica-se a realização de exposições temporárias na escola (para as quais são por vezes produzidos instrumentos de consulta complementares), alusivas a temas enquadrados nos programas, como por exemplo:

- “Rochas magmáticas e sedimentares”;
- “Rochas metamórficas”;
- “Esqueleto”.

As actividades de manutenção que é necessário efectuar para que o espólio, que inclui algumas peças peculiares (de que é exemplo a dentadura do 4º reitor do Colégio onde funcionou o Liceu), não se degrade, como a limpeza e a renovação de formol, assim como a interpretação de peças, são tarefas que vão sendo realizadas lenta mas progressivamente.

As quatro escolas restantes desta categoria, que constituem, em termos de origem (década de oitenta) e estatuto, uma população extremamente uniforme (Figura 23), são:

- 63MUS – Escola Secundária de Lousada;
- 98MUS – Escola Secundária da Trofa;
- 411MUS – Escola Secundária do Moinho de Maré – Seixal;
- 428MUS – Escola Secundária Dr. Manuel Candeias Gonçalves – Odemira.

No entanto, as suas relações com um Clube são perfeitamente distintas umas das outras.

Na Escola de Lousada, das actividades de recolha de peças (fundamentalmente agrícolas e de artesanato) características da zona, pelos alunos inscritos num Clube ligado à História e vocacionado para questões relativas ao património, criado há cerca de oito anos por um professor do grupo 10º A, resultou (no ano lectivo de 1996/97) a criação de um Museu Etnográfico. Uma parte do respectivo espólio encontra-se distribuído por alguns locais dos jardins da escola mas, na sua maioria, está exposto num corredor de um pavilhão de aulas dotado do mobiliário necessário a esse efeito. No entanto, o facto de nem todas as peças se encontrarem no interior de vitrinas constitui, como se reconhece com alguma preocupação, neste local de passagem, circunstância eventualmente facilitadora de extravio ou deterioração.

É reconhecida a necessidade da existência continuada do Clube como premissa indispensável a uma maior vitalidade do Museu, cujas actividades actualmente se relacionam com a catalogação e interpretação das peças, realizadas em contexto de aula e como parte integrante de projectos de área-escola.

No acervo incluem-se alguns exemplares com notório interesse contextual, nomeadamente os diferentes utensílios relacionados com a cultura do linho e a fiação, os três modelos de semeadores (com uma, duas e três gavetas), uma máquina de sulfatar e uma roda de oleiro.

Considera-se desejável um mais amplo envolvimento directo da comunidade escolar, cuja concretização implicará necessariamente a conjugação, nem sempre tarefa fácil, das disponibilidades em termos de horários dos potenciais intervenientes.

Na Escola da Trofa, o Museu (alusivo às Ciências Naturais) nasceu a partir de um projecto de área-escola, realizado com a mesma turma ao longo dos 10, 11º e 12º anos (de 1997/98 a 1999/2000).

Inicialmente instalado em dois autocarros velhos então existentes na escola e completamente remodelados para esse efeito, viu-se confrontado, face à imposição da sua retirada, com a necessidade de transferência para a sala que compartilha hoje (em princípio temporariamente) com o Clube do Ambiente.

Talvez porque enfraquecido pela desestabilização assim causada, o Museu vê diluída a sua individualidade, tanto em termos de espólio como relativamente às actividades realizadas, no espaço do Clube “hospedeiro”, que o absorveu e em certa medida o sufoca pelo seu superior dinamismo. Ambos (Museu e Clube) coordenados por professoras do grupo 11º B, assim possa tal identidade permitir, através da confluência de interesses comuns, a recuperação e exploração adequadas do ainda modesto espólio do Museu, actualmente disperso de forma desprotegida e mal conservado na sala que o albergou, do que advém, como é óbvio, um sério risco de degradação.

Na Escola do Moinho de Maré, no seio do Clube dos Amigos do Museu, criado no ano lectivo de 1997/98, surgiu, na sequência de uma partilha de ideias durante um intercâmbio cultural com uma escola da Galiza, a motivação que acabou por conduzir ao Museu actual, ligado à História, e versando temas relativos à História local, História da Arte e artes decorativas.

O espólio, com muitas peças de artesanato, exposto em local próprio durante algum tempo, foi sendo progressivamente reunido pelos alunos, através de aquisições, doações e trocas, no decurso de visitas de estudo organizadas pelo Clube. Por necessidade do seu espaço para outros fins, viu-se o Museu confrontado com uma “paragem” forçada durante o ano lectivo de 2001/2002.

A escola, com vários clubes em funcionamento, para os quais é designado anualmente um coordenador, inclui a inscrição dos alunos num desses clubes no acto da matrícula como prática habitual, verificando-se relativamente ao Clube dos Amigos do Museu (divulgado, entre outras formas, por intermédio do Jornal da Escola e do Clube de Teatro) uma participação anual de dez a quinze interessados.

O horário do Museu corresponde ao horário de funcionamento do Clube, com o envolvimento actual de um professor do 5º grupo, dois professores do 10º A e um do 10º B, e constitui norma da escola facultar uma visita guiada (de preferência por alunos) à sua sala.

Deu-se já início à interpretação/catalogação do acervo, em que colabora o Clube de Fotografia, enquanto prossegue o estabelecimento de intercâmbios com outras escolas (no âmbito do projecto Comenius), que cria adicionalmente novas oportunidades para o seu enriquecimento. Entre as actividades de manutenção habituais de que é alvo, contam-se a limpeza e a verificação de etiquetas.

A ligação do Clube e do Museu à comunidade é visível nos diversos contactos estabelecidos com diversas instituições, na procura de colaboração e/ou esclarecimento, nomeadamente:

- Câmara Municipal do Seixal;
- Centro de Arqueologia de Almada,
- Câmara Municipal de Almada;
- Ecomuseu do Seixal.

Como principais limitações são referidas algumas dificuldades, como a de sensibilização inicial da comunidade escolar, pelo carácter demasiado “arrojado” do projecto, e a de coordenação de horários para manter o Clube a funcionar com todos os professores envolvidos.

Por vezes, é definido anualmente um tema a desenvolver, como por exemplo:

- 2000/2001 – “A presença romana na Península Ibérica”;
- 2002/2003 – “A presença muçulmana na Península Ibérica”.

Como solução para o problema do espaço, existe a intenção de distribuir o espólio, exposto no interior de vitrinas, por várias zonas da escola, e proceder à transferência do material audiovisual existente no Clube para o Centro de Recursos Educativos, do qual passará a fazer parte integrante.

Na Escola Dr. Manuel Candeias Gonçalves, a dimensão do acervo já exposto, no interior de três vitrinas, no átrio do Bloco A, poderá conduzir, à primeira vista, a uma ideia errónea de “insignificância” e a uma incorrecta avaliação do trabalho envolvido. Mas uma análise mais atenta, no decurso de uma visita guiada pela professora do grupo 11º B responsável por este “pequeno” Museu de História Natural, rapidamente permite desfazer o equívoco. De facto, o trabalho de recolha, preparação, identificação e caracterização, dos esqueletos, ninhos, penas e outras peças congéneres que este curioso espólio inclui, brilhantemente rematado por uma exposição cuidada e lógica, cedo se torna digno de admiração, principalmente quando se constata o real envolvimento, passo a passo, dos alunos do Clube de Ciências (criado no ano lectivo de 1997/98), em todo o processo.

Nascido na sala do Clube, o Museu vai crescendo a partir dela, e a única limitação revelada parece ser a referente à aquisição de novos expositores para as peças ainda em estudo, tal como as restantes produto de recolhas durante saídas de campo, para cuja realização a Câmara Municipal de Odemira e empresas diversas da região têm facultado os meios de transporte necessários.

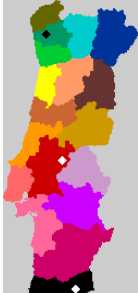
O Clube, que dispõe de uma biblioteca própria (a aquisição de material didáctico tem sido efectuada em relação com o Programa Ciência Viva), procura por vezes a colaboração de especialistas da Universidade de Évora, particularmente no que se refere à classificação de crânios e de ninhos, e à montagem de esqueletos.

Da análise do que atrás foi exposto, pode facilmente concluir-se que se está em presença de um interessante leque de relações diferenciadas entre os Museus e Clubes em causa (Tabela VIII). Contudo, embora por razões distintas, nenhum destes seis museus poderia sobreviver, no momento actual, sem o Clube correspondente.

2.4.2.2.3 Categoria N

Este grupo, caracterizado pela utilização predominante do espaço de “Museu” para a realização de exposições temporárias, inclui ao todo três escolas (Figura 24), localizadas, respectivamente, no Norte, Centro e Sul do País:

- 18MUS – Escola Secundária de Alberto Sampaio – Braga;
- 382MUS – Escola Básica com Ensino Secundário D. Maria II – Vila Nova da Barquinha;
- 465MUS – Escola Secundária Dr. Francisco Fernandes Lopes – Olhão.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
18MUS	1884 Escola de Desenho Industrial	1980
382MUS	1971 Escola Preparatória	1991
465MUS	1962 Escola Industrial	1977

Figura 24 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria N.

Na Escola de Alberto Sampaio, a forma encontrada para preservar e divulgar à comunidade um acervo não muito abundante, mas dotado de algum interesse, foi a criação da Sala-Museu Alberto Sampaio, produto da concretização de um projecto da autoria do Conselho Executivo então vigente (há cerca de seis anos), com a particular participação de uma professora do grupo de História, hoje conservadora do Museu.

O espólio, cuja inventariação e catalogação se encontram já finalizadas, é predominantemente constituído por peças de mobiliário e trabalhos de natureza diversa realizados por alunos, integrando também instrumentos de várias disciplinas. Pretende-se ainda, uma vez que o espaço faz parte da Biblioteca, que os livros em reserva desta também sejam incluídos na Sala-Museu. Não surpreende pois que, no momento actual, em que já poucas peças dispersas pela escola restarão por recolher, a realização de exposições temáticas tendo como fulcro exemplares do acervo, acompanhada pela produção dos correspondentes guiões, constitua a actividade predominante. Pode, no entanto, ocorrer a requisição do espaço, integrada nos projectos de escola, para outros eventos, mesmo que não relacionados com o espólio.

Tabela VIII – análise comparativa da relação Museu-Clube nas escolas da categoria M.

	A origem do Museu é anterior à do Clube com a qual se relaciona	A origem do Museu é posterior à do Clube com a qual se relaciona	As origens do Museu e do Clube são independentes	O Museu motivou a criação do Clube	O Museu foi criado pelo Clube	O Museu foi revitalizado pelo Clube	O Museu e o Clube constituem uma unidade coesa e homogênea	O Museu e o Clube revelam uma dualidade clara mas articulada	O Museu e o Clube não revelam articulação	O Museu existe desde a criação da escola	O Museu é posterior à criação da escola	Relação com as Ciências Naturais	Relação com a Etnografia	Relação com a História
63MUS		■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■	■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■	
98MUS			■ ■ ■ ■ ■						■ ■ ■ ■ ■	■ ■ ■ ■ ■	■ ■ ■ ■ ■	■ ■ ■ ■ ■		
162MUS	■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■	■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■		
411MUS		■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■
428MUS		■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■	■ ■ ■ ■ ■		
434MUS	■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■			■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■		■ ■ ■ ■ ■		

Na Escola D. Maria II, a origem da Galeria/Museu (sala de exposições) é de certa forma nebulosa, dada a fragmentação da informação que a ela parece referir-se, directa ou indirectamente, e à terminologia utilizada. Da análise efectuada não é possível criar uma imagem clara da sequência de iniciativas e projectos que terão culminado na situação actual:

- no Projecto Educativo para o triénio 1999/2002, refere-se que o Centro de Recursos da escola integra, para além de “...um gabinete audiovisual, um laboratório de fotografia, uma sala de Informática (Programa Nónio Século XXI), Biblioteca e um pequeno Núcleo Museológico”;

- no Plano de Actividades para 1999/2000, surge explicitamente referida como actividade a desenvolver no âmbito dos recursos educativos, “...a melhoria do Museu da Escola”;

- no Relatório Anual de Actividades do Centro de Recursos Educativos referente ao mesmo ano, e relativamente ao “projecto Museu”, referem-se como principais limitações ao seu desenvolvimento, a falta de espaço para reservas e o reduzido envolvimento dos professores nas iniciativas levadas a cabo;

- é ainda referido no mesmo relatório que a sala pode ser e foi usada para outros eventos (como por exemplo a Semana da Matemática), e que foram estabelecidos contactos com os Museus de Torres Novas e dos Riachos no sentido de formalizar protocolos de cooperação.

Pode pois deduzir-se que, apesar das dificuldades de definição nítida do seu percurso global, a Galeria/Museu e o projecto que lhe está hoje subjacente são detentores de um carácter dinâmico, que parece indesmentível quando se consideram as exposições realizadas ou a realizar a curto prazo:

- “D. Maria II – o nascimento de um concelho”, durante o 1º período do ano lectivo de 1999/2000, para inauguração da sala finalmente apetrechada;

- “A segurança” – 2º período de 1999/2000;

- “O achamento do Brasil – a redescoberta” – 3º período do mesmo ano lectivo;

- “Semana da segurança”, com a colaboração dos Bombeiros Voluntários, prevista para o ano lectivo de 2001/2002.

Estava ainda prevista uma exposição a realizar nas comemorações dos trinta anos da escola, durante a qual se procederia a uma eventual recolha de doações.

Na Escola Dr. Francisco Fernandes Lopes, a Expoteca, criada no ano lectivo de 1999/2000, como produto de um projecto da autoria de um professor do 10º grupo A, vê por enquanto cumprido apenas o primeiro dos seus dois objectivos fundamentais:

- constituir o espaço de eleição para a realização de exposições temporárias;

- acolher um Núcleo Museológico de Ciência Viva.

A comprovar o cabal desempenho da primeira função referida, estão seis exposições realizadas no próprio ano da sua abertura, e cinco outras, no ano seguinte, respectivamente:

- “Teatro da Vida – 1989/1999”;
- “Planeta Terra”;
- “Artes Plásticas”;
- “O Descobrimento do Brasil – 1500/2000”;
- “Terra – Fonte de Recursos”;
- “Artes Plásticas”;
- “Visita ao Mundo da B. D.”;
- “Estórias na Boca de um Povo”;
- “Engenhos Sonoros”;
- “Preto e Branco”;
- “25 de Abril de 1974 – Era uma vez um país...”.

A Expoteca corresponde a uma sala contígua ao Centro de Aprendizagens e Recursos, frequentado pelos alunos, com o qual comunica por uma porta. Ambos possuem o mesmo horário de funcionamento, sendo a abertura da Expoteca efectuada pelos funcionários do Centro.

Não possuindo espólio próprio, a Expoteca pode fazer uso de peças integrantes do espólio da escola, dispersas e inventariadas pelos diferentes grupos disciplinares onde são criadas ou/e a que pertencem.

Antiga sala de aula, encontra-se hoje transfigurada por uma primorosa transformação do espaço, em que se aproveitou a zona das janelas para a instalação de vitrinas, o que conduziu a um inevitável escurecimento, problema logo solucionado através de um sistema de iluminação.

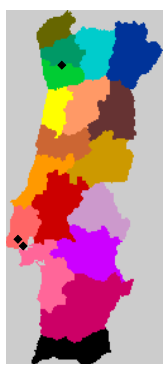
Não pode deixar de se estabelecer uma relação causa-efeito entre um projecto tão bem conseguido e a comprovada ligação do seu autor a práticas relacionadas com o domínio da Museologia, entre as quais pode referir-se a participação em acções de formação, encontros, e projectos.

Percebe-se assim o cuidado dispensado aos mais ínfimos pormenores da montagem de cada exposição, e envolvendo painéis, documentos de informação complementar, banda sonora, material didáctico de apoio (por vezes catálogos), entre outros.

2.4.2.2.4 Categoria O

São igualmente apenas três as escolas deste grupo (Figura 25), em que o espólio do Museu/Núcleo Museológico é integralmente produto de doações:

- 30MUS – Escola Secundária Martins Sarmiento – Guimarães;
- 299MUS – Escola Secundária Marquês de Pombal;
- 356MUS – Escola Secundária Seomara da Costa Primo – Amadora.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
30MUS	1891 → 1896 Pequeno Seminário de Nossa Senhora da Oliveira → Seminário – Lyceu	1960
299MUS	1884 Escola de Desenho Industrial	1963
356MUS	1980 Escola Básica	1980

Figura 25 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria O.

Na Escola Martins Sarmiento, o Museu de Mineralogia, localizado num dos amplos corredores da escola, com os seus numerosos e por vezes invulgares exemplares dispostos no interior de vitrinas inseridas de forma harmoniosa no espaço disponível, é o testemunho do cuidadoso aproveitamento de um espólio (inventariado e em fase de catalogação) integralmente doado à escola por um antigo professor, hoje aposentado.

Foi igualmente este seu gesto que conduziu à criação do Núcleo Museológico com o seu nome (Núcleo Museológico Dr. Adérito Freitas).

Na Escola Seomara da Costa Primo, um protocolo assinado com a Câmara Municipal da Amadora, em 1989, por iniciativa de duas professoras de História, permitiu o início de um conjunto de actividades de recolha do “Espólio Seomara”, que culminaram, dez anos mais tarde, na criação do Núcleo Museológico Seomara da Costa Primo, localizado em sala exclusiva. Esta situação, fruto do esforço e persistência das autoras do projecto, pode ser considerada, a nível nacional, como uma excepção, talvez a única em que foi possível o privilégio de um apetrechamento do espaço planificado ao mais ínfimo pormenor. Para aqueles a quem involuntariamente oprime a atmosfera dos museus mais convencionais, torna-se este espaço, onde os cheiros do antigo e do novo se misturam com notável fluidez, surpreendentemente apetecível.

O espólio, hoje diversificado e rico, onde predominam talvez as aguarelas, foi sendo progressivamente enriquecido, prosseguindo a procura de novas doações ou cedências. O seu estudo permite uma visão clara do percurso de vida multifacetado da patrona da escola. Pretende-se reforçar também a vertente da divulgação do Núcleo Museológico, já iniciada na Internet. As professoras responsáveis reconhecem a lentidão de um processo, não tanto a nível burocrático, mas sim pela exigência de tempo necessário à realização das múltiplas actividades que vão tentando dinamizar, e de que são exemplo:

- inventariação/documentação do acervo, com participação activa dos alunos no preenchimento das fichas, sob a orientação de professores;
- registo fotográfico de cada peça, com a colaboração do Núcleo de Fotografia;
- informatização, com o envolvimento do Grupo de Informática, das fichas de documentação;
- utilização de peças do espólio como ponto de partida para a realização de trabalhos expostos em vários locais da escola, como por exemplo o denominado “Espaço-memória: 1996”.

As visitas da comunidade escolar são realizadas após cuidada planificação, e o público exterior pode também visitar o Núcleo Museológico mediante solicitação, tentando-se enquadrar as visitas no infelizmente reduzido horário de abertura, que vai variando de ano para ano, de acordo com o horário dos professores.

Para além dos objectivos gerais que inspiraram a elaboração do projecto, o seu desenvolvimento obedece a objectivos específicos anuais, cujo cumprimento é discutido em relatório apresentado no final de cada ano lectivo.

Ao sucesso inquestionável desta iniciativa, tal como se verifica relativamente à Expoteca da Escola Dr. Francisco Fernandes Lopes (ponto 2.4.2.2.3), não será certamente alheia a frequência de acções de formação e cursos no domínio da Museologia, pelas suas autoras, e a aprendizagem pessoal de técnicas específicas que, sempre que necessário, procuram adquirir.

Na Escola Marquês de Pombal, a Sala-Museu Leopoldo Battistini existe graças à doação, pela sua discípula Maria de Portugal, dos trabalhos do artista em sua posse, à Escola onde ele fora professor durante vinte e oito anos. A este acervo inicial veio juntar-se, cedido pelo Estado após a morte (sem herdeiros e sem testamento) de Maria de Portugal, um conjunto de exemplares onde se incluíam:

- obras de Leopoldo Battistini;
- composições da própria Maria de Portugal;
- estudos de vários outros discípulos do artista (anos vinte).

A cedência temporária de algumas peças do Museu, para integrarem uma exposição realizada em Jesi, Itália, terra natal do artista, nas comemorações do seu centenário, serviu de estímulo para a recuperação e valorização do espólio, tendo algumas das obras sido posteriormente (em 1987) objecto de restauro, efectuado pelo Instituto José Figueiredo, com o apoio do Instituto Português do Património Cultural, por requerimento da Escola Secundária Marquês de Pombal.

As obras de Leopoldo Battistini que integram a Sala-Museu distribuem-se pelas seguintes categorias:

- pastel;
- óleo;
- carvão;

- aguarela;
- azulejo;
- louças decorativas.

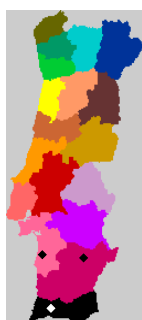
Ao longo das décadas que se seguiram à sua inauguração, em 1969, o espaço da Sala-Museu sofreu diversas alterações, em que a disposição primitiva foi sendo sucessivamente modificada. Actualmente está em desenvolvimento um projecto com o qual se pretende obviar a progressiva degradação do espólio, através de uma optimização das condições de exposição e reserva, pelo que a maior parte das obras foram já transferidas para outros locais, onde permanecerão temporariamente, estando a sua conservação sob a responsabilidade mais directa de uma professora do 5º grupo.

Apesar das várias publicações que se lhe referem especificamente, a Sala-Museu Leopoldo Battistini permanece ainda hoje praticamente desconhecida, até mesmo da comunidade escolar que a pode mais facilmente visitar.

2.4.2.2.5 Categoria P

Também neste grupo estão incluídas três escolas (Figura 26), caracterizadas pela coexistência de um espaço “interactivo” e de uma exposição permanente de Ciência. São elas:

- 423MUS – Escola Secundária de Diogo de Gouveia – Beja;
- 453MUS – Escola Secundária Padre António Macedo – Santo André;
- 467MUS – Escola Poeta António Aleixo – Portimão.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
423MUS	1852 Liceu	1937
453MUS	1983 Escola Secundária	1983
467MUS	1965 Liceu	1965

Figura 26 – distribuição geográfica e origem das escolas da categoria P.

Na Escola de Diogo de Gouveia, o *Lyceum* está estruturado em quatro módulos fundamentais, tendo como tema central “O Homem”:

- “Lugar do Homem”, onde é abordada a temática da origem do universo e do sistema solar;
- “Da Célula ao Homem” (ou “A Casa do Homem”), onde se apresenta a evolução do planeta Terra após a sua criação, desde o Pré-Câmbrico ao Quaternário;

- “ O Homem”, módulo em que convergem todos os outros e se descreve sucintamente o processo de hominização;

- “O Homem e o Universo”, no qual através de quarenta e cinco experiências de natureza interactiva se problematiza a interpretação, pelo homem, dos fenómenos do mundo que o rodeia.

A origem do *Lyceum* remonta ao ano de 1998.

Na escola Padre António Macedo, e no contexto da profissionalização de uma professora do grupo disciplinar 4º A, vai ganhando corpo, desde o ano lectivo de 1999/2000, um Museu que alberga um espólio crescente cujo conteúdo tem duas naturezas distintas:

- trabalhos realizados pelos alunos;
- equipamentos adquiridos.

O facto de a sala ocupada pelo Museu (Laboratório de Física) ser simultaneamente espaço de aulas, limita a exploração do espólio em termos interactivos a certos momentos do ano, em particular à Semana da Ciência, em que cada experiência realizada é da responsabilidade de um grupo de alunos. Também na exposição do acervo, igualmente por limitações de espaço, não é explorada toda a sua potencialidade, a não ser no decurso de exposições temporárias por vezes montadas no exterior da escola.

Na Escola Poeta António Aleixo, o Espaço Exploratório, existente desde 2000, revela uma semelhança notável com o módulo “O Homem e o Universo” do *Lyceum* da Escola de Diogo de Gouveia, pela sua natureza interactiva.

Na realidade, a sua construção corresponde a um dos três objectivos fundamentais do respectivo projecto. Os restantes dois são:

- melhorar o ensino experimental e as aprendizagens científicas dos alunos, em especial dos mais novos (áreas disciplinares abrangidas – Meio Físico, Ciências da Natureza, Ciências Físico-Químicas e Matemática);
- formar e qualificar para a sociedade de informação, através do contacto com novas tecnologias/equipamentos.

Tal como nas duas escolas anteriores, também a construção deste espaço ocorreu no âmbito do Programa Ciência Viva.

2.4.2.2.6 Categoria Q

A única escola deste grupo ([Figura 27](#)), constitui sem qualquer dúvida o exemplar mais raro de todas as escolas visitadas, não só no continente português mas também, em conjunto com uma escola

espanhola onde se verifica uma situação equivalente no contexto aqui tratado, em toda a Península Ibérica.



Código	Ano de criação Tipo	Instalação no edifício actual
426MUS	1991 Escola C+S	1992

Figura 27 – distribuição geográfica e origem da escola da categoria Q.

Trata-se da Escola Básica com Ensino Secundário de S. Sebastião, em Mértola.

A intervenção arqueológica da equipa do Campo Arqueológico de Mértola (C. A. M.), permitiu a identificação e estudo de 183 sepulturas (predominantemente dos séculos I e II d.C.) descobertas no terreno da escola durante a construção de novos blocos em 1988, e que, na sua maioria, viriam a ser sacrificadas pelas obras. As restantes, ainda em número significativo, foram preservadas, tendo sido desenvolvido um projecto de investigação histórico-documental que culminou com a reconstrução de uma Ermida em ruínas também existente no terreno da escola, onde fora erigida, no século XV, em honra de S. Sebastião, e que teve a participação da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça. O espólio obtido nas escavações está habitualmente exposto no interior da Ermida.

Os diferentes parceiros (Escola Secundária de S. Sebastião, C. A. M., Câmara Municipal de Mértola e Escola Profissional Bento de Jesus Caraça), organizam todos os anos um dia (geralmente 20 de Janeiro, em que se comemora o aniversário da escola) aberto à comunidade, em que decorrem acções de sensibilização (destinadas às turmas dos 5º e 6º anos) e palestras e outras actividades de divulgação, de preferência integradas nos programas e realizadas por pessoas intervenientes em todo o processo de recuperação (para as turmas do secundário). Também a 18 de Maio de cada ano (Dia Internacional dos Museus) são efectuadas visitas de outras escolas.

Esta escola foi contemplada, em 1996, pela OCDE, com o prémio Florilégio de Estabelecimentos de Ensino Exemplares, pela “... modernidade, beleza e utilidade dos equipamentos e pela sua integração com o património cultural e com a comunidade local”.